



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Geografia do Ciberespaço

Volume 2

Adenilson dos Santos Vitorino Costa



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:

**FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000
Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Geografia

UERJ – Glaucio José Marafon

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo da Cunha
Paulo Vasques de Miranda

Supervisão de Design Instrucional

Gabriel Ramos Gomes

Design Instrucional

Cíntia Barreto
Lívia Tafuri Giusti
Renata Vittoretti
Vittorio Lo Bianco

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Revisão Linguística e Tipográfica

Anna Maria Osborne
Elaine Bayma
José Meyohas
Licia Matos
Maria Elisa Silveira

Ilustração

Fernando Romeiro

Capa

Fernando Romeiro

Programação Visual

Camille Moraes
Cristina Portella
Filipe Dutra
Maria Fernanda de Novaes
Mario Lima

Produção Gráfica

Patrícia Esteves
Ulisses Schnaider

Copyright © 2015, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

C837

Costa, Aldenilson dos Santos Vitorino.

Geografia do Ciberespaço: volume 2/Aldenilson dos Santos Vitorino
Costa. – Rio de Janeiro: Cecierj, 2015.

170 p.; Il. 19 x 26,5 cm

ISBN: 978-85-458-0013-2

1. Tecnologia da informação. 2. Ciberespaço. 3. Redes sociais.
4. Internet. I. Título.

CDD: 303.4833

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gustavo Tutuca

Instituições Consorciadas

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Sumário

Aula 8 • A <i>lan house</i> e a inclusão digital	7
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 9 • Internet e vida cotidiana	25
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 10 • Internet na escola	47
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 11 • Tecnologia de informação e comunicação e o ensino de Geografia	67
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 12 • Movimentos sociais e o ciberespaço	85
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 13 • “Caiu na rede é peixe”: ciberespaço e a revolução recente no mundo árabe	107
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 14 • “Caiu na rede é peixe”: ciberespaço e os levantes populares em junho de 2013 no Brasil	127
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Aula 15 • Ciberespaço, cotidiano e espaço público: temas para debates	149
<i>Aldenilson dos Santos Vitorino Costa</i>	
Referências	169

Aula 8

A lan house e a inclusão digital

Metas

Trabalhar as ações privadas que, direta ou indiretamente, promovem a inclusão digital, uma das principais campanhas do século XXI, que está inserida na pauta do desenvolvimento social na atualidade; estudar o papel social das *lan houses*, na medida em que ampliam as possibilidades de obtenção de informação através do acesso à internet.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. situar a *lan house* no contexto de mudanças globais;
2. identificar a contribuição das *lan houses* no processo de inclusão digital e social;
3. avaliar os limites e potencialidades da ação privada para a inclusão digital;
4. analisar o motivo pelo qual as *lan houses* saem de áreas centrais e migram para áreas populares.

Pré-requisito

Para melhor compreensão do que iremos estudar, sugerimos que você releia a Aula 4 (“Popularização da internet”).

Introdução

“Tecnologia é sociedade” (BENAKOUCHE, 2005). Ela surge da sociedade e condiciona a ação da mesma. Contudo, as pessoas não nascem sabendo utilizar os novos meios tecnológicos. Muito embora alguns considerem a existência de nativos digitais (PALFREY; GASSER, 2011), estes somente podem ser atestados quando consideramos também a inclusão digital.

Na aula anterior, você conheceu as ações dos governos no sentido de re-alizar uma ampla inclusão digital. Contudo, a ação pública não alcança toda a sociedade. Assim, a inclusão digital brasileira abrange os atores privados, que agem diretamente nesse processo.

Lan house

Você já deve ter observado, no seu bairro, na sua cidade, ou mesmo no seu círculo de amigos, que muitas pessoas frequentam ou já frequentaram uma *lan house* em algum momento, seja para um simples acesso à internet, para jogar, ou mesmo para imprimir ou escanear documentos.

Talvez você esteja pensando no motivo de considerarmos a *lan house* no entendimento da Geografia do Ciberespaço. Além disso, essa pergunta deve estar associada a uma reflexão sobre o fato de que, hoje, é cada vez menor o uso de *lan houses*, já que tivemos uma ampliação do acesso à internet residencial.

Com efeito, as *lan houses* cumpriram, no Brasil, sobretudo na primeira década do século XXI, um importante papel para a inclusão digital (NAZARIO; BOHADANA, 2012). Por mais que tenham caráter privado (certamente, estão ali para produzir lucro), elas possibilitaram a inúmeras pessoas conhecerem o computador e se familiarizarem com as tecnologias de informação e comunicação.

É evidente que os jovens e adolescentes da atualidade conhecem as *lan houses* muito mais do que os adultos e idosos. Porém, esse espaço privado, comercial por excelência, cumpre um papel fundamental na ampliação da inclusão digital, principalmente naqueles lugares onde a ação pública não se faz tão presente.

Mas, afinal de contas, o que é uma *lan house*?

De acordo com Mateus (2006, p. 3), trata-se de “um local, aberto ao público em horas predefinidas, como qualquer outro estabelecimento

CGI

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) foi criado para coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços de internet no país, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados.

Composto por membros do governo, do setor empresarial, do terceiro setor e da comunidade acadêmica, ele representa um modelo pioneiro de governança na internet, no que diz respeito à efetiva participação da sociedade nas decisões envolvendo a implantação, a administração e o uso da rede.

comercial, onde as pessoas pagam para utilizar um computador ligado em rede e com acesso à internet”. Além disso, de acordo com o CGI (2010, p. 11), “as *lan houses* constituem uma oportunidade para a participação cidadã e para o trânsito no mundo cultural, educacional e de lazer, por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICs)”. Esses empreendimentos também expressam uma dinâmica mais complexa, ligada à globalização, cuja cara geográfica se manifesta através do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008a).



Almig

Figura 8.1: Lan house.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/almig>

Milton Santos

O autor desenvolve, em inúmeras de suas obras, o conceito de meio técnico-científico-informacional. Na sua busca por compreender o espaço, objeto de estudo da Geografia, ele considera também a evolução tecnológica. Tal evolução, segundo Santos, promoveu transformações tanto na ordem objetiva da sociedade, como na subjetiva. Dentre as obras do autor, sugerimos a leitura atenta do livro *Metamorfoses do espaço habitado* (2008a), dado o seu caráter simples e direto. Em outro momento, leia *A natureza do espaço* (2008b), sua obra mais completa sobre este tema tão amplo: o espaço.

Meio técnico-científico-informacional é um conceito cunhado por **Milton Santos**, que, ao analisar o espaço, considera a informação como motor privilegiado (SANTOS, 2008a). De acordo com o autor, antes vivíamos um período apenas técnico, em que o homem utilizava formas diversas de “fazer”. Fazer o quê? Qualquer coisa. Porque técnica é isso: um modo de fazer. Contudo, essa forma de fazer as coisas, ao longo do tempo e com a evolução científica, foi apropriada pelas cientistas. Nesse momento, temos a junção entre técnica e ciência, que alguns consideram ser o nascimento da tecnologia (PINTO, 2005).

Vale destacar a importância que a constituição do meio técnico-científico-informacional tem no processo de penetração da internet na sociedade, promovendo, assim, a inclusão digital. Isso significa dizer que, no momento em que se consolidam as bases materiais para a plena difusão da informação, criam-se os elementos necessários à inclusão digital. Esse meio técnico-científico-informacional constitui um conjunto de elementos que une as tecnologias. Com o desenvolvimento científico, tal meio ganha a dimensão global, mas com o período informacional, ele passa a se inserir em todos os domínios da sociedade.

Não obstante, quando acontece a junção de técnica (modo de fazer) com ciência, temos que considerar alguns momentos da história da humanidade, como a Revolução Industrial. Nesse período, temos um meio que é técnico-científico: “Trata-se, agora, de uma verdadeira interdependência entre a ciência e a técnica, contrariamente ao que acontecia outrora” (SANTOS, 2008a, p. 18). Todavia, é no último estágio da revolução, por volta de 1970 e 1980, que se une à técnica e à ciência um fator que hoje é o motor da história: a informação. Esse meio técnico-científico-informacional considera que:

[...] A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientifização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço (SANTOS, 2008c, p. 148).



Na Aula 5 (“Da condição urbana à condição tecnológica na cidade”), vimos como a Revolução Industrial possibilitou a transformação da cidade. Na Aula 3 (“História do ciberespaço: da base material à transformação imaterial”), também mostramos como considerar a Revolução Industrial nas condições materiais para a existência do ciberespaço. Essa revolução fez com que o homem transformasse não só a maneira de produzir, como também a de pensar e agir no espaço.

A informação passa a estruturar o território com lógicas cada vez mais fluidas. Nesse contexto, a *lan house* insere-se numa dinâmica global em que o acesso à informação torna-se primordial. Ela é, portanto, um espaço que potencializa o acesso à internet, e um dos empreendimentos que caracterizam o meio técnico-científico-informacional.

No Brasil, tais empreendimentos foram de grande importância, tendo possibilitado que muitas pessoas conhecessem a internet e, assim, o ciberespaço.

Não queremos, aqui, superestimar as *lan houses*, afinal de contas, elas são privadas e têm a lógica do lucro. No entanto, devemos considerá-las fundamentais para uma ampliação do acesso ao ciberespaço, pois as políticas públicas governamentais não promovem uma vasta inclusão digital. Podemos dizer que se trata de uma relação de complementariedade, já que, em função dos limites das ações públicas governamentais, a ação privada acabou por complementar a política de inclusão digital.

Segundo pesquisa do Comitê Gestor de Internet do Brasil, as *lan houses* são hoje o caminho mais curto para facilitar e ampliar o acesso à tecnologia. Mas, para que elas promovam uma inclusão digital efetiva e completa, é preciso que façam a ponte entre educação, cidadania e empreendedorismo, e que se transformem em negócios sociais, ambientais e sustentáveis.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/cat/posts/2009/06/19/lan-houses-caminho-da-responsabilidade-social-197174.asp>. Acesso em: 18 dez. 2014.

Para viabilizar as *lan houses*, algumas políticas foram desenvolvidas, como o CDI (Comitê para a Democratização da Informática), parceria público-privada que busca incentivar a população a investir no setor. Em parceria com o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), o CDI possibilita não só a criação de *lan houses*, como também a sua manutenção, além de idealizar o empreendimento como promotor de uma educação para o mundo digital.



Figura 8.3: CDI Lan no estado do Pará.

Fonte: http://www.flickr.com/photos/cdi_europe

Em seu *site*, o Comitê para a Democratização da Informática conta sua história:

O CDI surgiu em 1995, a partir de uma grande campanha de arrecadação de computadores, “Informática para Todos”. Naquela época, ficou claro que não adiantava somente disponibilizar computadores para pessoas socialmente excluídas, pois elas não sabiam como utilizá-los, era preciso capacitá-las e sensibilizá-las para usar a ferramenta tecnológica. Foi assim que nasceu a primeira Escola de Informática e Cidadania (EIC) da ONG, no morro Dona Marta, Zona Sul do Rio de Janeiro, oferecendo cursos básicos de informática, por meio de uma metodologia pedagógica própria do CDI, que é inspirada nos preceitos do educador Paulo Freire. Trata-se de uma ONG apartidária, que utiliza as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) para melhorar a qualidade de vida da população de base da pirâmide e fomentar o exercício pleno da cidadania e estimular o empreendedorismo.

Disponível em: www.cdi.org.br/quem-somos/historia. Acesso em 18 dez. 2014.

Vejamos, em números, o alcance do CDI desde que foi criado:

Tabela 8.1: Alcance da ação do CDI no processo de inclusão digital

Espaços de inclusão digital	715
Vidas impactadas desde 1995	1.58 milhão
Beneficiários diretos em 2013	46.072
Educadores em 2013	1.890
Países com presença de CDI	10

Fonte: <http://www.cdi.org.br/>

ria dos últimos anos, podemos compreender que tal empreendimento é uma das expressões da globalização.

Isso significa dizer que a *lan house* só tem sentido na medida em que está inserida num contexto em que a informação ganha proporções globalizadas. Mais do que isso, ela, ao contribuir para a inclusão digital, também insere os mais diversos sujeitos no contexto informacional.

Desse modo, considerar o meio técnico-científico-informacional implica considerar as formas materiais criadas em decorrência dele, e a *lan house* insere-se nesse contexto. Mesmo assim, toda forma exige uma função, que existe a partir do momento em que os indivíduos que a utilizam partilham das ideias da globalização.

2. As *lan houses* cumprem importante papel na medida em que, mesmo tendo caráter privado, ampliam as possibilidades de acesso à internet. É importante notar, também, que, em função dos limites das políticas públicas governamentais de inclusão digital, o setor privado acaba entrando nos lugares mais longínquos, onde a ação pública não penetra plenamente.

Assim, ao chegar a determinados lugares, as *lan houses* contribuem para a inserção da população numa lógica informacional, atualizando o conteúdo local a partir de contatos com o espaço global. A despeito de todas as críticas ao setor privado, temos que reconhecer que, desde que haja uma parceria público-privada para a inclusão digital, certamente avançaremos no desenvolvimento da sociedade.

Lan houses no mundo

Você deve estar pensando que o fenômeno das *lan houses* ocorreu só no Brasil. Porém, ele não é apenas brasileiro. Inúmeras localidades ainda mantêm esse espaço ativo para acesso à internet. Diferentemente do Brasil, onde as *lan houses* estão cada vez menos presentes, em outros países, elas ainda são importantes, como no Peru, na Argentina etc. Diversos locais dispõem, também, de estabelecimentos com a mesma finalidade, muitos deles sendo chamados de **cibercafés** (FINQUELIEVICH; PRINCE, 2007).

Cibercafé

“Espaço público onde se pratica a venda de bebidas e a disponibilização de computadores ligados à internet. Trata-se de uma loja comercial do ramo hoteleiro”. (MATEUS, 2006, p. 6).



Lucy Nieto

Figura 8.4: Lan house no México.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/lucynieto>

Também na Ásia as *lan houses* são populares. Segundo reportagem do portal R7 do dia 07/04/2010, existem 81 mil desses estabelecimentos na China. Ainda, em matéria veiculada no Jornal Nacional, em 18/03/2010, é apontado que “no Japão, as *lan houses* estão se tornando a casa de muita gente – literalmente. Além de conexão super-rápida com a internet, muitos desses locais já oferecem camas, comida, bebida e até banheiro com chuveiro para os usuários.”



Hachimaki

Figura 8.5: Lan house na cidade de Seul, Coreia do Sul.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Korean_culture-PC.bang-01.jpg

Na Coreia do Sul, há uma regulação quanto ao período de uso da lan house, sobretudo, no que se refere a jogos, limitados a quatro horas por dia. Veja mais no *site* Techtudo: <http://www.techtudo.com.br/jogos/noticia/2012/02/gamers-na-coreia-do-sul-pode-rao-jogar-apenas-4-horas-por-dia.html>.



Figura 8.6: Lan house na Tailândia.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/shiva108>

A **Figura 8.6** mostra uma *lan house* na Tailândia. Note como o espaço é informal e bastante despojado, dando a impressão de que o usuário está em casa.

Apesar de suas vantagens, algumas políticas criam limites à ação desses empreendimentos em diversos países. Na China, segundo determinação do governo, as *lan houses* “que atenderem três ou mais clientes menores de idade terão suas licenças revogadas. A regra é mais uma tentativa do governo chinês em manter um controle maior do uso da internet no país” (PRESSE, 2010).



Kake Pugh

Figura 8.7: Lan house na China.

Fonte: http://www.flickr.com/photos/kake_pugh

No Brasil, há políticas parecidas em algumas cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Palmas, onde há leis que regulam o uso das *lan houses* não apenas por menores, mas também por adultos, numa tentativa de controlar os crimes cometidos por meios digitais. No entanto, bem diferentemente do que ocorre no Brasil, na China, elas são frequentadas por indivíduos de todas as classes. Tais limites implicam, no caso brasileiro, uma nova espacialização das *lan houses*.

É evidente que não são apenas as leis que criam barreiras à expansão do empreendimento. Claro que temos que considerar os incentivos à aquisição do computador pessoal, a facilidade de acesso à internet residencial, entre outros fatores. Contudo, todos esses elementos constituem uma sinergia que promove uma decadência das *lan houses* nas áreas centrais, lançando-as para áreas populares.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Considerando que as *lan houses* ainda têm grande expressão em diversos países, como considerar esse empreendimento comercial no contexto da ampla digitalização?

Em pesquisa realizada na cidade de Palmas (capital do estado do Tocantins), Costa (2012) revela que as *lan houses* localizadas nessas áreas centrais e mais nobres são utilizadas de modo bastante funcional. Isto é, as pessoas que fazem uso desses estabelecimentos têm objetivos práticos (impressão, escaneamento, fotocópia, entre outros). O quadro é bem distinto do que ocorria há dez ou quinze anos, época da popularização da internet, quando as *lan houses* se concentravam mais nessas áreas e por meio das quais se obtinha bastante lucro.



Figura 8.8: Lan house no centro da cidade de Palmas.
 Fonte: COSTA, 2012, p. 91.

Observe que, na **Figura 8.8**, o empreendimento está em um ambiente comercial. Segundo o autor, nas áreas mais centrais, até o preço cobrado pelo acesso é superior ao das demais áreas. A isso, somamos os impostos mais altos, a regularização fiscal, entre outros fatores. Todavia, vale lembrar que, já há alguns anos, as *lan houses* estabelecem preços bastante acessíveis, estejam onde estiverem.



Wagnertamanaha

Figura 8.9: Valores cobrados em lan house no bairro de Santa Cecília – SP.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/wagnertamanaha>

As áreas periféricas, populares por excelência, onde as pessoas não dispõem de tanto poder aquisitivo, recebem essas *lan houses* mais intensamente. Isso não significa que as pessoas que habitam áreas populares não tenham condições para comprar um computador ou dispor de internet residencial. De fato, no início da ampliação da inclusão digital, a população menos favorecida não tinha acesso a tais produtos. Porém, tal não é a realidade de hoje. Quantas não são as pessoas da sua rua e do seu bairro que, mesmo não dispondo de tantos recursos, possuem computador e internet?

Ocorre que a existência e, mesmo, a migração das *lan houses* para essas áreas se dá porque em muitos pontos de regiões populares não há cabeamento para o fornecimento de internet. Além disso, as *lan houses* cumprem outro papel nesses locais, que é o de espaço de encontro para jovens e adolescentes (COSTA, 2012; PEREIRA, 2008).

Contudo, perguntamos: qual a natureza desses espaços hoje? E mais ainda: não estariam em plena decadência? Não, eles não estão em decadência. Apenas ganharam novas espacialidades e configurações, cumprindo, hoje, outras funções, tal como revelam as pesquisas de Costa (2012), Moraes (2012), Carvalho (2010), Pereira (2008) e outros estudiosos do assunto.

Finquelievich e Prince apontam que:

A realidade atual dos países em desenvolvimento parece indicar a importância dos cybercafés como atalhos para a integração na sociedade do conhecimento. É muito possível que sejam gradualmente deslocados pelo avanço da banda larga em residências, Wi Fi e Wi Max, telefones celulares, o uso de tecnologias sem fio em geral. Além disso, é desejável que a tecnologia na Sociedade do Conhecimento seja tão difundida, que o papel dos centros privados de acesso público à internet seja relativamente menor em termos quantitativos, mas deve-se reconhecer que seguirão prestando um serviço para os grupos menos favorecidos, assim como os transeuntes. (2007, p. 44-45).

Se, na primeira década do século XXI, as *lan houses* estavam em áreas mais centrais, hoje, encontram-se em áreas populares. Esses estabelecimentos comerciais ocupam diversos ambientes (casas, estacionamentos residenciais, espaços comerciais e outros), mas só se tornam *lan houses* dado o seu conteúdo, a saber, o acesso à internet (imaterial) e todas as relações (formais e informais) que neles se estabelecem.



Figura 8.10: Lan houses em área popular da cidade de Palmas.

Fonte: COSTA, 2012, p. 91.

Com efeito, esse tipo de serviço está inserido numa estrutura que exige o vínculo cada vez maior entre sociedade e tecnologia, sendo as tecnologias de informação e comunicação indispensáveis no tecido social.

O que permite a consolidação da *lan house*, sobretudo nas periferias urbanas, é a popularização da internet no Brasil. Dentre outros aspectos socioeconômicos, temos também que considerar a segregação socioespacial e o aumento do poder de consumo, que fez com que esses estabelecimentos saíssem dos centros das cidades em direção a áreas mais populares.

Conclusão

Na atualidade, considerar a informação como motor privilegiado da sociedade implica considerar os meios pelos quais esse motor ganha força. Um desses meios é a internet. Ao mesmo tempo, a criação de espaços de acesso a ela possibilita uma ampliação na inclusão digital, que, por conta dos limites das políticas governamentais, não se realiza plenamente. Assim, as *lan houses* inserem-se num contexto de grande importância da informação e, mais ainda, atuam como promotoras da inclusão digital, que é hoje uma das vertentes do desenvolvimento social.

Na atualidade, é corrente o pensamento de que as *lan houses* entraram em decadência. Contudo, ao observarmos a dinâmica da globalização e a forma como esta opera sobre tais estabelecimentos, notamos que há uma nova configuração que lhes dá novo sentido. Elas continuam tendo caráter privado, mas com outras dimensões, que traduzem uma nova dinâmica da vida cotidiana.

Atividade final

Atende ao objetivo 4

Explique os fundamentos do processo de migração das *lan houses* das áreas mais centrais para as mais populares.

Resposta comentada

O movimento de migração das *lan houses* das áreas centrais para as mais populares inclui fatores econômicos (acessibilidade ao computador pessoal e à internet residencial) e legais (impostos). Tal processo faz com que as *lan houses* em áreas centrais deixem de ser fonte de lucro, o que inviabiliza a manutenção do empreendimento.

Ao contrário, nas áreas populares, além de contribuir para a inclusão digital, as *lan houses* tornam-se espaço de encontro para jovens e adolescentes. É um empreendimento comercial, como outro qualquer, mas apropriado de outra forma. Isso revela que seu conteúdo não se limita ao acesso à internet, mas também a outros serviços e relações sociais. Dessa maneira, além de papel importante na inclusão digital, a *lan house* também representa fonte ou complemento de renda para uma parte considerável da população.

Resumo

Nesta aula, discutimos sobre o papel da *lan house* na inclusão digital. Conhecemos o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), composto por membros do governo, pelo setor empresarial, pelo terceiro setor e

pela comunidade acadêmica, criado para coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços de internet no país. Trata-se de um modelo de governança pioneiro para gerir a participação da sociedade nas decisões que envolvem a implantação, administração e uso da rede no Brasil.

Identificamos o conceito de meio técnico-científico-informacional, cunhado por Milton Santos, bem como sua importância para o processo de inclusão digital.

Estudamos as características das *lan houses* no Brasil e em outros países, e a influência dos fatores socioeconômicos no seu funcionamento. Pudemos observar também a sua transformação, desde o seu surgimento até a gradativa migração para áreas mais populares, nos dias atuais.

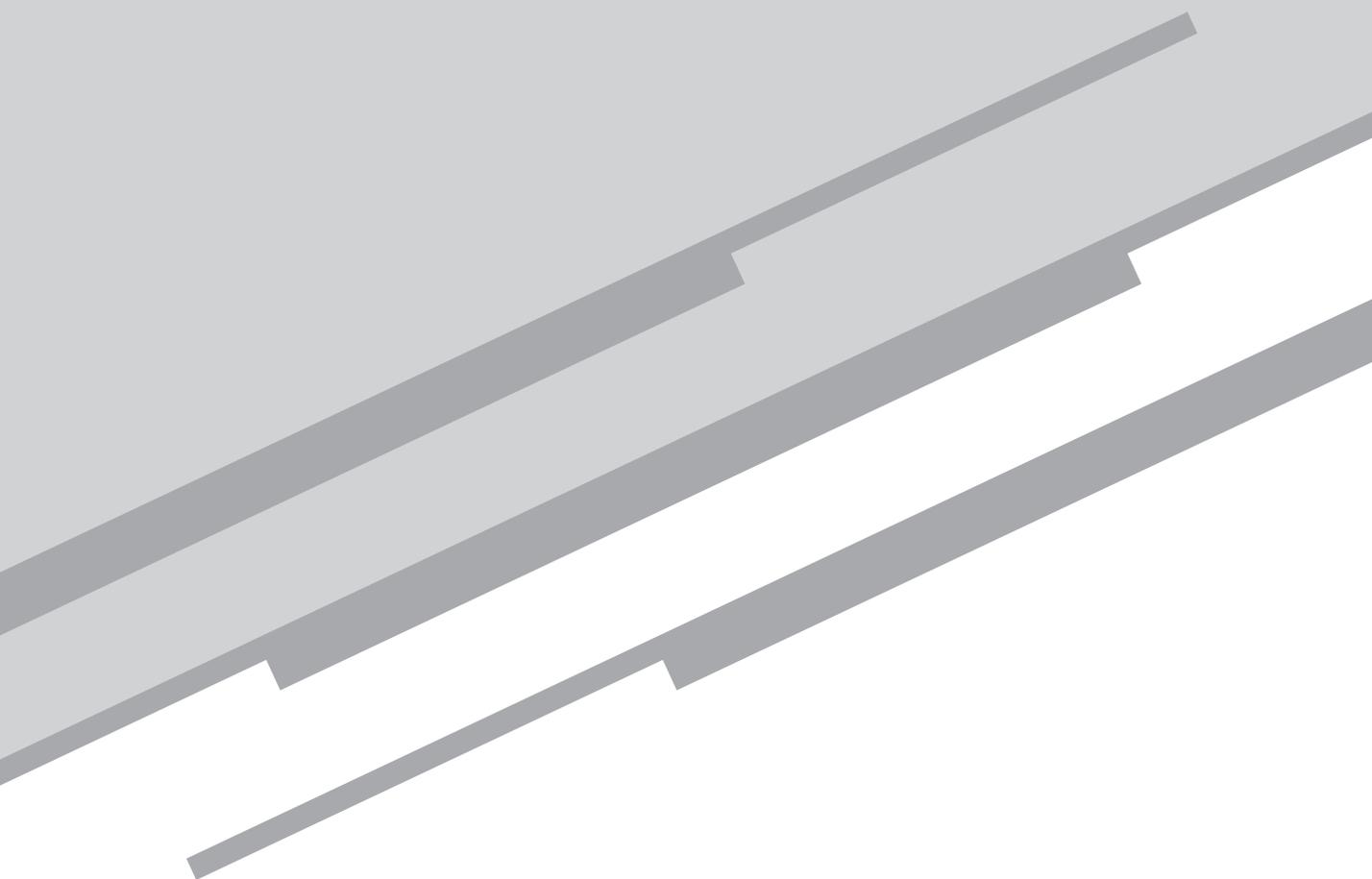
Vimos ainda a importância desse tipo de estabelecimento nos mais diversos lugares, promovendo a inclusão digital que as políticas públicas ainda não alcançaram.

Informação sobre a próxima aula

Na nossa próxima aula, daremos continuidade à temática sobre a inclusão digital, considerando as transformações que ocorrem na vida cotidiana a partir do advento da Geografia do Ciberespaço. Para tanto, apresentaremos uma série de fatos e processos que acontecem na vida cotidiana, revelando as implicações dessa geografia. Você vai perceber que, de certo modo, tornaremos a falar das *lan houses*.

Aula 9

Internet e vida cotidiana



Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Meta

Apresentar fatos e processos da vida cotidiana que revelam as implicações da Geografia do Ciberespaço em todos os domínios da sociedade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as implicações da internet na vida cotidiana;
2. analisar os espaços de sociabilidade promovidos pela internet;
3. analisar o papel das *lan houses* na periferia das cidades.

Pré-requisitos

Para que você assimile com maior facilidade o que iremos estudar, recomendamos ter em mãos as Aulas 1, 3, 7 e 8.

Introdução

Na última aula, afirmamos, conforme Tamara Benakouche (2005), que tecnologia é sociedade, considerando, assim, que ela surge da sociedade e condiciona sua ação. Contudo, ao condicionar a sociedade, a tecnologia implica diversas transformações, que ocorrem nos domínios da materialidade (infraestrutura, formas construídas) e da imaterialidade (relações sociais, formas de trabalho). Além disso, é no domínio do cotidiano que mais se verifica a implicação social da tecnologia. Isso ajuda a compreender a existência de nativos digitais (PALFREY; GASSER, 2011) imersos em uma cultura digital presente no seu cotidiano de forma muito viva.



Sugerimos uma releitura da Aula 3, em que apresentamos os elementos que constituem a base material da Geografia do Ciberespaço. Nela, também estudamos como essa base produz imaterialidades (conteúdos, informações, capitais) que vão transformar as relações de trabalho e as formas de trabalhar e de vivenciar diversas realidades.

Mas de que forma verificamos a presença da tecnologia na vida cotidiana? No seu dia a dia, você deve notar que a tecnologia de informação e a comunicação estão presentes em diversas atividades, como, por exemplo, nas relações de trabalho e sociais. Quantos não são os parentes, amigos, vizinhos com quem você mantém contato através da internet, utilizando aplicativos e programas como Skype, Whatsapp, Facebook? No entanto, mais do que no domínio individual, temos de perceber as ações no domínio da coletividade, como, por exemplo, a maneira como a internet muda e molda as formas de sociabilidade atualmente.

Internet e vida cotidiana

No que a internet muda a vida cotidiana? Em geral, as implicações da internet e das tecnologias de informação e comunicação são mais nítidas na esfera corporativa e nas empresas multinacionais, mas afirmamos que existe uma implicação também no dia a dia.

Não é de hoje que inúmeras pesquisas vêm tratando desse tema. Não só no campo da Geografia, em que citamos pesquisa de Costa (2012; 2009) e Moraes (2012), nem apenas no campo da Antropologia, no qual citamos a tese de Pereira (2008). É importante notar que mesmo a Sociologia e a Comunicação Social também têm se preocupado em compreender as repercussões do atual período informacional na vida cotidiana.

Trata-se de pensar, como aponta Harvey, a criação de um espaço que:

examina como os novos sistemas (reais ou imaginários) de uso da terra, de transporte e comunicação, de organização territorial etc. são produzidos, e como surgem novas modalidades de representação (por exemplo, tecnologia da informação, mapeamento computadorizado ou *design*). (2008, p. 202).

Henri Lefebvre

Filósofo marxista e pensador francês. Afirma ser importante considerar a vida cotidiana na forma como o homem em sociedade produz espaço.

Deve-se pensar, ainda, a partir de uma perspectiva **lefebvriana**, de que forma a criação desse espaço implica diretamente na vida cotidiana.



Na Aula 7, apresentamos uma breve consideração sobre Henri Lefebvre e sua obra sobre a produção do espaço. E em nossa primeira aula, sobre questões conceituais, apresentamos a noção de espaço como basilar para a compreensão da Geografia do Ciberespaço. Entender o espaço é compreender como a sua produção implica considerar tanto elementos de dimensões globais, como particulares.

Assim, o que muda de fato na vida cotidiana quando se inserem nela as tecnologias de informação e comunicação?

De fato é mais fácil compreender tais implicações na dimensão do trabalho, já que a maneira como se trabalha hoje tem, em boa parte das atividades laborais, o uso de tecnologias de informação e comunicação. Você imagina as empresas da avenida Paulista, na cidade de São Paulo, ou mesmo as instaladas na avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, sem

computadores, *laptops* ou internet por um dia? Certamente seria um dia de grandes perdas. Os funcionários não conseguiriam trabalhar, já que hoje as empresas dependem, e muito, desses objetos tecnológicos.



Fernando Maíra

Figura 9.1: O trabalho na atualidade.

Fonte: http://www.flickr.com/photos/f_maira/3739721993/

Outro exemplo: o que aconteceria se, por algumas horas, a rede que conecta as agências de um banco entrasse em colapso e parasse? Inúmeras pessoas deixariam de realizar transações bancárias (pagamentos, transferências, depósitos, saques). Além disso, os funcionários das agências ficariam ociosos.

Então, diante desses poucos exemplos, podemos perceber com facilidade o quanto as tecnologias implicam diretamente o mundo do trabalho. Porém, é possível percebê-las também no domínio cotidiano.

Lefebvre (1991), ao tratar da vida cotidiana na atualidade, faz um panorama geral da forma como os elementos da era moderna (aceleração espaço-tempo, novas relações de trabalho, novas formas de comunicação) modificaram a dimensão prático-sensível. Trata-se de uma leitura pautada no marxismo, mas que considera os domínios da vida particular na produção do espaço. Assim, a dimensão cotidiana é aquela da nossa vida, que inclui tudo aquilo que acontece à nossa volta e que podemos perceber através dos nossos sentidos. Sobre essa dimensão, cabe reconhecermos os processos que transformam as nossas relações sociais, a nossa percepção tanto do mundo, quanto, e sobretudo, do nosso lugar.

Ana Fani Alessandri Carlos, em seu livro *A condição espacial* (2011), faz uma revisão da literatura em torno da questão do espaço, apontando, segundo uma leitura marxista-lefebvriana, como é importante considerarmos a vida cotidiana na produção dele. Essa produção leva em conta os elementos e relações que ocorrem tanto na esfera global, como na esfera do lugar. O lugar torna-se o espaço apropriado, por excelência, onde a vida acontece. A menor escala, se assim podemos falar, na qual a vida se reproduz. Assim, “a vida cotidiana se realiza num espaço/tempo passível de ser apropriado, vivido, representado” (CARLOS, 2011, p. 58).

Santos afirma que:

O espaço ganhou uma nova dimensão – a espessura, a profundidade do acontecer –, graças ao número e à diversidade enormes dos objetos (isto é, fixos) de que hoje é formado e ao número exponencial de ações (isto é, fluxos) que o atravessa. Essa é uma nova dimensão do espaço, uma verdadeira quinta dimensão. [...] O cotidiano é a quinta dimensão do espaço [...]. (2008, p. 34-35).

Hoje, diante dessa aceleração espaço-tempo, conforme aponta Carlos (2011), percebemos que há uma enorme transformação nos domínios da vida cotidiana. São relações sociais, formas de percepção e práticas espaciais modificadas com o uso da internet. Não se trata, é claro, de partir do pressuposto de um determinismo tecnológico, que já criticamos nas Aulas 1 e 2. Trata-se de reconhecer que há uma transformação na vida cotidiana a partir do momento em que há uma transformação tecnológica, apropriada, primeiro, por empresas e capitalistas e, depois, pela população.

Diante disso, perceber as implicações das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana é uma ação importante para se compreenderem todas as dimensões da Geografia do Ciberespaço. Por exemplo, quando você está no centro da sua cidade, já percebeu quantas pessoas conseguem caminhar e utilizar o celular ou *smartphone* ao mesmo tempo? E o mais incrível é que os utilizam muitas vezes para acesso à internet. Assim, o que a **Figura 9.2** lhe faz pensar?



Figura 9.2: Uso do *smartphone*.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/uw-eric/8667005256/>

Note que tanto o rapaz parado na foto quanto os que estão em movimento estão utilizando algum aparato tecnológico. Com efeito, hoje, nas reuniões, conferências e encontros, as pessoas fazem uso de *smartphones* e de outras tecnologias. Estamos diante, portanto, de uma sociedade polivalente. Esse tipo de sociedade, característica da própria evolução técnico-científico-informacional, consegue, a um só tempo, utilizar muitas ferramentas e funções tecnológicas com a máxima facilidade.

Além disso, as pessoas estão cada vez mais ligadas às redes sociais digitais, como Facebook, Twitter etc. Através delas, as pessoas mantêm contato com quem está próximo ou distante. Nesse sentido, na atualidade, a relação entre as noções de próximo e distante passa pela questão da compressão espaço-tempo que as tecnologias de informação e comunicação promoveram ao longo das últimas décadas.



O conceito de rede tem sido central na Geografia desde os anos 1980 (DIAS, 1995; SOUZA, 2013), aproximadamente. Isso se deve à importância que as tecnologias de informação e comunicação, articuladas em rede, passaram a ter no mundo. Contudo, cumpre explicar aqui que as redes sociais digitais consistem em redes formadas entre pessoas na/pela internet. Isso significa que existem redes

sociais que não estão na rede mundial de computadores. Norbert Elias, já no início do século XX, aponta para a existência de redes sociais de vizinhança, amizade, trabalho que não necessariamente se expressarão na internet. Assim, é preciso tomar cuidado com o uso desse conceito. Quando vinculado à internet, devemos sempre associá-lo ao termo *digital*.



Conhecemos o termo *compressão espaço-tempo* na Aula 1, em que, ao abordarmos os conceitos que iluminam a Geografia do Ciberespaço, estudamos o espaço e o tempo. Esses conceitos, diante do avanço das tecnologias de informação e comunicação, têm tido novas dimensões, fazendo com que alguns pensem numa possível compressão, que ocorre no domínio da percepção e da velocidade das relações.



Esther Vargas

Figura 9.3: Uso do *smartphone*.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/esthervargasc/9657863733>

A vida cotidiana é alterada diretamente pelo uso de tecnologias de informação e comunicação: o bairro, a cidade, a rua, a escola, as relações sociais, entre outros domínios sofrem transformações decorrentes dessa condição atual. Hoje, somos mediados por tais tecnologias, que, muito embora possam parecer danosas, como mostra a citação a seguir, de Rebs (2009), têm grande potencialidade na construção do tecido social.

A vida cotidiana passa a ter um sentido diferenciado na rede, sendo espetacularizada por meio de sistemas que funcionam semelhantes a diários pessoais, só que, no caso, são difundidos por uma rede social que torna público aquilo que era tratado, antes, como “privado” (REBS, 2009, p. 186).

Isso revela que, diante de todas as tecnologias que invadem a nossa realidade socioespacial, o cotidiano ganha novos conteúdos, novas qualidades. Significa dizer que não podemos pensar apenas na escala macro (estado, país, globo), devendo compreender as implicações tecnológicas na escala micro (cidade, rua, bairro, casa, escola). Trata-se, como afirmam Costa (1997) e Egler (2007), de considerar os microdomínios da vida cotidiana envolvidos numa dinâmica de tecnologias de informação e comunicação. Tais microdomínios “garantem que os fluxos discursivos, advindos dos meios de comunicação de massa, alcancem uma conexão com a experiência vivida dos atores cívicos” (MARQUES, 2006, p. 9).

Além disso, hoje, nas áreas populares das cidades, a *lan house* é mais comum enquanto espaço de sociabilidade, o que transforma de maneira substancial as relações sociais nessas áreas. Outro ponto importante a notar é que, em muitos casos, os proprietários de *lan houses* mantêm vínculos diretos com os pais dos usuários menores de idade. Isso expressa uma nova dinâmica de cuidados, na medida em que, além da preocupação dos pais com a educação dos filhos, há uma preocupação também com o que os filhos estão acessando e por quanto tempo eles ficam nas *lan houses*.

As relações sociais entre amigos, namorados e familiares ganharam nova dimensão com as tecnologias de informação e comunicação. Assim, cumpre, neste momento, analisarmos de forma mais direta a *lan house* enquanto um espaço de sociabilidade, tal como apontam, entre tantos, Costa (2012) e Pereira (2008).

estão expressas nos usos que podemos fazer desses aparelhos, que podem facilitar e agilizar atividades cotidianas, para além da esfera do trabalho.

Lan house: espaço de sociabilidade

Com efeito, se as *lan houses* cumpriram no Brasil, sobretudo na primeira década do século XXI, um importante papel para a inclusão digital (NAZARIO; BOHADANA, 2012), hoje elas ganham outra característica, de espaço de sociabilidade. É fato que tais empreendimentos, por mais que tenham caráter privado visando ao lucro, possibilitaram que inúmeras pessoas conhecessem o computador e se familiarizassem com as tecnologias de informação e comunicação.

Contudo, um dos dados mais marcantes sobre esses espaços comerciais diz respeito a terem se transformado em ambientes de sociabilidade, isto é, ambientes a partir dos quais as pessoas se relacionam. E aqui não estamos considerando apenas o relacionamento através da internet, mas também dentro da *lan house*, conforme apontam Costa (2012) e Pereira (2008).

É evidente que os jovens e adolescentes da atualidade conhecem as *lan houses* muito mais que os adultos e idosos. Porém, esse espaço privado, comercial por excelência, cumpre um papel fundamental na ampliação da inclusão digital, principalmente naqueles lugares onde a ação pública não se faz tão presente. O estudo das *lan houses* possibilita uma gama de análises de ordem econômica, cultural, social. Isso porque, como afirma Raffestin (1993, p. 268), “O fato banal, sem importância, se torna de extrema significação quando se repete com uma certa frequência, pois informa sobre as estruturas ou sobre as mudanças de estrutura”.

Na Aula 8, a partir de uma lógica mais objetiva, consideramos as *lan houses* como espaços públicos de acesso privado à internet. Em outras palavras, elas funcionam como espaços públicos e têm suas bases em fundamentos puramente empresariais e econômicos. Contudo, de alguma forma, possibilitam a inclusão digital, além de permitirem uma nova dimensão da sociabilidade.

A sociabilidade consiste nas relações sociais construídas pelas pessoas ao longo da vida. Ou seja, trata-se da forma como os indivíduos se relacionam uns com os outros, de como estabelecem seus vínculos

pessoais. Inúmeros autores da Sociologia, da Antropologia e da Geografia trabalham sobre esse tema, dentre os quais citamos Elias (1994), Pereira (2008), Carvalho (2010) e Costa (2012). Contudo, na atualidade, tais relações ganham novas dimensões, na medida em que há uma grande inserção de tecnologias de informação e comunicação no tecido social. Daí a necessidade de refletirmos sobre relações sociais diante da globalização informacional.

Um dos elementos mais característicos da *lan house* é a sua informalidade, tanto no âmbito da fiscalização quanto na relação proprietário-usuário. Isso reforça a constituição desse tipo de empreendimento comercial, atualmente, como espaço de valorização das relações sociais.

Tal característica refere-se tanto às *lan houses* situadas nas áreas centrais, num primeiro momento, quanto às situadas nas áreas populares. Isso pode ser observado através dos jogos, que não têm, necessariamente, a cultura do isolamento; ao contrário: promovem encontros. O que foi o fliperama na década de 1990? O que são os jogos de Playstation na atualidade? Simples jogos? Certamente não. São jogos que promovem relações sociais, trocas, conversas.



Figura 9.4: Loja de fliperama.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/halfdozengallery/4613804792>

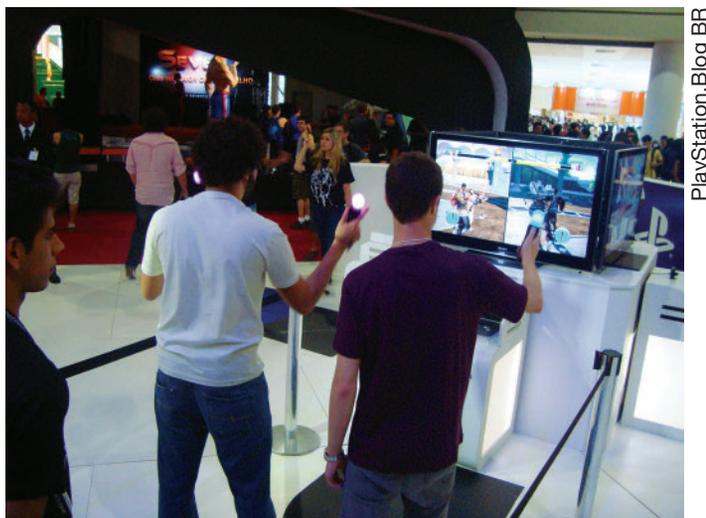


Figura 9.5: Jovens jogando Playstation.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/playstationbr/6222302071>



É importante que você releia a Aula 7 (“Tecnologia é sociedade: a inclusão digital”) e a Aula 8 (“*Lan house* e a inclusão digital”), já que a inserção das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana vincula-se à inclusão digital, potencializada pela apropriação social promovida por políticas públicas e privadas (nas quais se incluem as *lan houses*).

No percurso analítico, em muitos momentos pensamos que a *lan house* havia entrado em decadência. Contudo, ao observarmos a dinâmica da globalização e sua forma de operar sobre tal estabelecimento, notamos que há uma nova perspectiva que dá a ele novos conteúdos. Trata-se de um empreendimento que continua tendo caráter privado, mas com outras dimensões, que traduzem uma nova dinâmica da vida cotidiana.

Nesse contexto, a *lan house* revela-se mais do que um simples estabelecimento de acesso individual à internet, transformando-se em um lugar de coletividades, onde é possível a sociabilidade. Ali, há um convite implícito tanto ao coletivo quanto ao individual.

Como um aventureiro no oceano de imagens, aquele que navega nas redes de comunicação, mesmo que apenas como espectador, recebe um convite para que experimente um “outro mundo”, portador de laivos sagrados. Esse convite transfere-se, no momento, para outras telas, igualmente hipnóticas, como as que fazem a festa da infância e da juventude em tantas *lan houses* de áreas populares (RIBEIRO, 2008, p. 196).

Outro fato emblemático é que, como já dissemos anteriormente, as *lan houses* migraram das áreas centrais das cidades para as mais populares. Tal movimento pode ser explicado a partir de fatores econômicos, já que as pessoas que habitam áreas mais centrais, em geral, têm melhores condições financeiras. Em decorrência da ampliação do uso do computador pessoal e da internet residencial, as pessoas que habitam essas áreas passaram a dispor mais desses recursos.

O mais interessante é que a migração das *lan houses* deu a elas uma nova dinâmica, modificando as práticas de inúmeros usuários. A partir dessa nova dinâmica locacional, tal estabelecimento transformou-se em um ponto de encontro para jovens, adolescentes e até crianças. Nas áreas populares, elas são utilizadas para múltiplas atividades (pesquisa, escaneamento, cópias), mas a que mais se verifica é a função de encontro, de contato interpessoal.

Pesquisas acadêmicas mostram que a *lan house* cumpre um papel no tecido social. É um espaço de acesso à internet, mas também de convívio entre pessoas, em que estas interagem e fazem amizades. As pesquisas também revelam que as amizades construídas na e a partir da *lan house* estão mais vinculadas ao público masculino, o que não significa que as mulheres não tenham participação nesse quadro, e sim, que esse tipo de empreendimento é mais frequentado por homens de diversas faixas etárias.

==== **Atividade 2** =====

Atende ao objetivo 2

A *lan house*, como espaço de sociabilidade, cumpre um novo papel, para além da mera dimensão econômica. De que forma podemos analisá-la nesse contexto, em que ela deixa de ser uma simples fonte de lucro para ser um lugar de encontros, de convívio social?

certa proximidade das relações cotidianas, que fazem o tecido social. Isso implica certa informalidade, na medida em que o espaço não é prioritariamente comercial.



Aldenilson Costa

Figura 9.6: Lan house em área popular da cidade de Palmas – TO.
Fonte: COSTA, 2012, p. 96.

Nessa direção, Costa (2012, p. 31), ao pesquisar sobre a *lan house*, revela que esse empreendimento, nas áreas populares, caracteriza-se como:

Lugar cuja maioria dos usuários que utilizam o estabelecimento mais frequentemente são do sexo masculino, havendo poucos indivíduos do sexo feminino com frequência tão grande quanto o público masculino;

lugar de encontro para usuários de jogos *on-line*, que muitas das vezes se conhecem no estabelecimento, continuando a interação social para além da *lan house*;

lugar que promove a individualidade para uns e a socialização para outros, simultaneamente. E em muitos casos, há momentos em que os usuários demonstram individualidade e noutros, socialidade.



Grupo BOPE

Figura 9.7: Individualidade na *lan house*.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/18569016@N03/1890664262/>

Já Pereira, ao tratar da *lan house* em Porto Alegre, afirma que

A objetividade das relações mercadológicas “prestador-cliente” era pouco visível. Esse modo objetivo de tratar o cliente só funcionava com aqueles que usavam o computador funcionalmente, jovens desconhecidos ou pessoas mais velhas (acima de 25 anos) que precisavam ler e-mails, consultar algo na web, ou falar com alguém distante. Essas pessoas não passavam de transeuntes, e simplesmente “pipocavam” na *lan*, apareciam uma ou duas vezes (talvez, como eu, por conta do micro estragado em casa), e depois sumiam, sem deixar marca de sua presença. Entravam sem serem notados (se fosse uma bela mulher até notavam) e saíam assim também, não passavam de sombras que rendiam alguns tostões. (2007, p. 332).



Aldenilson Costa

Figura 9.8: Compartilhamento e socialização na *lan house* em Palmas.

Fonte: COSTA, 2012, p. 97.

Costa informa, ainda, que os jogos *on-line* e *off-line*, bem como o uso do espaço da *lan house* mudam, dependendo do horário:

O uso dos jogos difere até com relação ao horário de uso do estabelecimento, pois pelo que foi possível perceber, no período matutino, onde a maioria dos adolescentes e jovens estudam, a *lan house* torna-se mais funcional e “tranquila”, isto é, as pessoas que dela se utilizam o fazem para pesquisas, baixar ou ouvir músicas, e em menor escala para jogos. Entretanto, é interessante que há uma maior parcela de crianças que frequentam a *lan house* pela manhã, e o público jovem que acessa neste horário, o faz para pesquisas e não para jogos, geralmente. O ambiente neste horário é mais calmo, silencioso, sem grande fluxo de pessoas, havendo apenas os ruídos emitidos pela digitação nos teclados. A individualidade é mais presente. Não há muita conversa, nem mesmo entre os que se conhecem. Cada usuário em seu gabinete, na frente do computador e utilizando o fone de ouvido, o que revela a prática de ouvir músicas e vídeos, sendo uma barreira à interação, certamente. (2012, p. 39).



Aldenilson Costa

Figura 9.9: Jogo *off-line*.

Fonte: COSTA, 2012, p. 117.

Na verdade, o que ocorre é que o uso das *lan houses*, atualmente, não está limitado ao computador, mas sim ao espaço do estabelecimento como um todo. As pessoas, em geral jovens e adolescentes, que ainda frequentam as *lan houses* não necessariamente o fazem por não terem acesso ao computador ou internet em outros lugares.

Dessa forma, o empreendimento muda de conteúdo, na medida em que ganha novo sentido dado por aqueles que dela se utilizam. Se num primeiro momento seu caráter era meramente funcional (impressões, uso do computador, *scanner*, pesquisa em geral), num segundo momento, ele é dado pelas relações sociais inseridas no local. Ou seja, os indivíduos que fazem uso da *lan house* foram os responsáveis pela modificação do sentido de uso do espaço privado.

Assim, fechamos nossa análise com uma reflexão da professora Ana Clara Torres Ribeiro:

Dos gestos “impensados” podem advir descobertas radicalmente novas e vínculos imprevisíveis, o que também é necessário à tessitura do social, especialmente num período caracterizado pelo esgarçamento de relações sociais. Acrescente-se que o entendido como “impensado” por determinado segmento social pode simplesmente expressar a existência de racionalidades alternativas, estranhas à lógica sistêmica (parcelar e excludente) dominante. As racionalidades alternativas emergem em experiências espaço-temporais que se afastam daquelas vividas pelos segmentos sociais que controlam os meios técnicos mais atualizados de circulação e comunicação. (2005, p. 421).

Conclusão

Considerar a vida cotidiana no rol das implicações das tecnologias de informação e comunicação é um elemento de suma importância. Significa dizer que existe um domínio ou uma variável analítica que considera o cotidiano como expressão dos processos tanto de natureza global, como local. Ou seja, a produção do espaço diante da emergência do ciberespaço (COSTA, 2009) aponta para fatos de natureza mais global (consolidação de redes, integração dos países, construção de infraestrutura). Contudo, além dessa dimensão, há a escala da vida, do acontecer, o lugar onde esse ciberespaço ganha sentido.

Hoje, as *lan houses* são utilizadas menos para o simples acesso à internet e mais como espaço de sociabilidade (COSTA, 2012). Importa, portanto, considerar que tal espaço rompe com os padrões que se espera de um empreendimento comercial, já que os usuários (jovens e adolescentes, em geral, do sexo masculino) estão ali para conversar, brincar, jogar, entre outras atividades. O mais interessante é que todas elas ocorrem tanto no mundo *on-line*, em rede, quanto fora do computador, na própria *lan house*.

Isso dá a esse espaço novo conteúdo e novo sentido, criando uma nova lógica para ele, especialmente nas áreas populares, já que a *lan house* se torna um espaço de encontro e de sociabilidade para jovens e adolescentes.

A utilização de um dado objeto, serviço ou ferramenta gera sentido. O sentido é dado pela sociedade. Assim, o surgimento da tecnologia só tem sentido na medida em que ela é apropriada pela sociedade. Não se trata de considerar escalas maiores, mas, sim, as menores, nas quais a vida acontece.

=====**Atividade final**=====

Atende aos objetivos 2 e 3

A espacialização da *lan house* em direção às áreas populares revela mais do que uma simples lógica comercial, apontando para uma nova dimensão da internet e para um novo sentido do empreendimento. Assim, que tipo de reflexão podemos fazer sobre a espacialização, considerando o contexto social que permite esse processo?

Resposta comentada

Ao se espacializar em outras áreas para além das grandes cidades, as *lan houses* deixam de funcionar apenas como vetores de inclusão digital, tornando-se, também, espaços de sociabilidade. Se esse tipo de empreendimento comercial perde funcionalidade, e assim, centralidade, ao migrar para as áreas populares, cumpre, por outro lado, uma função não somente de acesso ao ciberespaço, mas de promoção do convívio social entre jovens e adolescentes. Além disso, a própria ligação estabelecida entre o proprietário, ou mesmo o atendente da *lan house*, e os clientes não é tão objetiva, envolve relações pessoais, de amizade. Trata-se de considerar a vida cotidiana para além da racionalidade capitalista e perceber de que

maneira a espacialização desses empreendimentos dá novos sentidos ao seu uso. Além disso, trata-se de reconhecer que a sociedade redefine o empreendimento comercial, revelando, assim, que a tecnologia só tem sentido se for apropriada por ela.

Resumo

Nesta aula, discutimos sobre as implicações da internet na vida cotidiana. Considerando vida cotidiana como a esfera em que a vida acontece e sabendo que ela faz parte da produção do espaço, é importante levar em conta essa variável analítica dentro da Geografia do Ciberespaço.

Para isso, apresentamos algumas análises e exemplos de como a internet, o ciberespaço, implica diretamente a forma como as relações sociais passaram a acontecer ao longo dos anos, e a própria sociabilidade. Nesse percurso, apresentamos o exemplo das *lan houses*, que, na periferia das cidades, cumprem mais do que o simples papel de locais de acesso à internet, tornando-se espaços de sociabilidade de jovens e adolescentes.

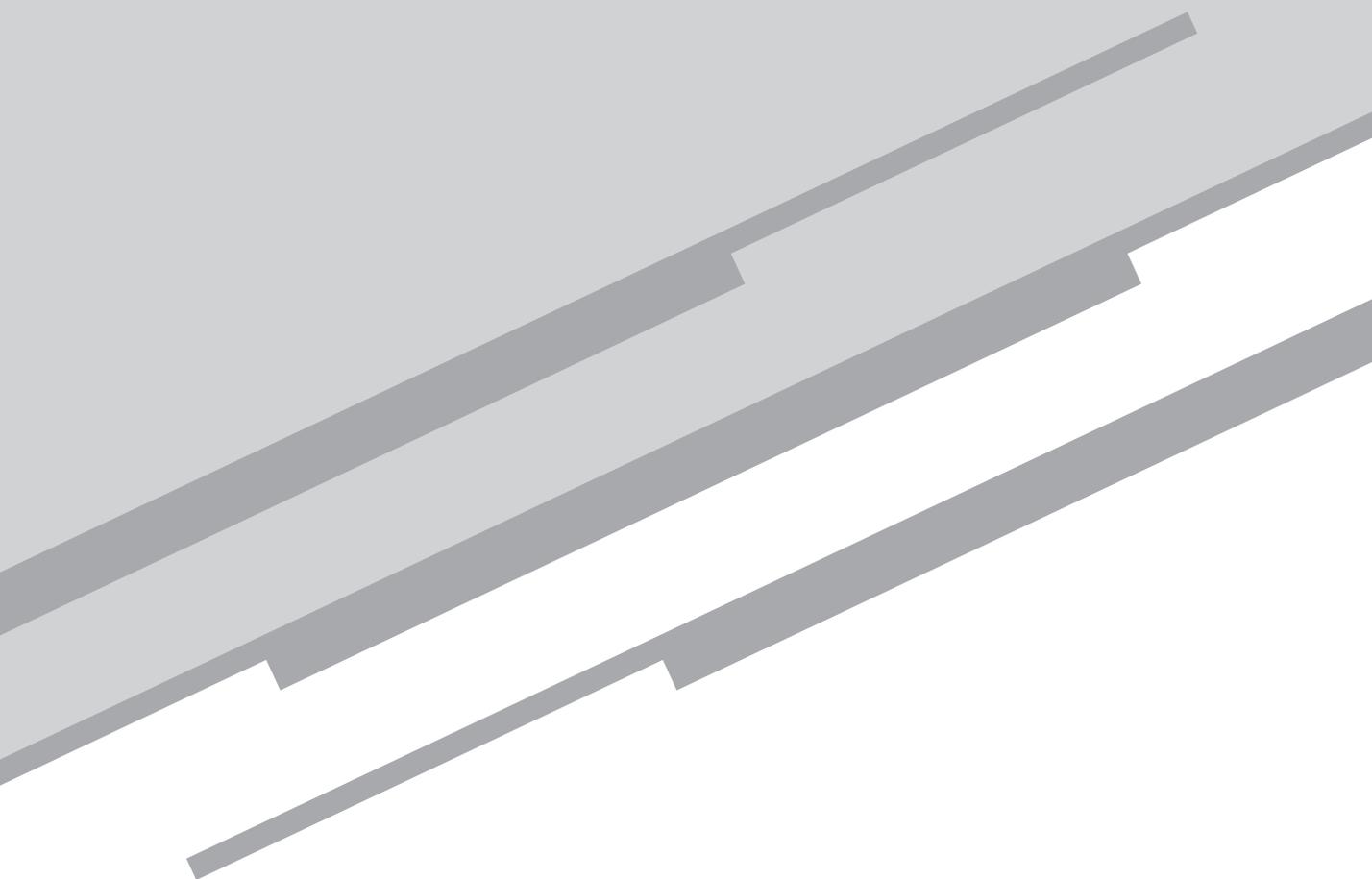
Conversamos, ainda, sobre a vida cotidiana para além da racionalidade capitalista e percebemos como a internet dá novos sentidos ao uso de determinados espaços comerciais. Reconhecemos que a sociedade reconfigura empreendimentos comerciais, revelando que a tecnologia só tem sentido quando apropriada por ela.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, discutiremos sobre as implicações da Geografia do Ciberespaço nas relações educacionais. Trata-se de considerar de que modo o uso de tecnologias de informação e comunicação possibilita uma nova prática escolar e nova relação ensino-aprendizagem.

Aula 10

Internet na escola



Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Meta

Analisar as implicações da Geografia do Ciberespaço nas relações educacionais, considerando como o uso de tecnologias de informação e comunicação possibilita uma nova relação ensino-aprendizagem, que contribui para a transformação da escola.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as implicações da internet na escola;
2. analisar de que forma as tecnologias de informação e comunicação transformam as relações de ensino-aprendizagem;
3. identificar o novo papel da escola diante das TICs.

Introdução

A escola, em geral, consiste numa série de regras a serem seguidas tanto por professores quanto por alunos. Essa instituição é a imagem e semelhança da filosofia moderna industrial capitalista, em que a racionalidade estrita conduzia as formas como a sociedade se reproduzia. Ao mesmo tempo, ela ensina tão somente para que o indivíduo possa se tornar mão de obra para uma indústria qualquer, realimentando o sistema capitalista. Assim, conforme se observa, a escola, desde muito, tem a função de transmitir a ideologia dominante, tal qual apontam Freire (1983), Bourdieu (1999; 2001), Bourdieu e Passeron (1982), e Lacoste (2007).

Temos de entender que as tecnologias de informação e comunicação e suas implicações na vida cotidiana ocorrem em diversos domínios da sociedade. É importante perceber que a tecnologia não se limita tão somente à questão mercadológica, mesmo que surja com tais fins. Ao se inserir no tecido social, ou seja, ao ser apropriada pela população, não se restringindo a um grupo de empresas ou empresários, ela ganha nova dinâmica.

Essa dinâmica consiste numa produção primeiramente técnica, restrita aos profissionais que a criam em laboratórios (PINTO, 2005). Posteriormente, ela é inserida na sociedade, a partir do momento em que há uma popularização da tecnologia. Esse processo permite que a internet seja utilizada para outros fins além do matemático, como era no princípio da computação, ou de comunicações formais e oficiais, como no início da internet.



Na Aula 3, apresentamos os elementos que constituem a base material da Geografia do Ciberespaço. Além disso, trabalhamos em torno de como essa base produz imaterialidades (conteúdos, informações, capitais) que vão transformar as relações de trabalho, as formas de trabalhar e de vivenciar diversas realidades.

Assim, verificamos que a presença das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana altera relações sociais, econômicas, e mesmo a forma de se fazer política. Nesse sentido, por mais que a escola tenha se

mantido por longo tempo distante da evolução tecnológica, não pode mais negar seu potencial, sobretudo nas relações de aprendizagem. O ensino escolar não pode mais estar alheio às evoluções pelas quais a sociedade passa, devendo incorporá-las às suas práticas internas, para além dos setores administrativos.

Vivemos hoje numa sociedade e numa economia marcadas pelo conhecimento, que se vale da informática como o centro de armazenamento das informações. Sendo assim, a relação professor-aluno no ato de aprender e ensinar não pode estar desvinculada do processo de informática, pois, em todos os modelos de sala de aula, é possível evidenciar alguma tecnologia sendo acoplada à mediadora desenvolvida pelo professor quando da produção e/ou construção de conhecimento (ENS, 2002, p. 38).

Assim, perguntamos: qual o papel da escola num mundo em que a informação e a comunicação transformam a produção do conhecimento? É possível, ainda, o professor, a direção, a coordenação desconsiderarem a importância que as tecnologias têm na atualidade? É possível pensarmos numa relação ensino-aprendizagem ainda vertical, em que só o professor é detentor do saber absoluto? Como utilizar de forma benéfica as tecnologias de informação e comunicação para uma melhoria no ensino e na aprendizagem?

O que apresentaremos nesta aula são as transformações de relações ensino-aprendizagem promovidas a partir do uso de tecnologias de informação e comunicação. Apresentaremos, também, algumas experiências com o uso dessas tecnologias em escolas brasileiras.

Cumpra deixar bem claro que, em hipótese nenhuma, o professor será substituído pelas tecnologias, tampouco elas resolverão o problema da atual crise da escola, que se traduz em alunos insatisfeitos e professores desestimulados não só por questões salariais. Trata-se de considerar a complexidade que envolve a escola na atualidade.

Tecnologia na escola

No que a internet muda a dinâmica da escola? Em geral, as implicações da rede e das tecnologias de informação e comunicação são mais nítidas na esfera do trabalho, das empresas multinacionais. Mas afirmamos que existem implicações também no cotidiano.



Figura 10.1: A nova forma de estudar.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/yourdon/3475417696/sizes/>

Começamos esta aula afirmando que a escola está em crise. Em crise porque essa instituição, na modernidade, está estruturada e hierarquizada, com a produção do conhecimento ocorrendo de forma vertical, com o livro ou apostila como principal recurso a ser utilizado com mais afinco. Nesse modelo de escola e de ensino, o professor é o único detentor do saber absoluto, sendo os alunos aqueles a quem ele deve passar seu conhecimento, formando, por vezes, discípulos.

Podemos afirmar, ainda, que essa crise não se limita apenas à escola enquanto formadora, mas ao próprio sistema de ensino, excessivamente conteudista. Além disso, muitos dos conteúdos não têm vínculos (aparentes) com a realidade do aluno, o que torna o processo de ensino-aprendizagem ainda mais complexo. Na medida em que não se dá significado ao conteúdo apresentado, este torna-se mimético, aprendido de forma bancária, como bem critica Paulo Freire (1983).

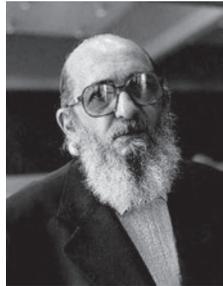


Paulo Freire

Educador, pedagogista e filósofo, Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, é considerado um dos mais importantes pedagogos do mundo.

Sua didática era focada na realidade de vida do aluno. Ele acreditava que o educando criaria seu próprio caminho de aprendizagem,

sem seguir um programa previamente construído. Dentre suas muitas e relevantes contribuições, podemos destacar seu trabalho na área da educação popular, que, além da escolarização, promovia a formação da consciência política do aluno.



Paulo Freire.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulo_Freire.jpg

Deve-se notar que, nesse movimento de atender aos interesses das classes mais favorecidas, a escola acabou limitando o seu campo de visão, impedindo um avanço significativo não só nas formas de ensinar, mas também na maneira como o conhecimento transmitido ao aluno é subjetivado, só assim tendo sentido. Tal limitação incide diretamente na aprendizagem e, com isso, na própria relação professor-aluno, já tão desgastada, revelando o esgotamento de formas tradicionais de ensino e a necessidade de inserção de outras perspectivas, métodos e ferramentas na educação escolar.

Como resolver a crise da escola e da educação?

A escola e a educação estão em crise. Isso se revela no cotidiano escolar, que necessita de uma nova roupagem, mais dinâmica, que dê conta das novas condições do período histórico que estamos vivendo, e até mesmo do atual tipo de estudante. Ao mesmo tempo, a crise se expressa na própria formação dos professores, que, em geral, não se vincula a uma prática efetiva em sala de aula, senão àquelas obrigatórias em termos de estágio supervisionado.

Mas como mudar isso? Vamos a algumas proposições.

1. Com a última revolução industrial, que ampliou o processo de globalização, a escola e o ensino ganharam novas dimensões. Em função da

nova sociedade que se criou, denominada sociedade da informação, há uma horizontalização do conhecimento, mediada por tecnologias que promovem a formação de redes.

2. O professor não é mais o centro do conhecimento. Não estamos afirmando que a atividade docente perdeu seu valor, pelo contrário, ela mudou de função. Antes, o professor apenas transmitia o conhecimento do livro e o aluno o recebia da melhor forma que conseguisse. Vale lembrar as críticas feitas por diversos autores do campo da educação, desde a década de 1980, quanto a essa forma tradicional e bancária de ensinar (FREIRE, 1983; 2000). Hoje, não é mais assim. O professor não é mais o único que detém o saber.
3. Com as tecnologias de informação e comunicação, há uma nova forma de se compreender o mundo. Essa visão foi, por diversas vezes, colocada em outras aulas, já que não acreditamos que tais tecnologias determinem o que quer que seja, nem que resolverão todos os problemas. Ao contrário, elas criam possibilidades de ação, potencializando a produção do conhecimento.

A partir dessas proposições, perguntamos:

Como pensar a escola para a atualidade? Qual o seu papel diante de uma sociedade em que a informação torna-se motor do atual período histórico, repleto de tecnologias de informação e comunicação?

Como promover transformações significativas em termos de relações ensino-aprendizagem?

O uso de tecnologias de informação e comunicação potencializa as formas de ensinar e de aprender?

Quais as experiências positivas e negativas com o uso de tecnologias?

Na medida em que a tecnologia cria outras possibilidades e abre campos analíticos, é importante compreender o papel das redes na formação de um espaço público alternativo à sala de aula, que acaba por torná-la complexa. Com a ampla difusão da informação viabilizada pelas tecnologias digitais, ampliam-se os espaços públicos onde ocorrem os debates e onde se criam consensos em torno de uma questão. Como desconsiderar o papel desempenhado pelo Facebook nos protestos que ocorreram no Brasil em junho de 2013? Como não lembrar a proporção e repercussão da Primavera Árabe em 2011, em decorrência da sua ampla divulgação na internet? Como a escola poderá estar alheia a todos esses processos que transformam a condição de existência?

O papel do educador está em orientar e mediar as situações de aprendizagem para que ocorra a comunidade de alunos e ideias, o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa para que aconteça a apropriação que vai do social ao individual, como preconiza o ideário vygotskyano. O professor, pesquisando junto com os educandos, problematiza e desafia-os, pelo uso da tecnologia, à qual os jovens modernos estão mais habituados, surgindo mais facilmente a interatividade (FARIA, 2004, p. 57).

Uma nova dinâmica do cotidiano escolar

Falamos, na aula anterior, sobre a implicação da internet na vida cotidiana, tomando como referência as *lan houses*, que, como Ribeiro (2008) aponta, fazem a festa da juventude nas áreas populares das cidades.

Considerar a vida cotidiana implica considerar, também, a escola. Há aqueles que a têm como principal referência para o círculo de amigos. Para muitos, no entanto, a escola é espaço de encontros, mas precisa de uma atualização, já que a sociabilidade implica, entre outras coisas, o uso de tecnologias de informação e comunicação.

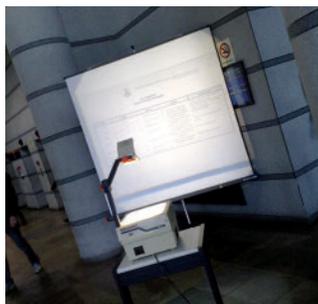
Mais do que isso, é importante considerar que a produção do conhecimento tem novo formato. Enquanto, na era industrial, a televisão e o rádio eram os principais promotores de informação, hoje temos a internet. Além disso, se nos dois primeiros veículos o processo comunicacional ocorria de forma vertical (de um para todos), com a internet, tal processo ocorre de todos para todos (EGLER, 2013), ou seja, todos podem manifestar suas opiniões, dialogar, propor soluções para certos problemas, entre outras possibilidades de expressão. Aí, perguntamos: como a escola pode ficar alheia a toda essa nova dinâmica que se institui no tecido social?

No campo das tecnologias, por exemplo, observamos que, nas escolas, as ferramentas tecnológicas sempre estiveram presentes. Claro que, em um primeiro momento, eram de uso exclusivo dos gestores. Entre os exemplos está o mimeógrafo, depois substituído pela fotocopadora, popularmente conhecida como *xerox*; além do retroprojeto, gradativamente substituído pelo projetor multimídia (também conhecido como *datashow*). Como o retroprojeto ainda é realidade em alguns locais, não o consideramos totalmente extinto.



Retroprojektor

Máquina que projeta imagens por meio de lâminas de plástico transparentes (conhecidas como *transparências* ou *acetatos*) para uma tela ou parede, utilizando lente e luz.



danielabsilva

Retroprojektor.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/danielabsilva/3660920904/sizes/>

Projektor multimídia (ou *datashow*)

Aparelho que amplia imagens (da tela do computador ou de outro dispositivo) em uma parede ou telão.



ictpdpes

Aula com o uso do *datashow*.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/15044322@N00/36968452/sizes/>

No processo de inserção de tecnologias na escola, devemos considerar o surgimento das rádios escolares e, depois, dos laboratórios de informática. Cumpre destacar que, no princípio, a informatização nas escolas esteve associada a esses laboratórios, que muito parcamente atendiam às necessidades de professores e alunos. Hoje, ainda em pequena escala, o programa **Um Computador por Aluno (UCA)** tem levado ampla informatização às escolas.

Um Computador por Aluno (UCA)

Programa do Governo Federal que tem como objetivo intensificar as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino.

Fonte: <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-projeto-um-computador-por-aluno-uca>



Figura 10.2: Laboratório de informática na escola.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/jmarconi/4122093658/sizes/>

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Considerando o processo de transformação da realidade escolar, de que forma podemos conceber a escola hoje, no rol de um percurso histórico de intensa crise, que se manifesta no cotidiano?

Resposta comentada

A transformação do espaço escolar está associada não só a questões de ordem tecnológica, mas também a um esgotamento da escola, revelado através da insatisfação de alunos e professores com um sistema de ensino que não dá mais conta da complexidade do atual período histórico.

Dessa maneira, as tecnologias, ao se inserirem na realidade escolar, possibilitam a construção de uma nova visão da instituição, na medida em que ampliam as possibilidades de interlocução professor-estudante e, assim, das relações de ensino-aprendizagem. Se tais relações, antes, ocorriam de forma vertical, com as tecnologias, passam a ocorrer de forma horizontal, em que o estudante participa de forma ativa e o professor se torna um mediador.

O professor e a tecnologia

Quem tem medo da tecnologia?

Há uma ideia de que os professores, principalmente os mais velhos, receiam que a tecnologia tome o seu espaço. Mas será medo, de fato, ou apenas ignorância por não terem sido apresentados corretamente a esse artefato e às suas infinitas possibilidades?

As tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter “medo” de serem substituídos pela tecnologia, como também não precisam concorrer com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia. Eles têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades. O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno (FARIA, 2004, p. 60).

A questão, portanto, está em refletir sobre a formação docente na atualidade, que abrange não só a graduação universitária, como o que ocorre após a sua conclusão. Importa, assim, considerar a formação de maneira continuada, a fim de se obter uma constante atualização do conhecimento e, dessa forma, incluir inovações na prática docente.

É do conhecimento de todos a necessidade e urgência de uma formação que vá além do básico, que cada um invista seu tempo, sua disposição e até mesmo seu dinheiro para uma formação que seja continuada. E essa formação também implica o alargamento dos horizontes, com o entendimento e a utilização das tecnologias, sejam elas antigas ou novas (PIMENTEL, 2007)

Dessa forma, para ampliarmos horizontes, é preciso apresentar possibilidades de alargamento, dentre elas, o uso das tecnologias. Porém, a utilização de qualquer ferramenta tecnológica exige um aprendizado, que muitas vezes é deixado de lado pelos gestores da educação.

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, pela construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidades cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na internet (ARAÚJO, 2005, p. 23-24).

Muitos professores sequer tiveram políticas de inclusão digital. Isso complica a sua inserção em um contexto de tecnologias de informação e comunicação, na medida em que o sistema espera que ele, pelo simples fato de ser professor, aprenda ou busque aprender sozinho a dominar as tecnologias.

O fato de ser professor não elimina a necessidade de o indivíduo aprender em conjunto, ou mesmo de voltar à sala de aula para aprender. Ser professor é ser também um eterno estudante, pois se está sempre aprendendo algo novo. É interessante que esse conhecimento seja produzido coletivamente.

A incorporação de tecnologias nesse âmbito contribui, no mais das vezes, para acelerar a crise de identidade dos professores. Quando são integradas ao fazer pedagógico, necessitam ser significadas. O sentido do objeto técnico na prática escolar termina por definir não somente determinado uso, mas a sedimentação de culturas (ALONSO, 2008, p. 754).

Esse uso do computador exige um professor preparado, dinâmico e investigativo, pois as perguntas e situações que surgem na classe fogem do controle preestabelecido do currículo. Esta é a parte mais difícil desta tecnologia. E este é o papel insubstituível do professor: elaborar estratégias que deem significado a essa enorme e fantástica porta que se abre para o universo do conhecimento da humanidade. Sem isso, a internet, equipamentos e *softwares* podem apenas ser modismos adestradores de um mercado consumidor, perdendo-se a oportunidade de promover uma efetiva mudança na área do ensino (SEABRA, 2010, p. 24).



ASCOM - Prefeitura de Votuporanga

Figura 10.3: Uso de computadores em oficina sobre ciência e tecnologia em sala de aula.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/prefvotuporanga/7652200336/sizes>

Assim como o estudante precisa aprender a usar o computador (na Aula 9, vimos jovens que aprenderam a jogar coletivamente na *lan house*), o professor também precisa do aprendizado coletivo. É sempre importante voltar à sala de aula, inclusive para aprender a utilizar as tecnologias de forma a potencializar o ensino e a aprendizagem.

O melhor que pode fazer um professor quando tenta fazer funcionar um aparato tecnológico e não consegue é pedir ajuda para um aluno. E reconhecer que nesse território os jovens são mais competentes simplesmente porque nasceram com a tecnologia instalada na sociedade e isso muda completamente a visão (ALVES, 2013).

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Qual a importância da inserção do professor no processo de inclusão digital, concomitante à consolidação de infraestrutura física na escola?

Resposta comentada

O professor é uma das peças centrais do processo de ensino-aprendizagem, pois faz a mediação entre essas duas práticas. Nesse sentido, é preciso que esteja qualificado não apenas quanto ao conteúdo a ser ensinado, adquirido durante a graduação, mas também em relação às metodologias para melhor ensinar. Dentro desse aprendizado, que ocorre durante a prática docente, deve-se estar atento e ter sensibilidade para interagir com os alunos e com as tecnologias. Assim, é preciso que o professor seja devidamente qualificado, por meio da chamada formação continuada, no uso das tecnologias, abrindo novas possibilidades quanto ao ensino da sua disciplina.

Projetos de digitalização das escolas

Como a tecnologia transforma o método de educar?

A resposta para essa questão é que a tecnologia não transforma o método de educar, e sim, as possibilidades de transformação da educação. A tecnologia não é determinante ou sujeito da questão. É uma ferramenta que necessita do homem para lhe dar sentido, a partir do seu uso. Não obstante, é preciso considerar a importância da tecnologia de informação e comunicação na atualidade. Mesmo porque, se o professor não tem contato com tais tecnologias (o que nos parece muito difícil, dadas as condições

da vida atual), torna-se obsoleto, pois os estudantes levam para a sala inúmeros aparelhos tecnológicos. São *smartphones*, *tablets*, celulares dos mais diversos, dos quais jovens e adolescentes não conseguem se separar. Fazem parte de sua realidade e acabam por trazê-los para dentro da escola.

Diante desse cenário, em que existe um número cada vez maior de pessoas nascidas na era digital (PALFREY, GASSER, 2011) e as características de processos globais implicam diretamente sobre o território, os mais diversos governos estão concebendo e desenvolvendo políticas públicas de inclusão digital. Além disso, o processo de educar na era digital (MORIN, 2003) tem novas configurações, para além da sala de aula e do conteudismo. É preciso superar as barreiras da escola, ultrapassar seus muros, a partir da introdução consciente, constante e profícua de tecnologias de informação e comunicação no ensino escolar.

No rol de políticas públicas de inclusão cada vez maior de computadores nas escolas e nos processos educacionais, situamos o programa UCA, do Governo Federal, já mencionado nesta aula. Esse programa consiste em distribuir um computador por aluno, de modo a fornecer ferramentas através das quais os estudantes possam aprender mais, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem. Com efeito, é um projeto que visa a dar aos professores novas possibilidades, através do uso de tecnologias.

Evidentemente, o programa não impõe a adoção de tecnologias de informação e comunicação nas aulas. Porém, em constante diálogo com a Secretaria de Educação municipal ou estadual, cria maneiras de incentivar o professor e a gestão escolar quanto ao uso de ferramentas e tecnologias como recursos didáticos, de maneira a promover maior aprendizado.



ASCOM - Prefeitura de Votuporanga

Figura 10.4: Computadores em escola da cidade de Votuporanga (SP).

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/prefvotuporanga/6261578230/sizes/>



Na Aula 8, estudamos as políticas públicas de digitalização, a partir da criação de espaços públicos de acesso gratuito à internet (telecentros). Se, por um lado, os governos consideram importante a instalação de telecentros, por outro, percebem também a necessidade de melhor equiparem as escolas quanto à infraestrutura de informática. Muito embora essa infraestrutura ainda não atenda plenamente às necessidades da escola (quicá do processo de ensino-aprendizagem), ela tem possibilitado a sua informatização para além dos serviços burocráticos.

Cumpre considerar também o projeto Pirai, no estado do Rio de Janeiro, que tem transformado a realidade local. Na cidade em questão, verificou-se o crescimento do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) municipal após a inclusão de políticas públicas de acesso à internet. Mais do que isso, trata-se de um projeto a partir do qual os professores foram convidados a se capacitar no uso de tecnologias digitais.



Rodrigo Paudala

Figura 10.5: Laptops utilizados nas escolas de Pirai.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Classmates.jpg?uselang=pt-br>

Diferentemente de outros programas semelhantes, a questão educacional em Pirai é uma das vertentes de um projeto maior: o Pirai Digital (2013). Nessa linha de atuação, o programa UCA possibilitou uma ampla

informatização das escolas, para além dos laboratórios de informática. Ao invés de o aluno ir ao laboratório, o que demanda tempo e recursos humanos, entre outros fatores, o computador vai até o aluno. Ou melhor, o computador estará à disposição do aluno sempre que o professor precisar, já que estará em sala de aula. Nesse exemplo, percebemos outra relação com a tecnologia e com a própria forma de ensinar.

A tecnologia rompe paradigmas, possibilitando novas dimensões à escola, bem como a superação dos limites das relações de ensino-aprendizagem historicamente constituídas de forma bancária (FREIRE, 1983). Todavia, para isso acontecer, é preciso criar uma cultura digital (SAVAZONI; COHN, 2009).

Não se trata apenas de equipar as escolas com computadores, mesmo que estes sejam de última geração. De nada vai adiantar essa ação, se não estiver associada a uma cultura de uso constante da tecnologia para além de questões burocráticas. Mais do que uma simples instalação de infraestrutura física, é preciso, portanto, um sentido de uso. Ou seja, é fundamental que os sujeitos da relação ensino-aprendizagem reconheçam a importância do uso da tecnologia, que só ocorre a partir de sua aplicação no cotidiano.

Ao incluir as TICs como parte da proposta da escola, é preciso ter como pressuposto que a educação é um processo de constituição histórica do sujeito, por meio do qual ele se torna capaz de construir seu próprio projeto de vida e de sociedade, tanto individualmente como coletivamente (ENS, 2002, p. 40).



Blog do Planalto

Figura 10.6: Presidente Lula e o ministro da Educação Fernando Haddad em Caetés (PE), com alunos beneficiados pelo Programa UCA.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/blogplanalto/4971970002/sizes/>

Conclusão

Nesta aula, não partimos da ideia de que a tecnologia resolverá todos os problemas da escola ou do sistema de ensino, mas sim de como ela cria possibilidades de aprendizado. Todavia, de nada adianta ter tecnologia e uma infraestrutura muito bem desenvolvida, se estas não estiverem associadas a uma qualificação do professor (para saber como utilizar as tecnologias) e dos alunos (para saberem o que utilizar no computador e na internet).

Tal processo cria uma simbiose que contribui diretamente para a melhoria do ensino e para que, de fato, a educação ganhe novos sentidos e possibilite uma participação integral dos alunos, professores, gestores e família no cotidiano escolar. Ou seja, a informatização nas escolas não é uma ação isolada. Ela condensa diversos atores, com vistas à transformação da realidade escolar de forma positiva, não só em termos de números, mas de qualidade.

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária (MORIN, 2003, p. 98).

Nesse sentido,

Essa missão deve começar realizando uma ação institucional que permita incorporar nos diferentes espaços educativos e de acordo com os diferentes níveis de aprendizagem, seis eixos estratégico-diretrizes para uma ação cidadã, articuladora de suas experiências e conhecimentos, e para uma contextualização permanente de seus problemas fundamentais no prosseguimento da hominização. A educação planetária deve propiciar uma mundologia da vida cotidiana (MORIN, 2003, p. 99).

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3

Aponte as principais contribuições das políticas públicas de inclusão digital para a transformação dos processos educacionais e do papel da escola diante desse novo contexto social e educacional.

Resposta comentada

A escola não pode mais estar alheia à evolução tecnológica que ocorre na sociedade. Ela necessita não só de entrar na era digital, como de incluir nos procedimentos educacionais o uso de tecnologias de informação e comunicação. Isso não significa que toda transformação necessária no ensino escolar esteja vinculada exclusivamente à introdução de tecnologias.

Nesse sentido, considerar as políticas públicas de inclusão digital na escola é um passo importante, na medida em que elas possibilitam a criação de uma infraestrutura que permite aos alunos e professores uma nova relação ensino-aprendizagem.

Assim, a escola está diante de um novo cenário social e tecnológico, que exige uma postura crítica frente a essa questão e a incorporação didática de mecanismos tecnológicos para uma possível transformação da educação.

Resumo

Nesta aula, tratamos da inserção e do uso de tecnologias na escola.

Apresentamos uma crítica aos modelos tradicionais de educação, em que a relação ensino-aprendizagem ocorre de forma vertical e bancária, na qual os professores são donos de um saber absoluto e quase não existe espaço para troca.

Em seguida, analisamos a importância de os professores e as escolas estarem atualizados e capacitados para interagir com os alunos, usando a tecnologia da informação e da comunicação como ferramenta de facilitação do processo de ensino-aprendizagem. Ressaltamos que a tecnologia não pretende substituir o professor, mas auxiliá-lo a exercer seu ofício diante da atual realidade midiática em que ele e os alunos estão inseridos.

Também vimos exemplos de iniciativas públicas – UCA e Pirai Digital – que contribuem para o sucesso do processo de inclusão de tecnologia nas escolas e na educação como um todo.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, trataremos do uso de tecnologias no ensino de Geografia. Trata-se de compreender, de forma mais específica, como a tecnologia pode auxiliar o professor de Geografia nas suas aulas, ampliando as possibilidades de ensino-aprendizagem.

Aula 11

Tecnologia de informação e comunicação
e o ensino de Geografia

Meta

Apresentar a importância do uso de ferramentas tecnológicas pelo professor para incrementar e dinamizar o ensino de Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os limites e potencialidades do uso de tecnologias no ensino de Geografia;
2. analisar o papel do professor de Geografia diante das tecnologias.

Introdução

O conhecimento geográfico vai muito além do que podemos imaginar. Essa abrangência do estudo de Geografia se confirma pelas tecnologias, que apontam para a necessidade de repensarmos o ensino desse campo do saber. É necessário que se elabore uma crítica para esse estudo, mas propondo mudanças.

Fato é que a prática de ensino parece algo fácil. No entanto, mais do que dominar o conteúdo, o professor precisa saber como repassá-lo, evitando ser mero repetidor do que está no livro e o aluno, mero receptor. Nesse sentido, é preciso uma avaliação crítica do ensino de Geografia e uma busca por novas metodologias que ajudem a ultrapassar o tradicionalismo que insiste em permanecer.

Nesta aula, partiremos de uma crítica que realizamos na Aula 10, mas que agora considera exclusivamente o ensino de Geografia. Para tanto, apontamos algumas metodologias que podem ser úteis nas aulas, de maneira a modificar não só a forma de ensinar, mas também a recepção da Geografia pelos alunos.

Trata-se de um esforço que busca realizar a crítica, mas, também, apontar novas direções, que têm o professor e o estudante como elementos centrais. Isso não significa que somente esses atores sejam protagonistas no processo de ensino-aprendizagem. Mas, diante da impossibilidade, presente em muitos contextos sociais, de se proporcionarem boas condições de trabalho para os professores e de aprendizagem para os estudantes, apresentaremos exemplos básicos que podem tornar a aula de Geografia menos tediosa e mais participativa.

A Geografia está em crise!

A frase que dá título a esta parte da aula é muito difundida na Geografia, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, e expressa um elemento de grande importância nos estudos geográficos: a crise. Ao mesmo tempo, a questão da crise em nosso campo de estudo foi tema de diversos encontros de geógrafos ao longo dos últimos anos e reflete a constante insatisfação desses profissionais com a metodologia até então utilizada na Geografia.

Tal crise corresponde às mudanças que ocorrem no tecido social, exigindo da ciência um novo olhar e do geógrafo, uma nova postura analítica. Sobre o tema da crise da Geografia, existe uma densa bibliografia

de intelectuais internacionais e nacionais, dentre os quais citamos Milton Santos, Yves Lacoste, David Harvey, Doreen Massey, Ana Fani, Roberto Lobato, entre outros.

Contudo, se podemos falar de uma Geografia enquanto ciência em crise, também podemos falar de uma crise no ensino de Geografia. Mas como ela ocorre? E por quê?

Primeiro vamos pensar na relação entre os conhecimentos geográficos e a realidade dos estudantes. Aparentemente, há relação direta entre a vida, o cotidiano e tais conhecimentos. Porém, ao mesmo tempo, percebemos um severo distanciamento entre o conteúdo estudado e a vida cotidiana, quando se trata de ensinar Geografia. Isso dissocia as aulas da realidade, tornando-as enfadonhas, cansativas (LACOSTE, 2007).

A Geografia é uma ciência social. Ao ser estudada, tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desconhecida da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (parte do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrição de lugares distantes ou de fragmentos do espaço (CALLAI, 2003, p. 57).

Apesar das críticas tecidas por Lacoste (2007) e do sucesso do ensino de Geografia na França (um dos marcos do movimento de sua renovação), podemos dizer que até hoje há uma crise no ensino dessa disciplina. Essa crise expressa ainda um dilema, já que os avanços de conhecimento científico que acontecem nas universidades não ocorrem na mesma proporção na escola. Nesse caso, podemos considerar não apenas o conhecimento geográfico, mas todos os campos disciplinares. Isso aponta para um descompasso entre escola e universidade; entre conhecimento acadêmico e escolar.



A pesquisadora e professora Tamara Egler, do IPPUR/UFRJ, desenvolveu um estudo sobre a relação escola-universidade. Ela coordena um projeto vinculado ao programa Observatório da Educação, da Capes, sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nas mais diversas disciplinas.

De acordo com a pesquisadora, há uma separação que deve ser eliminada, para que seja possível um avanço não só na universidade, mas, sobretudo, na escola. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas surgem como possibilidade de incremento ao ensino, mas é preciso despertar, ensinar e incentivar os docentes para que saibam não apenas manusear as tecnologias, mas também inseri-las nas atividades em sala de aula de forma profícua.

Essa diferença entre o que se ensina na escola e na universidade justifica, entre outras coisas, o fato de as aulas de Geografia serem, como afirma Lacoste (2007), enfadonhas, cansativas, chatas. Justifica ainda a associação da Geografia à Cartografia, ou mesmo à memorização de nomes de lugares, países. Ou seja, a meras descrições. Tais referências, que eram e são dadas à Geografia até os dias de hoje, a atrasam diante das realidades escolares.

No entanto, reconhecemos que vêm ocorrendo, a passos lentos, algumas mudanças, a partir de práticas inovadoras realizadas por professores. Tais práticas, em alguma medida, consideram o uso de tecnologias de informação e comunicação no ato de lecionar, tomando-as como possibilidades, e não como determinantes na mudança do ensino de Geografia.



Figura 11.1: Aulas chatas de Geografia.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/122217192@N02/13699005434>

Não estamos propondo, sob hipótese nenhuma, uma visão de que o uso de tecnologias de informação e comunicação, por si só, modificará a

realidade do ensino de Geografia. Ao contrário, tais tecnologias devem ser bem pensadas e trabalhadas para que, de fato, sirvam ao avanço do ensino.

O ciberespaço tem de ser visto como possibilidade, ou mesmo potencialidade, nunca como fundamento da transformação, pois, se assim o fizermos, estaremos desconsiderando o papel do professor e do estudante no contexto de ensino-aprendizagem.



María Jesús C. Hispania

Figura 11.2: Aula interativa utilizando o computador.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/76205755@N00/2426725559/>

As transformações tecnológicas e seu impacto no ensino

O ensino de Geografia vem passando por uma série de transformações, que correspondem às que ocorrem na sociedade. Longe de ser inerente apenas a essa disciplina, trata-se de transformações que abrangem todos os domínios da vida social, incluindo o cotidiano da escola, como já apontamos nas Aulas 9 e 10. Nesse sentido, é importante considerar de que modo as transformações tecnológicas, que ocasionam a emergência e a consolidação de uma geografia do ciberespaço, implicam o ensino de Geografia.

Os avanços da ciência e das inovações tecnológicas têm sido consideráveis e exigem, cada vez mais, níveis de escolarização e

conhecimentos especializados em diversas áreas. As tecnologias da informação e comunicação ingressam no processo de ensino e de aprendizagem, enquanto materiais de apoio (CAVALCANTE; BIESEK, 2009, p. 2).

Estamos propondo um esforço conjunto de repensar o ensino de Geografia diante de tantas transformações. Vale ressaltar a importância de considerarmos a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional (SANTOS, 2008), ou mesmo comunicacional (HABERMAS, 1989; EGLER, 2004). Ou seja, estamos diante de uma sociedade em que a informação é o motor do atual período histórico, dando novos contornos aos processos comunicacionais.

Ante ao exposto, a escola tem um novo contexto histórico e social, que não está alheio a tais transformações. Portanto, temos de considerar de que forma esse novo contexto exige uma nova lógica educacional e outra postura do professor de Geografia.

[...] os professores de Geografia, como cientistas sociais e educadores que interagem de forma histórica e dialética nos acontecimentos do mundo globalizado, são convocados a pesquisar, interagir, questionar, criticar e finalmente criar perspectivas sobre a estrutura e o contexto da inclusão digital voltada ao uso das NTICs no ensino da Geografia, de modo que este ensino se modifique para atender ao paradigma societal contemporâneo, através do suporte das ferramentas didático-tecnológicas, objetivando tornar a aula de Geografia mais dinâmica, interessante e interativa ao aluno (RICARTE; CARVALHO, 2011, p. 260).

Na última aula, conversamos sobre a inserção da internet na escola. Todavia, não podemos considerá-la somente pelo seu meio tradicional de acesso, a saber, o computador. Temos que levar em conta as diversas ferramentas por meio das quais é possível o acesso à internet: os *smartphones*, os celulares, os *tablets*, equipamentos cada vez mais presentes nas realidades escolares.

Diante de todas essas ferramentas de acesso ao mundo digital, há uma exigência, implícita, de uma nova postura do professor. Ou seja, diante da impossibilidade de fugir dessa realidade ou escamoteá-la, o professor tem de saber como tirar proveito dessas ferramentas, de modo a contribuir para um melhor processo de ensino-aprendizagem.



Santiago Bustelo

Figura 11.3: Atual configuração do ensino.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/santiagobustelo/4145726343>

Temos de considerar uma postura crítica por parte dos professores no tocante ao uso escolar das tecnologias de informação e comunicação. Eles não devem tê-las como fundamento ou razão de ser das suas aulas, mas, ao mesmo tempo, não devem desconsiderar sua importância para a renovação do ensino de Geografia. Trata-se de entender o papel do professor como um mediador, que tem as ferramentas tecnológicas como possibilidade, jamais como fundamento.

Não temos mais como negar o uso de tecnologias. A escola está, direta ou indiretamente, repleta delas. O que temos de fazer, enquanto docentes, coordenadores e diretores, é tirar proveito dessas tecnologias para o benefício do aprendizado dos estudantes.

Atividade 1

Atende ao objetivo 2

Pensando a crise da Geografia, que expressa como as novas configurações sociais (tecnologia, urbanização, migração) influenciaram esse campo de estudo, qual deve ser a postura do professor no tocante à sua prática de ensino, frente ao avanço tecnológico pelo qual passamos?

uso das tecnologias olhando para seus limites e possibilidades, tendo, portanto, o professor como mediador desse processo.

Tal postura segue um ensinamento da professora Ana Clara Torres Ribeiro, que, em suas aulas na disciplina Sociologia das Técnicas, no curso de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional do IPPUR/UFRJ, afirmava que, no trato com a tecnologia, temos de ter riso e desconfiança. Isso tanto para não nos apaixonarmos de forma acrítica, como para não nos tornarmos avessos a ela.



Sugerimos que você tenha em mãos a Aula 10, na qual discutimos de que forma a tecnologia deve ser utilizada na escola, tendo como primeiro passo a capacitação dos professores. Tal capacitação possibilita ao docente conhecimento suficiente para potencializar o uso das ferramentas tecnológicas quando considerar necessário e interessante.

As imagens são importantes recursos metodológicos para que os alunos, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, consigam atribuir sentido ao aprendizado dos conteúdos de Geografia. Podemos mostrar fotografias, ilustrações, figuras do livro didático, imagens de mapas, gráficos, tabelas etc. (CALADO, 2012, p. 19), tornando as aulas muito mais interessantes.

Ao mesmo tempo, não basta utilizar ilustrações. É preciso levar o aluno a interagir, e isso é possível através do uso dos aparelhos telefônicos ou *tablets*. Além de quebrar o tabu de que não pode utilizar tais aparelhos em sala de aula, o aluno perceberá que a Geografia faz sentido na medida em que percebe que ela faz parte da sua vida. Para tanto, conforme aponta Guimarães,

O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam os alunos a produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. (2007, p. 50).

A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar.



Inúmeras escolas proíbem o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, com o que concordamos, pois o que mais temos visto são estudantes que os utilizam sem o menor fim educativo. Contudo, tais ferramentas podem se tornar incrementadoras do ensino, a partir do momento em que o professor, ciente da potencialidade de tais aparelhos, os utiliza de forma consciente e equilibrada.

O docente, no entanto, tem de saber como (e se pode) utilizar essas ferramentas em sala, de forma educativa, com o objetivo de agregar valor para a ampliação dos conhecimentos dos estudantes.

No ensino de Geografia, as tecnologias de informação e comunicação são uma fonte riquíssima para dinamizar e potencializar a aula. Isso pode ser trabalhado de forma muito simples, sem se limitar apenas ao *datashow* ou aos computadores disponíveis na escola.

Não obstante, é preciso lembrar que não basta colocar o conteúdo numa ferramenta tecnológica. O professor não deve acreditar que está transformando a maneira de ensinar pelo simples fato de utilizar tecnologias. É preciso saber usá-las. Por exemplo: no *datashow*, não devemos usar textos grandes nos *slides*, nem reproduzir integralmente os livros.

Já as imagens podem ser utilizadas à vontade, pois isso tornará o conteúdo mais palpável. Quanto mais imagens nas aulas, mais fácil será a comparação e a compreensão por parte dos estudantes, já que, se eles não compreenderem com um exemplo, disporão de outros.

Sabendo dos limites infraestruturais existentes na maior parte das escolas brasileiras, sobretudo nas públicas, sugerimos que sejam utilizadas outras ferramentas, além do *datashow*. Muitos estudantes têm celulares, *smartphones* ou mesmo *tablets*. Sendo assim, o professor pode solicitar que eles os levem para a aula. Uma sugestão é o uso do GPS, disponível na maioria dos aparelhos telefônicos e *tablets*. Com esse aplicativo,

pode-se trabalhar o conteúdo de Cartografia, comum ao 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

Por outro lado, é possível também utilizar o celular para falar do processo de globalização, solicitando que os estudantes entrem nas redes sociais e percebam como as empresas oferecem produtos nas suas páginas, a partir das suas características. Essa questão pode ser discutida principalmente com estudantes do Ensino Médio, quando há espaço para o debate sobre os limites da tecnologia na sociedade.



Figura 11.4: Mudança de planos.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/122217192@N02/13698733363/>

WebGincana

Criada em 2002 por Jarbas Novelino Barato, é um trabalho de pesquisa na *web*, como se fosse uma caça ao tesouro. Por meio de uma página na internet feita pelo professor, ou mesmo em uma folha entregue aos alunos, são definidas as condições, o tempo e a concepção do trabalho.

Fonte: Adaptado de SEABRA, 2010, p. 5.

O professor pode também trabalhar com os alunos utilizando o conceito de **WebGincana**, pedindo que se dividam em grupos e pesquisem sobre um tema, mas com um prazo de tempo determinado. Essa pesquisa sobre o tema poderá ter textos, representações fotográficas, áudio, vídeo, que serão apresentados e debatidos com o restante da turma. Como uma gincana, as etapas do projeto têm pontuação, gerando uma interessante e lúdica proporção de competição e colaboração (SEABRA, 2010, p. 4).



Jeane Paes Macedo Florentino

Figura 11.5: Uso do *webquest*.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/122217192@N02/13698522923/>

O **webquest** tem sido uma possibilidade de uso de tecnologia na educação. Trata-se de uma metodologia que considera a inserção da internet nos processos educacionais, e, portanto, na escola. Além do mais, através dessa ferramenta, é possível realizar avaliações, designar tarefas aos estudantes, interagir com eles, entre outros facilitadores. Essa metodologia torna-se interessante na medida em que os estudantes deixam de ser meros receptores de informação e passam a comunicar-se entre si e com os docentes.

[...] os alunos, individualmente ou em grupo, podem se tornar exploradores do seu espaço, observando, descobrindo e analisando as diversidades socioambientais que a sala de aula não trazia às suas mentes, desenvolvendo sua percepção social sobre a realidade em que vivem, assim, tornando-se cidadãos críticos e ativos em termos de ideias e ações viáveis que contribuam para a percepção dos problemas de sua comunidade, gerando soluções criativas para a melhoria do ambiente em que vivem (RICARTE; CARVALHO, 2011, p. 271).

Contudo, alguns passos são necessários para o pleno e vantajoso uso do *Webquest*. Não basta apenas inseri-lo no ambiente de ensino. Como apontamos na Aula 10, o professor tem de estar capacitado não só para o uso de tecnologias, como para determinadas plataformas. Nesse sentido, conforme aponta Dodge (1995, p. 4-5):

1. O primeiro passo para um docente aprender a ser um planejador de *Webquest* é o de familiarizar-se com os recursos disponíveis *on-line* na sua própria disciplina.

Webquest

Metodologia que cria condições de aprendizagem, utilizando os recursos de interação e pesquisa disponíveis ou não na internet, de forma colaborativa. É uma oportunidade de realizarmos algo diferente para obtermos resultados diferentes em relação à aprendizagem de nossos alunos. Além de que as *Webquests* oportunizam a produção de materiais de apoio ao ensino de todas as disciplinas, de acordo com as necessidades do professor e de seus alunos (BARROS, 2005, p. 4).

2. O próximo passo é organizar o próprio conhecimento do que há lá fora (na internet).
3. A seguir, os docentes devem identificar os tópicos que cabem em seu currículo e para os quais há materiais apropriados *on-line*.
4. Use um gabarito (*template*) para organizar as atividades de investigação do aprendiz no âmbito de uma única disciplina. Ele inclui seções separadas para desenvolver os seguintes pontos: explicar a tarefa aos aprendizes, listar os recursos necessários, descrever o processo que os aprendizes devem percorrer, proporcionar orientações de aprendizagem e apresentar uma conclusão.
5. Uma vez que os educadores se sintam confortáveis em planejar *Webquests* no âmbito de sua matéria, estarão prontos para enfrentar prazos maiores e abordagens interdisciplinares com o mesmo formato.



Michael Surran

Figura 11.6: Aula utilizando *Webquest*.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/extraketchup/719557295/>

Além disso, há a possibilidade de uso de vídeos em sala de aula. Há, inclusive, uma série de filmes e documentários, disponíveis na rede social YouTube, que podem ser utilizados pelo professor de Geografia.

Glória da Anunciação Alves (2003) apresenta diversas propostas de uso de vídeos para a discussão do conceito de região. A autora aponta a necessidade de o professor utilizar filmes que correspondam o máximo possível à realidade do estudante, fazendo com que o conteúdo tenha

significado para ele. Não basta levar vídeos, é preciso que estes dialoguem com aspectos da vida dos alunos. Trata-se de produzir significados. No entanto, aqui ampliamos a questão e afirmamos que é possível o uso dessa mídia não só para o conceito de região, mas para todos os conceitos da Geografia, além dos temas que ela desenvolve (urbanização, globalização, questão ambiental, geologia, movimentos da Terra).

Os vídeos também podem ser utilizados para discussões sobre temas como urbanização (2º ano do Ensino Médio), poluição ambiental (6º e 7º anos do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio) e movimentos da Terra (6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio). Essas são apenas algumas possibilidades que revelam uma infinidade de maneiras de aplicar esses veículos de comunicação nas aulas.

Outra atividade interessante e instigadora é a produção de vídeos pelos alunos. Isso permite que eles se tornem autores da própria representação do conteúdo trabalhado em sala de aula. E não só isso. A produção de vídeos, mesmo com um simples celular, exige que o aluno estude mais sobre determinado conteúdo e o registre. Isso pode ser observado em filmes disponíveis no YouTube, produzidos por alunos de diversas unidades escolares.

No YouTube ou no Google Vídeos, os alunos podem criar vídeos “caseiros” sobre os mais diversos temas dos conteúdos da Geografia, por exemplo: vídeos que tratem dos aspectos sociais do seu bairro, das características das atividades econômicas da sua cidade, dos momentos políticos do seu município, de uma feira de ciências realizada em sua escola, etc. Tudo isso pode ser hospedado no YouTube, tornando essa produção acessível aos colegas e à própria sociedade de uma maneira geral (RICARTE; CARVALHO, 2011, p. 271).

Nesse sentido, conforme apontam Cavalcante e Biesek (2009, p. 2), “a utilização de *software* para o processamento de informações espaciais, dados estatísticos e imagens digitais enquanto recurso pedagógico e operacional na Geografia auxilia na interpretação da realidade social”. Ou seja, é possível utilizar tais ferramentas em sala de aula.

O professor necessita transpor a mera instrução conceitual/técnica e tornar-se mediador do fluxo incessante de informações e de novas tecnologias e, para isso, deve possuir algum conhecimento sobre o uso didático desses aparatos tecnológicos – a atualização deve ser constante e contínua, porque requer certa intimidade com as ferramentas (NUNES; RIVAS, 2009, p. 10).

Dessa forma, é preciso, quando da realização do plano de aula, que o docente esteja consciente da necessidade de se questionar sobre se o uso de alguma ferramenta tecnológica beneficiará ou não a produção e apropriação do conhecimento pelos alunos. É evidente que, enquanto plano, tudo se torna futuro. Somente quando colocar tais planos em prática é que o professor poderá saber se estava certo ou não nas escolhas realizadas.

Conclusão

As tecnologias de informação e comunicação cumprem, hoje, um papel fundamental na sociedade, em relações de trabalho, amizade, entre outras. A escola, em geral, e o ensino de Geografia, especificamente, não podem ficar alheios a essa realidade. Isso se dá justamente pelo fato de que é cada vez mais comum, nas escolas, os estudantes utilizarem celulares, *smartphones*, *tablets* e *notebooks*.

Em face dessa realidade, é importante que os docentes de Geografia estejam atentos à forma de utilização de tais ferramentas em benefício do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, é importante que o professor trabalhe como mediador, pois, como sabemos, é muito fácil os alunos se dispersarem, sobretudo quando estão envolvidos com ferramentas vinculadas às tecnologias de informação e comunicação. Contudo, se utilizadas no momento certo e de forma planejada, estas contribuem para uma aula profícua e participativa.

Seja por meio de *blogs*, plataformas (como o *Moodle*), metodologias (como o *Webquest*), aplicativos (como o GPS) ou redes sociais digitais, é possível que o professor transforme sua prática, potencializando o aprendizado. A inserção de vídeos, visualizações pelo *datashow*, celulares e outras tantas ferramentas torna a disciplina de Geografia na escola mais atrativa, fazendo com que o ensino seja menos enfadonho, cansativo, memorizador.

===== **Atividade final** =====

Atende ao objetivo 1

Ao pensarmos no grande avanço tecnológico dos últimos anos, somos levados a considerar as diversas ferramentas criadas como expressão desse contexto. Na condição de docentes, quais os limites e potencialidades do

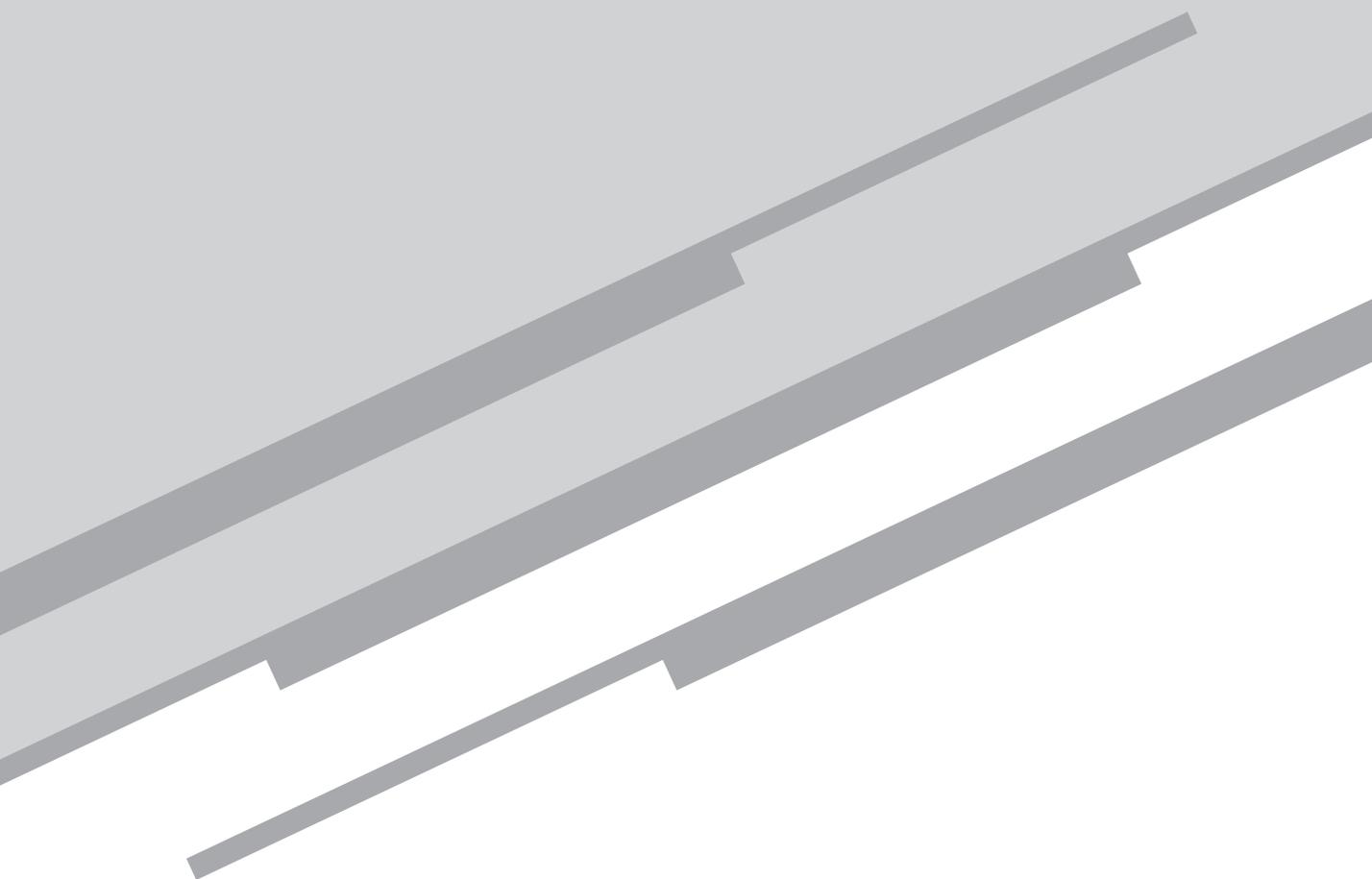
Foram apresentadas algumas possibilidades, de modo que você perceba que, com criatividade e disposição, podemos modificar o ensino de Geografia por meio do uso de ferramentas tecnológicas, quando utilizadas com cautela e total domínio.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, debateremos a questão dos movimentos sociais dentro da Geografia do Ciberespaço. Trata-se de identificar e analisar como eles se organizam a partir da internet e quais as transformações promovidas por essa forma de organização na política e no cotidiano.

Aula 12

Movimentos sociais e o ciberespaço



Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Meta

Apresentar a organização e a prática dos movimentos sociais na era das redes.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a configuração dos movimentos sociais diante do processo de ampliação do ciberespaço;
2. analisar os movimentos sociais na era das redes.

Introdução

O espaço, diante do processo de globalização, ganha novas dimensões, conforme apontam, entre outros, autores como Milton Santos (2008a), Doreen Massey (2009) e David Harvey (2011). Essas novas dimensões são decorrentes da ampla utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A informação, segundo afirma Santos (2008b), é o motor do atual período histórico, logo, nada mais justo que a construção de tecnologias que promovam a ampla difusão informacional.

Quando tais tecnologias informacionais, ao se constituírem no tecido social a partir da apropriação pelos sujeitos sociais, permitem que o espaço tenha novo conteúdo, ocorrem modificações na forma como se produz espaço. Significa dizer que as modificações se dão em termos objetivos (prédios, instalações, satélites) e em termos subjetivos (relações sociais, amizade, trabalho).

Espaço, como sabemos, é uma totalidade que envolve elementos inanimados que passam a ter sentido a partir das práticas sociais (SANTOS, 2008c). Mais que isso, o espaço condensa, como aponta Lefebvre (1991), três dimensões, a saber:

- absoluto;
- concebido;
- vivido.

A produção do espaço, assim, vai implicar reconhecermos um espaço absoluto, isto é, que existe como um *a priori*; este funciona como base e condição para a (re)produção da sociedade.



Figura 12.1: O espaço concebido, uma representação possível através de mapas, imagens.

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/1207518>

Já o espaço concebido é uma representação desse espaço absoluto, possível através de mapas, imagens, representações em geral. Por fim, o espaço vivido é o das relações. Mas ainda é necessário pensar de que maneira essas três dimensões formam uma totalidade (HARVEY, 2011).

É importante considerar de que modo a produção do espaço, no processo de globalização, redefine práticas espaciais em níveis macro e micro, isto é, como as práticas espaciais de empresas, governos, multinacionais ganham nova dimensão com o processo de globalização e com a consolidação do ciberespaço. E de que maneira as práticas em nível micro, ou seja, das organizações sociais e da sociedade civil organizada, ganham nova dimensão a partir do momento em que entramos na escala-mundo de produção do espaço, e principalmente com as tecnologias de informação e comunicação.

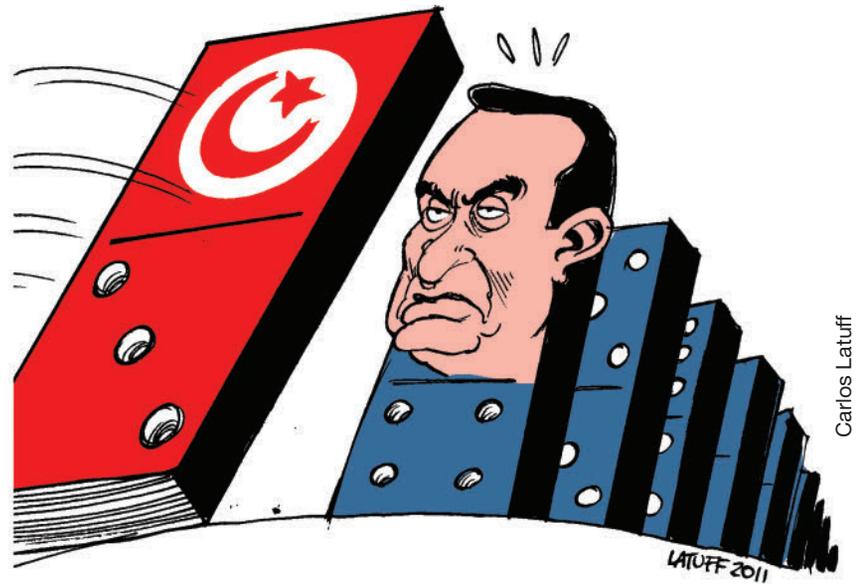


Figura 12.2: Charge representando Hosni Mubarak em frente ao efeito dominó desencadeado pelos protestos na Tunísia.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hosni_Mubarak_facing_the_Tunisia_domino_effect.png?uselang=pt-br

Aqui consideramos a dimensão micro dos movimentos sociais, que ganham amplitude, chegando a um espaço macro, a partir do advento das tecnologias de informação. A título de exemplo empírico, consideramos para esta aula os movimentos sociais que aconteceram em outros países, como por exemplo, a Primavera Árabe (2011), que não apenas revolucionou o mundo árabe, mas mostrou a força que a sociedade civil organizada tem.

Os movimentos sociais: um percurso conceitual

Quando consideramos a produção do espaço, tanto na sua dimensão macro como, e principalmente, na sua dimensão micro, estamos apontando para um fato que diz respeito à lógica da própria sociedade. Isso significa falarmos de um espaço produzido tanto por atores hegemônicos (grandes empresas, governo) quanto por atores comuns, que têm tanta importância quanto aqueles. Atores comuns são assim chamados porque, muitas vezes, são negligenciados, mas também atuam na produção do espaço. São os atores da vida cotidiana que, através do seu dia a dia, impõem transformações nas relações macroestruturais, na medida em que se posicionam como sujeitos políticos.

Os movimentos sociais surgem nesse contexto. Trata-se de formas de organização da sociedade civil envolvendo atores da vida cotidiana que, insatisfeitos com as ações dos atores hegemônicos, buscam mudanças na sua realidade. Estamos falando aqui da forma como a vida cotidiana e as relações escalares (global e local/ local e regional/ regional e global) possibilitam a formação de uma consciência política nos sujeitos da ação (RIBEIRO, 2013). É na exata medida que o indivíduo desenvolve a sua consciência política que ele se torna um sujeito ativo de fato. Tal consciência surge a partir da relação social, que, ao produzir espaço num sistema capitalista, produz também certas contradições. Tais contradições, ao serem questionadas, criam insatisfações, promotoras de cobranças, revoluções, transformações.



Figura 12.3: A imagem, inspirada em um folheto russo de 1900, mostra a hierarquia social, com os poucos ricos no topo e as massas empobrecidas na parte inferior. Coroado com um saco de dinheiro que representa o capitalismo, a camada superior, “Nós governamos vocês”, é ocupada pelos líderes de Estado e a realeza. Debaixo deles está o clero (“Nós enganamos vocês”), seguido pelos militares (“Nós atiramos em vocês”) e a burguesia (“Nós comemos por vocês”). A base da pirâmide é formada pelos trabalhadores (“Nós trabalhamos para todos... Nós alimentamos todos”).
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pyramid_of_Capitalist_System.png
Publicado em: International Pub. Co., Cleveland, Ohio (1911).

Conforme aponta Harvey, importa

entender como todo este mundo relacional de experiência e informação se internaliza no sujeito político particular (ainda que individualizado no espaço e tempo absolutos) para suportar esta ou aquela linha de pensamento e de ação. Claramente, não podemos compreender o terreno mutável no qual subjetividades políticas se formam e ações políticas ocorrem sem pensar sobre o que acontece em termos relacionais. (2011, p. 17).

Diante desse contexto, cumpre considerar as relações que se constituem no espaço e que ganham nova dimensão a partir do ciberespaço. Tais relações incluem o surgimento dos movimentos sociais, em decorrência das tensões entre Estado e sociedade. Esses movimentos se baseiam nas reivindicações de grupos que, no seu cotidiano, estão insatisfeitos.



Figura 12.4: Um primeiro movimento social historicamente constituído são os sindicatos, que entraram na luta entre capital e trabalho para melhores condições de existência para os trabalhadores.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifesta%C3%A7%C3%A3o_dos_Sindicatos_Europeus_em_Guimar%C3%A3es_a_5_de_Julho_de_2007_15.jpg?uselang=pt-br

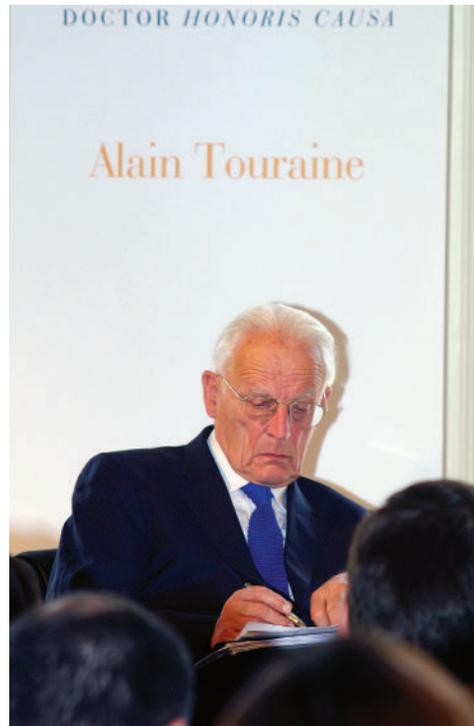
Podemos pensar os movimentos sociais em prol da melhoria dos trabalhadores tanto no nível global como na América Latina e no Brasil, especificamente.

Até o início do século XX, o conceito de movimentos sociais contemplava apenas a organização e a ação dos trabalhadores em sindicatos. Com a progressiva delimitação desse campo de estudo pelas Ciências Sociais, principalmente a partir da década de 60, as definições, embora ainda permanecessem imprecisas, assumiram uma consistência teórica, principalmente na obra de Alain Touraine, para quem os movimentos sociais seriam o próprio objeto da Sociologia. Apesar do desenvolvimento que o conceito teve nos últimos anos, não há consenso ainda hoje entre os pesquisadores sobre seu significado. Outros estudiosos

do tema, como Alberto Melucci, por exemplo, questionam o conceito de movimentos sociais por considerá-lo reducionista, e empregam preferencialmente o de ações coletivas. Isso sinaliza para a necessidade de uma maior discussão acerca da validade conceitual do termo, mesmo porque ele vem sendo utilizado indiscriminadamente para classificar qualquer tipo de associação civil (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004, p. 75).



Alain Touraine



UOC_Universitat

O sociólogo Alain Touraine.

Fonte: https://www.flickr.com/photos/uoc_universitat/2944205584

Alain Touraine é um sociólogo francês que, nos seus trabalhos, busca entender de que modo a sociedade se desenvolve diante do vasto processo de globalização, incluindo nesse debate o papel dos movimentos sociais, formados a partir dos trabalhadores.

Indicamos a entrevista concedida a uma emissora de televisão brasileira, em que Touraine faz uma análise sobre as atuais condições do processo de globalização. O vídeo está disponível no *site* Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=nV4ApCsTwyU>.

Já Rodrigues afirma que:

Em geral, os movimentos sociais têm um lugar especial no capítulo dos estudos sobre mudança social. Os textos clássicos relacionam movimentos com mobilizações e reivindicações que envolvem causas particulares ou grandes projetos de mudança social. (2011, p. 145).

Mais ainda, a autora aponta que:

Há certo consenso de que os movimentos sociais propiciam a difusão dos ideais de emancipação, alimentam os desejos de liberdade, mas também podem ser vistos como agentes que anunciam o novo ao denunciar as contradições existentes e desafiar os códigos culturais dominantes.

A sociedade se organiza através dos movimentos sociais para agir e, assim, promover ou buscar transformações. Todavia, mais do que isso, os movimentos sociais têm grande importância para a transformação da política, da prática política, dando novo sentido à produção do espaço. Trata-se de considerar que “os Movimentos Sociais situam-se no âmbito da ação social coletiva” (MALFATTI, 2011, p. 217).

Goss e Prudêncio, a partir de uma reflexão apresentando ideias de Gohn (1997) sobre os movimentos sociais, consideram que:

Ao final do percurso pelas teorias sobre os movimentos sociais, Gohn (1997) estabelece sua conceituação que caracteriza os movimentos sociais como ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil. Segundo a autora, as ações desenvolvem um processo de criação de identidades em

espaços coletivos não institucionalizados, gerando transformações na sociedade, seja de caráter conservador ou progressista (2004, p. 78).

Ao mesmo tempo, cumpre considerar que os movimentos sociais na atualidade ganharam nova configuração em função das redes de informação e comunicação. O espaço informacional, as redes de informação e comunicação reorganizaram as relações de trabalho, as relações sociais, as formas de produzir e de consumir e, também, as formas como a sociedade passou a se organizar por meio dos movimentos sociais.

O debate deixou de ser apenas em torno da relação/tensão entre capital e trabalho, muito forte nos debates e análises marxistas ortodoxos, e passou a incluir outros temas. Alguns desses temas são contemplados nos movimentos:

- pela causa feminista;
- em defesa do meio ambiente;
- de proteção às crianças;
- contra a violência;
- pela educação, entre outros.



Ricardo Frantz

Figura 12.5: A Marcha das Vadias protesta contra a crença machista de que as vítimas de violência sexual teriam provocado tal ato por seu comportamento e/ou vestimentas.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marcha_das_Vadias_em_Porto_Alegre,_2013.jpg?uselang=pt-br

Tal explosão de temas está associada à complexificação do tecido social. Significa dizer que, dada a ampliação do processo de urbanização e a ampla difusão da globalização, novas demandas surgem na sociedade para além da clássica tensão capital X trabalho.

Provas desse fato são as insurgências populares a que assistimos nos últimos anos, vinculadas, entre outras razões, a questões políticas, ambientais e sociais. A constituição de uma geografia do ciberespaço permite que a sociedade, ao se organizar por meio dos movimentos sociais, ganhe nova dimensão, bem como nova projeção. Não se trata mais de movimentos vinculados apenas a problemas locais, mas de causas que podem ser articuladas de forma muito mais ampla, com atores situados em diversas áreas.

Nesse sentido, importa que consideremos como, diante de toda uma geografia do ciberespaço, os movimentos sociais se organizam e agem politicamente.

═══════════════════════ **Atividade 1** ════════════════════════

Atende aos objetivos 1 e 2

Explique de que forma a teoria dos movimentos sociais nos ajuda a pensar a maneira como eles se constituíram e de que modo evoluíram os debates nos últimos anos, promovendo a explosão de muitos movimentos associados a diversos interesses.

Resposta comentada

A teoria dos movimentos sociais, ao deixar claras as bases através das quais eles surgiram, possibilita ampliar o debate sobre o assunto e revelar os motivos da eclosão de outros movimentos, vinculados a temas para além da clássica tensão entre capital e trabalho. Ao mesmo tempo, possibilita identificarmos autores que, em seus estudos, consideram os

movimentos sociais desde antes das redes de informação e comunicação, até o momento em que essas redes passam a fazer parte do tecido social. Tal linha de estudo, levada à frente tanto por Alain Touraine como por Maria da Glória Gohn, autoridades no campo, indica a necessidade de, hoje, considerarmos, na dinâmica da sociedade e na constituição, organização e ação dos movimentos sociais, o papel das redes sociais digitais e da internet de modo geral.

Os movimentos sociais na era das redes

As formas de organização da sociedade para atuar politicamente e, assim, modificar o tecido social se transformaram bastante desde a década de 1980. Tal transformação, associada às novas demandas da população, implicaram uma explosão dos movimentos sociais em todo o mundo. Somada a isso, vinha acontecendo a gradativa transição de diversas sociedades regidas por políticas ditatoriais e de outras, com problemas de ordem ambiental e pública, que exigiam uma nova forma de organização social. Ademais, a constituição de uma rede de comunicação em um número cada vez maior de países fez com que a informação passasse a circular numa escala cada vez menor de tempo, atendendo às necessidades do capitalismo financeiro que se consolidava.

O aparecimento e o desenvolvimento dos movimentos sociais são, por isso, antes de mais, uma função do grau de democraticidade da sociedade. O poder político altamente concentrado e autocrático cria apertadas redes burocráticas que impedem, à partida, os conflitos ou logo os resolve apenas surjam. Nestes sistemas, dotados de grande rigidez, os sentimentos de hostilidade são canalizados para atividades em que se consubstancia a luta contra um inimigo real ou potencial. É aqui apertado o espaço para a tolerância e para a institucionalização democrática dos conflitos. Apenas surjam, são logo desviados, não podendo ter livre curso. Fraca é a possibilidade de adquirirem grande visibilidade face aos fortes aparelhos ideológicos e repressivos do sistema político. Se os conflitos são autocontidos e ocultados, também as relações sociais são desvirtuadas (FERNANDES, 1993, p. 796).

Além disso, analisar os movimentos sociais coloca destaque sobre a insatisfação por que passavam diversos grupos nas décadas de 1970/1980/1990, tendo estes criado uma verdadeira ebulição coletiva. Isso significa dizer que os movimentos sociais surgem, em sua maioria, num momento em que as insatisfações se materializam em forma de revoluções populares, sendo estudadas com maior ênfase a partir da segunda metade do século XX. Trata-se de considerar ainda o próprio desmonte do Estado, por meio da lógica neoliberal que consolida a globalização perversa.



Milton Santos



Tvbrasil

Milton Santos, geógrafo brasileiro.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/tvbrasil/5856633287>

Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*, revela que, com o atual processo de globalização, há uma perversão generalizada dos valores sociais. O quadro de desigualdade das zonas subdesenvolvidas, nos quesitos alimentação, alfabetização, saúde etc. deixa à mostra, de um lado, os consumidores e, de outro, aqueles expropriados da possibilidade de consumir, por conta da sua posição na sociedade globalizada.

Sobre a questão, é interessante assistir ao documentário *Milton Santos: por uma outra globalização*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6EIIQNsoJU>.

Estamos diante de uma sociedade que exige uma nova forma organizacional, tendo em vista que a globalização transforma diretamente a natureza dos lugares (SANTOS, 2001; MASSEY, 2009). Ao mesmo tempo, no processo de consolidação da globalização, há um movimento de expropriação dos menos favorecidos, de ampliação das desigualdades, sobretudo nos países periféricos. A lógica financeira, grande marco do atual esquema globalizado, junto com os avanços científicos, tecnológicos e mesmo informacionais, promove no território transformações que revelam uma nova relação escalar entre local e global. Segue-se a esse movimento a consolidação de alguns regimes totalitários, como nos países do Oriente, que engessam a espontaneidade cotidiana, criando uma insatisfação generalizada. Isso tudo começa a exigir uma nova organização da sociedade, que tem nas redes de informação e comunicação um potencial jamais visto, mas que somente ganha projeção a partir dos anos 2000.

Assim, conforme aponta Teixeira,

A Internet, até poucos anos atrás, apresentava-se apenas como um simples, novo e eficiente meio de comunicação, ultimamente se transformou em uma necessidade de aderir a uma nova dimensão social, onde os limites das relações sociais convencionais geralmente demarcadas por um espaço físico e que se viam permeadas por uma atmosfera competitiva, muitas vezes hostil e pouco associativa, com o advento da Internet alcançaram um elevado coeficiente de superação, passando a ser uma possibilidade real. (2007, p. 697).

Nesse sentido, a questão dos movimentos sociais deve ser pensada à luz do ciberespaço, na medida em que a ampla constituição do espaço digital implica uma reorganização desses movimentos. Ou seja, se a internet, como vimos nas Aulas 8, 9, 10 e 11, causa transformações no tecido social (sociabilidade, escola, apropriação dos espaços públicos), importa também analisarmos de que maneira esse avanço tecnológico

transforma as formas que a sociedade tem de se organizar para lutar por algum ideal. Significa, portanto, que há um novo devir político mediado por tecnologias que ampliam e potencializam o agir político.

Como afirma Rosa Pedro:

São inegáveis as transformações operadas pelas ciências e tecnologias, cuja presença crescente nas mais diferentes esferas do conhecimento e da vida tem propiciado novas formas de cognição, de interação, de ação social, de ativismo político, de geração e difusão do conhecimento. (2008, p. 1).

Cumprir destacar que se trata de uma temática que vem sendo desenvolvida há alguns anos por diversos pesquisadores, dos quais citamos Scherer-Warren e Gohn. Deve-se considerar, no curso da história da humanidade, como as redes de informação e comunicação dinamizam a própria forma de comunicação dos sujeitos da ação, tal qual nos ensina Ana Clara Torres Ribeiro. Podemos observar que os movimentos sociais na atualidade se organizam em torno de redes.



Antonio Jiménez Alonso

Figura 12.6: Antes, em um primeiro momento da história, quando não tínhamos todo o avanço comunicacional, as redes eram construídas por meio de cartas e contatos pessoais de outra natureza.

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/782111>

Há algumas décadas, as formas de se organizar um protesto em praça pública, em uma rua qualquer, eram muito mais lentas. Hoje, os movimentos sociais se organizam por meio de redes de contato digitais.



Figura 12.7: Com apenas um clique é possível convocar milhões de pessoas para uma ação coletiva, como uma passeata.

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/1064362>

Esses grupos de interesses, dada a sua natureza comunicacional, possibilitam a ampliação das redes de movimentos sociais, que são complexas e transcendem organizações empíricas delimitadas (SCHERER-WARREN, 1996). Nesse sentido, consideramos a internet e todo o ciberespaço como um meio pelo qual os movimentos sociais, verdadeiros coletivos em rede, potencializam e dinamizam a sua ação política.

Nas Ciências Sociais, o conceito de rede é utilizado para definir as redes sociais através das *relações primárias e secundárias* existentes no convívio em sociedade, no intuito de revelar a dinâmica da organização social (DIAS, 2005).



As relações primárias e secundárias, de acordo com as Ciências Sociais (SCHERER-WARREN, 2005; MARTELETO, 2010), são definidas da seguinte forma:

- as *primárias ou fechadas* caracterizam as interações diárias, em geral mais próximas, como as relações de vizinhança, amizades, e outras que ocorrem no domínio do cotidiano;

- as *secundárias ou abertas* são as que se formam em função de pensamentos coletivos, ou seja, são as que defendem interesses em comum para determinados fins. Há em curso, neste caso, objetos compartilhados de interesse, o que explica a formação e articulação das redes.

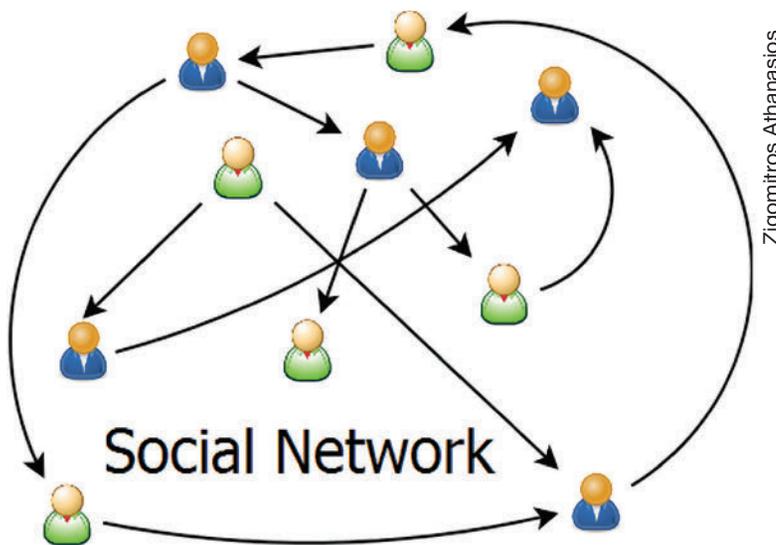


Figura 12.8: Para as Ciências Sociais, a estrutura social expressa uma espécie de rede.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Social_Network.png

Esse conceito de rede se fundamenta, então, na medida em que “compreende uma rede complexa dessas relações e interconexões que organizam o fluxo das interações entre as pessoas específicas num dado momento” (SCOTT, 2010, p. 85). Tal conceito é utilizado para a análise das redes de relações que formam o tecido social. Redes são compreendidas como uma estrutura formada por um grupo de atores que participam de um mesmo coletivo em torno de um objeto comum de ação, isto é, que têm por objetivo interesses compartilhados de ação (EGLER, 2004, 2007).

O geógrafo Milton Santos (2008a, 2008c, 2008d) amplia o debate em torno do conceito de rede, sobretudo quando o vincula à questão da cibernética, das tecnologias de informação e comunicação, dos *mass media*. Já Cilene Gomes (2001) utiliza esse conceito para analisar as tele-

comunicações e a informática na transformação do território brasileiro.

Por sua vez, Castells (1999) atualiza esse debate na medida em que apresenta inúmeras dimensões de rede (técnica, social, espacial, organizacional) e suas características, além das formas de sua apropriação social.

De acordo com o autor, uma rede técnica consiste em cabos de fibra ótica, satélites etc. Uma rede social se dá pelas relações de amizade, de trabalho, entre outras que constituímos, podendo ser traduzidas num meio digital, como as redes sociais digitais (Facebook, Twitter etc.). Uma rede espacial pode ser lida através de uma rede urbana, ou seja, de uma rede de cidades, hierarquicamente constituída. E uma rede organizacional consiste em empresas globais que se organizam em rede por se territorializarem em diversos lugares.

Castells (1999, 2007) também amplia o debate, apontando para as diversas dimensões e implicações do atual sistema técnico, que se tornou também científico e informacional, ou seja, passou a ser tratado como meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008a). Ao mesmo tempo, cumpre considerar que sistemas técnicos sempre existiram, como o caso da pedra lascada, do carro, do trem a vapor, mas eles evoluem ao longo do tempo. Nesse sentido, o sistema técnico atual condensa a infraestrutura técnica existente, como os cabos de fibra ótica, satélites, torres de transmissão, aparelhos de informática etc., e isso tudo só se constitui quando a informação torna-se o motor do atual período histórico.

Rizoma

Tipo de caule que, segundo a botânica, cresce horizontalmente, geralmente subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. Em termos sociais, podemos pensar o rizoma como uma associação à sociedade em rede, que muitas vezes foge às estruturas preestabelecidas, possibilitando maior democracia e, assim, maior participação de diferentes atores. O rizoma, pensado nessa lógica, ajuda na reflexão sobre como a sociedade vem se organizando e agindo ultimamente, em decorrência das tecnologias de informação e comunicação.

Na contemporaneidade, as redes articulam nós e fluxos potencializados pelas tecnologias de informação e comunicação, ganhando novos contornos e, assim, aproximando-se muito do que Deleuze e Guatarri (1997) conceituam como **rizoma**.

Scherer-Warren (1996, 2005), ao examinar as redes de movimentos sociais, delimita o estado da arte dos estudos dessas redes, ou seja, apresenta uma vasta referência em torno do tema e revela as principais questões que envolvem o conceito. Para a autora, alguns enfoques analíticos são relacionais e atributivos, isso quer dizer que as relações sociais definem-se em primárias ou secundárias, fechadas ou abertas. Ao mesmo tempo, de modo a precisar o seu objeto de investigação, ela realiza uma diferenciação entre coletivos em rede (2005) e as redes de movimentos sociais (1996). Para ela, este segundo tipo de rede constitui uma rede secundária, com determinados fins, tal qual aponta Max Weber.

Consideramos, portanto, que os movimentos sociais, tal como apon-

ta Scherer-Warren, pertencem ao tipo de rede secundária. Sendo assim, trata-se, como afirma Egler (2009), de movimentos que partem do vital para o virtual e, em seguida, do virtual para o vital. Saem do mundo da vida (HABERMAS, 1989) para o espaço virtual e, deste, ganham nova dimensão no mundo da vida. As práticas políticas são potencializadas quando associadas às redes de comunicação e informação digitais.

Nos eventos do mundo atual, o ápice da relação entre os movimentos sociais e as redes sociais digitais pode ser lido nos levantes ocorridos no mundo árabe em 2011 e no Brasil em 2013. Podemos também considerar a atuação do Greenpeace, que, já há algum tempo, utiliza da melhor maneira as redes sociais digitais para transmitir suas mensagens, divulgar suas ações e lutar em defesa do meio ambiente, revelando os reais interesses de atores hegemônicos nessa questão. Outro caso que podemos citar é o próprio movimento de criação de abaixo-assinados *on-line*, como o **Avaaz**, que revelam a nova dimensão das redes digitais. Inúmeros abaixo-assinados, inclusive vinculados a questões de governo, quando da descoberta de casos de corrupção no Brasil e em diversos países, já foram obtidos por essa organização.



Como exemplos da atuação das redes em movimentos sociais, apresentamos alguns títulos de reportagens sobre essa questão, que será melhor trabalhada na próxima aula.

- “Avaaz assina cartaz contra Renan na presidência do Senado”
Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2013/01/31/avaaz-assina-cartaz-contra-renan-na-presidencia-do-senado-484656.asp>
- “Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe”
Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>
- “Na Primavera Árabe, internet é faca de dois gumes. Para a Anistia Internacional, as mesmas redes sociais que favoreceram os movimentos contra a ditadura nos países árabes podem ser usadas contra a população”

Avaaz

Termo que significa “voz” em várias línguas da Europa, do Oriente Médio e da Ásia. A empresa, lançada em 2007, consiste numa organização que tem como objetivo ampliar a ação democrática por meio da mobilização de pessoas de todos os países, a fim de construir uma ponte entre o mundo em que vivemos e aquele em que a maioria das pessoas quer viver.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/na-primavera-arabe-internet-e-faca-de-dois-gumes>

Tais reportagens apontam para o poder que as redes, potencializadas pelos meios digitais, podem ter de transformar a realidade social. Isso aconteceu no mundo árabe, mas no Brasil não foi diferente, como veremos mais especificamente na próxima aula.

Conclusão

Pensar as redes de informação e comunicação é muito mais do que pensar o uso, muitas vezes banal ou empresarial, desses meios de comunicação. Deve-se levar em consideração a organização da sociedade, para fins de ação política, a partir da criação dessas redes. De que maneira a sociedade pode ter suas ações amplamente difundidas e em uma escala de tempo muito menor, senão por meio das redes telemáticas?

Longe de ter as suas ações pautadas apenas através delas, os movimentos sociais estão sabendo utilizar as tecnologias de informação e comunicação, de modo a difundir suas ideias, angariar recursos e militantes. Nesse sentido, é importante observarmos que os contatos pessoais continuam acontecendo: as reuniões presenciais dos movimentos sociais ainda existem, porém o que muda é que, além dessas formas tradicionais, foi agregado o uso de mídias digitais. Tais mídias têm um alcance muito maior que as reuniões presenciais e, inclusive, as potencializam, na medida em que é possível realizar reuniões com grupos sociais situados em distintas localidades.

A partir disso, as bases teóricas estão lançadas, de modo a permitir a maior compreensão dos fatos históricos que iremos trabalhar na próxima aula.

Atividade final

Atende ao objetivo 2

Os movimentos sociais foram potencializados, na sua ação política, quando passaram a fazer uso das mídias digitais. E isso não só a partir dos computadores, mas mesmo de celulares, como no caso do Brasil. Com base nesse conhecimento, analise a organização dos movimentos sociais a partir do advento das tecnologias de informação e comunicação. Redija um pequeno texto sobre as suas conclusões.

Resposta comentada

Que os movimentos sociais não são os mesmos nas suas formas de organização, isso já é fato. No entanto, o que é importante perceber é a maneira como os mais diversos movimentos (ambientais, raciais, homossexuais, eleitorais) ganharam força e dinâmica, em decorrência das redes mediadas por tecnologias de informação e comunicação. Se as redes sociais sempre existiram e os movimentos já se constituíam em redes, também chamadas de coletivos, ao estarem articulados às redes telemáticas, a esfera de ação política se amplia. É o que observamos com a Primavera Árabe, com o Greenpeace, Avaaz e outros tantos movimentos que surgem como resultado de demandas das sociedades. As redes telemáticas possibilitam uma organização mais eficiente, na medida em que promovem encontros de modo muito mais rápido do que por meios tradicionais. Trata-se de uma nova estratégia de organização da sociedade civil, que tem dado certo e mostrado os novos rumos da ação política da nossa sociedade.

Resumo

Nesta aula, percorremos o campo dos movimentos sociais, apresentando autores e teorias acerca de como a sociedade, organizada através de movimentos sociais, promove transformações diretas nas mais diversas escalas (local, regional, nacional, global). A título de exemplificação, tomamos como exemplo algumas reportagens sobre os países árabes que, durante a Primavera Árabe, conseguiram derrubar governos e dar nova organização ao tecido social local. Além disso, utilizamos o exemplo do Avaaz, que, na política brasileira, conseguiu mobilizar uma série de pessoas nos casos de corrupção.

Em resumo, foi preciso apresentar os fundamentos teóricos dos movimentos sociais, para que fosse possível compreender como, na era das redes, em que a comunicação ocorre de forma instantânea, acontece a organização de tais movimentos.

Informações sobre a próxima aula

Na nossa próxima aula, daremos continuidade ao estudo dos movimentos sociais. No entanto, o foco empírico estará sobre os movimentos do Oriente Médio (a respeito dos quais já apontamos algumas considerações nesta aula) e da América Latina, sobretudo do Brasil. Serão apresentadas considerações sobre os levantes que ocorreram em todo o país em junho de 2013, tendo a internet como principal meio de organização.

Aula 13

“Caiu na rede é peixe”: ciberespaço e a revolução recente no mundo árabe

Metas

Analisar os movimentos sociais da atualidade mais especificamente, o caso da Primavera Árabe, como potencializados a partir da internet.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os principais movimentos sociais da atualidade articulados no ciberespaço;
2. analisar a organização dos movimentos sociais por meio das redes no ciberespaço;
3. analisar o potencial do ciberespaço na ação dos movimentos sociais articulados na ocasião da Primavera Árabe, em 2011.

Pré-requisitos

Para o entendimento desta aula, você precisa saber o conceito de redes sociais, estudado na Aula 12.

Introdução

Deixamos esta aula para desenvolver, mais diretamente, alguns casos emblemáticos de movimentos sociais ocorridos nos últimos anos. Como exemplo, podemos citar a onda de protestos que se deu nos países árabes em 2011, chamada de Primavera Árabe, e as várias manifestações que tivemos no Brasil em meados de 2013. Um fato em comum nos dois eventos apresentados é que, em ambos, a ação em rede, através do ciberespaço, garantiu a repercussão dos movimentos, tendo influenciado manifestações populares organizadas em diferentes cidades.



Primavera Árabe

Entende-se por Primavera Árabe a onda de protestos e revoluções ocorridas no Oriente Médio e no norte do continente africano em 2011, quando a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições de vida.



Figura 13.1: Jornais durante revolução no Egito.

Fonte: <http://ow.ly/APTXJ>

Tudo começou em dezembro de 2010, na Tunísia, com a derrubada do ditador Zine El Abidini Ben Ali. Em seguida, a onda de protestos se arrastou para outros países. No total, entre países que passaram e que ainda estão passando por revoluções, somam-se à Tunísia: Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã.

Assim, a perspectiva analítica aqui apresentada considera o potencial que as tecnologias da informação e da comunicação têm na organização e estruturação da ação coletiva. Isso exige um olhar atento à maneira como os movimentos sociais se organizavam antes e como se organizam após o *boom* da internet, de modo a compreendermos a potencialidade e a riqueza que o uso de tecnologias da informação e da comunicação tem no tecido social.

Uma breve aproximação

Tanto no Brasil quanto nos países árabes, as manifestações aconteceram quase que em “efeito dominó”. Em outras palavras, quando uma manifestação aconteceu em um lugar qualquer, com a repercussão nas redes sociais digitais (Facebook, Twitter etc.), outras surgiram, em decorrência da primeira. É o caso da Primavera Árabe, que eclodiu em fins de 2010, tendo como início a “Revolução de Jasmim”, na Tunísia, e se espalhou pelo Egito, Líbia, Síria, Argélia, Marrocos, entre outros países. As manifestações dos povos árabes ocorreram dentro de um cenário de “um sentimento de insatisfação, gerado mediante os problemas sociais e a falta de liberdade” (BIJOS; SILVA, 2013, p. 62). Nesse sentido, vale lembrar que “muitas revoluções sociais na África, por exemplo, não buscavam inserir a população no mundo político, e sim, melhorias sociais, abertura social e governantes menos déspotas, porém sabe-se que nem todas as revoluções alcançaram êxito” (BIJOS; SILVA, 2013, p. 60).

Lopes e Oliveira afirmam que

O conjunto de revoltas, denominado de “Primavera Árabe”, apresenta-se com características diferenciadas em relação a qualquer outra revolta ocorrida no Magreb Africano e Oriente

Médio no último século. Seus traços combinam o novo e o antigo, transformando-a em um caleidoscópio com múltiplas cores e formas. A riqueza dos contextos árabes em cada região e Estado, com diferentes etnias, organizações de Estado, relações políticas e sociais, traz dificuldades para o exercício da predição. Isso oferece a qualquer analista um desafio – primeiro, de entender o que há de geral na Primavera Árabe e, segundo, de identificar a consequência específica que esse fenômeno transnacional gerou em cada Estado que atingiu, constituindo-se em plataforma de análise e estudo interessante e promissora. (2013, p. 65).

Assim como Lopes e Oliveira, o Relatório Especial do **CEEAA** (2001, p. 8) mostra, ainda, que os protestos no Norte da África sensibilizaram muitos dos africanos, dados os diversos problemas encontrados na região – restrição de liberdades, desigualdade social, problemas políticos. Dessa forma, tiveram grande eco entre a população e o restante do continente, apesar das diferenças entre eles. Portanto, quando os protestos se espalharam por mais de uma dezena de capitais africanas, muitos manifestantes fizeram comparações diretas com o caso do Egito e da Tunísia.

No relatório, continua-se afirmando que

Mais importante ainda, a experiência dos egípcios e tunisinos (e, em menor medida, dos líbios) demonstrou que manifestações populares organizadas em torno de objetivos definidos podem conduzir à destituição de dirigentes autocráticos que estão há muito tempo no poder, algo que não era possível por meio de eleições. Ao longo do processo, as populações africanas compreenderam melhor o significado do “poder popular”. De facto, perceberam que protestar é mais do que um meio de manifestar insatisfação: é um meio viável de gerar mudanças políticas concretas. (2001, p. 8).

No Brasil, as manifestações de junho de 2013 se espalharam, tendo como principal foco as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nelas, a insatisfação com o transporte público, associado a um aumento no valor das passagens, levou multidões a realizarem protestos que tomaram as principais cidades brasileiras em pouco tempo. É interessante notar que o que começou com o movimento em busca de um transporte eficiente, com qualidade e valor justo culminou numa série de manifestações plúrais que passaram a acontecer em inúmeras cidades do país, em defesa de diversos interesses.

CEEAA

Centro de Estudos Estratégicos de África, instituição que apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visem ao continente africano, oferecendo programas acadêmicos relevantes e de alta qualidade; fomentando a conscientização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com a segurança na África; criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais; assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para a África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.
Fonte: http://africacenter.org/wp-content/uploads/2011/11/ACSS-brochure_PORweb.pdf

Tal processo revela que os movimentos sociais, na atualidade, ganharam dimensão graças às tecnologias da informação e da comunicação. Note-se que esse tipo de manifestação popular não se vincula aos dias atuais apenas: desde meados do século XX, sobretudo nas décadas de 1970/80, já existiam movimentos fortes e articulados. Contudo, o que difere um do outro é justamente a forma de organização, já que os movimentos hoje em dia estão diretamente articulados em rede e através da rede mundial de computadores. As manifestações de junho de 2013 serão o tema da nossa próxima aula.

É salutar, também, deixar claro, mais uma vez, como entendemos o conceito de movimento social. Tal como propõe Scherer-Warren, trata-se de

uma ação grupal para a transformação (a práxis), voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (1989, p. 20).



Além disso, somos também partidários do conceito proposto por Souza, que afirma que

É conveniente reservar a expressão “movimento social” para designar ativismos particularmente críticos em relação aos *status quo*; ou seja, ativismos cuja dinâmica, longe de ser meramente adaptativa, é marcada por uma forte contestação, tácita ou explícita, da ordem socioespacial vigente. (2013, p. 75-76).

A organização dos movimentos sociais antes e depois da internet

Seguindo as ideias propostas na Aula 12, de que, hoje, os movimentos sociais se organizam e agem a partir de outras ferramentas e, portanto, as tecnologias de informação e comunicação potencializam essas ações, cabem ainda algumas explicações acerca das novas formas que as organizações da sociedade civil, a saber, os movimentos sociais, passaram a ter com a internet. No entanto, antes de qualquer coisa, é bom lembrar, também, que rechaçamos a ideia de que, com a internet, tudo se faz novo, ou que ela tudo resolve. Ao longo do nosso percurso com a Geografia do Ciberespaço, várias vezes apresentamos essa postura, já que, longe de tentar resolver todos os problemas, criando o que chamamos de determinismo tecnológico, propomos uma visão de totalidade. Ou seja, consideramos o importante potencial que as tecnologias da informação e da comunicação passaram a ter na sociedade.



Determinismo tecnológico

O conceito de determinismo tecnológico corresponde à visão amplamente difundida, sobretudo pelos tecnólogos e entusiastas do assunto, de que as tecnologias da informação e da comunicação, além de serem o futuro da sociedade, são também a solução de seus problemas. Trata-se de uma visão que propaga a ideia de que a vida com as tecnologias ficou melhor, desprezando as condições de existência pretéritas, que eram tão boas para aqueles que as vivenciaram, como são as atuais para nós.

Por outro lado, se há aqueles que consideram a tecnologia a “salvação da humanidade”, há também os pessimistas, que demonizam o seu uso. Estes são tão deterministas quanto os entusiastas. Assim, propomos, tal como apresentamos ao longo das nossas aulas, a superação dessas visões, de modo a possibilitar a compreensão da potencialidade das tecnologias, e mesmo os seus limites.

Assim, cumpre considerar, antes de nos atermos aos casos mais recentes de movimentos sociais, a maneira como eles se articulavam e se organizavam quando não havia ainda a internet e a consolidação de um ciberespaço. Dado esse passo, ficará mais inteligível a análise desses movimentos na atualidade.

Neste debate, um exemplo que podemos citar é a queda do muro de Berlim: um fato histórico, que ocorre antes do *boom* da internet, mas que ajuda a compreender a estrutura dos meios de comunicação, e mesmo da sociedade mediada por tais meios, para aquele momento histórico. Se olharmos os noticiários da época, disponíveis na rede, veremos o atraso com que as notícias circulavam fora da Europa.



Queda do Muro de Berlim

A queda do muro de Berlim foi o marco do fim da Guerra Fria. Trata-se de um momento de intensa articulação entre os movimentos sociais, mesmo antes do advento da internet.

No *link* a seguir, você encontrará um documentário sobre o assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=swPc6xpR4S8>.

Embora, durante a Guerra Fria, já tivéssemos um sistema de comunicação avançado, se comparado ao período da Segunda Guerra, tal não equivale ao que temos hoje. As notícias, na época, circulavam numa escala de tempo superior, mas que ainda não permitia uma organização dos movimentos sociais de modo tão instantâneo quanto hoje em dia. Essa instantaneidade nas relações sociais nos possibilita também ampliar o foco de análise para as ações da sociedade. Contudo, tal característica não era tão clara antes dos anos 1990.

Outro exemplo que podemos considerar é o movimento Diretas Já, que buscava maior abertura política do Brasil, a partir da redemocratização, com o voto direto para as eleições presidenciais. Estamos falando sobre os anos 1980, período em que os movimentos sociais já tinham

grande influência no país, sobretudo em decorrência de já se tratar do pós-ditadura. Inclusive, nessa mesma década, dada a possibilidade de propostas populares à Constituição, inúmeros movimentos se articularam para enviar suas propostas de emendas ao Congresso Nacional.



Diretas Já

No *link* a seguir, você encontrará um noticiário que cobriu algumas partes do movimento Diretas Já: <https://www.youtube.com/watch?v=ktBDcOkZr80>.

Com a redemocratização, muitas reuniões de entidades de classes foram realizadas no Brasil, porém ainda de forma muito rudimentar, já que, para propor emendas à Constituição, eram necessárias assinaturas de uma quantidade determinada de pessoas. Desse modo, dada a impossibilidade de recolhê-las de forma digital, tal como temos hoje com a Avaaz, houve certa morosidade no processo, o que, junto a fatores políticos, fez com que a Constituição se consolidasse apenas em 1988.



Conectas Direitos Humanos

Figura 13.2: Reunião do Avaaz sobre os direitos humanos.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/70350777@N07/8106166928/sizes/o/in/photostream/>



Avaaz, que significa voz em várias línguas europeias, médio-orientais e asiáticas, é uma plataforma *on-line* lançada em 2007, com a ideia de realizar uma missão democrática. Trata-se de uma ação pública coletiva que visa mobilizar pessoas de todos os países para construir uma ponte entre o mundo em que vivemos e o mundo desejável. A *Avaaz* mobiliza milhões de pessoas, prezando pela diversidade entre elas, para agirem em causas internacionais urgentes, desde pobreza global até conflitos no Oriente Médio e mudanças climáticas.

Acesse o *site*: www.avaz.org/po.

A partir dos anos 1990, os movimentos sociais passaram a se organizar de outra maneira, potencializados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Essa nova forma de organização se prolonga até os dias de hoje, tendo surgido, nesse tempo, novas demandas da sociedade, que fizeram emergir novos movimentos sociais. Isso se dá porque, com as tecnologias da informação e da comunicação (a princípio, os computadores, depois, os computadores portáteis – *notebooks* e *netbooks* – e, hoje, os *smartphones*), a organização dos movimentos sociais passou a estar vinculada a outras escalas, além da local.

Em outras palavras, as redes comunicacionais possibilitaram uma nova configuração das relações interpessoais, impondo uma nova lógica escalar. Se, antes, as pessoas, instituições sociais e empresas se organizavam em uma única escala, isto é, local-local, regional-regional, global-global, nacional-nacional, hoje, com as tecnologias da informação e da comunicação, há uma relação escalar mais fluida, possibilitando uma ação multiescalar, ou, como aponta Souza, uma política de escalas, que se trata de uma

Articulação de ações e agentes operando em níveis escalares diferentes (isto [...] é, que possuem magnitudes e alcances distintos), com a finalidade de potencializar efeitos, neutralizar ou diminuir o impacto das ações adversas ou tirar maiores vantagens de situações favoráveis (2013, p. 196 apud SOUZA, 2010, p. 42).

Se antes a organização dos movimentos sociais se dava de forma rápida, através de telefones, cartas e outros meios de comunicação, hoje, e precisamente a partir dos anos 1990, ela passou a acontecer de forma instantânea. Ao mesmo tempo, conforme apresentamos nas Aulas 2, 3 e 4, tal estruturação da sociedade só se tornou possível a partir do momento em que as bases infraestruturais estavam consolidadas, ou seja, quando se consolidou uma geografia do ciberespaço. Fato é que, com esses avanços tecnológicos, foi possível uma organização e interação instantânea das pessoas envolvidas em causas políticas, o que trouxe maior amplitude de ação aos movimentos sociais.

Estamos falando, portanto, de uma escala de tempo muito mais rápida, que se tornou instantânea. Essa realidade se vincula a todos os tipos de mobilizações sociais, desde um movimento organizado em um bairro, até aqueles em escala nacional, como o **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**, o Movimento Passe Livre, entre outros. Tal fato revela, ainda, uma complexidade maior desses movimentos sociais, em face da ampliação dos sistemas comunicacionais e da apropriação destes pela sociedade civil organizada. Nesse sentido,

o resultado decorrente da ampliação dessa complexidade se manifesta com a diversificação das formas de organização da sociedade civil, com o objetivo de mobilizar recursos, fomentar debates, organizar e dar visibilidade às ações no terreno da práxis (GRIGOLI, 2012, p. 51).

Precisamente, ao fundamentar-se uma geografia do ciberespaço, os movimentos sociais passaram a se organizar e a se articular de outras maneiras. Em outras palavras, a sociedade passou a se organizar em rede, o que significa que os movimentos sociais ganharam nova configuração quanto à ação política e na defesa de seus interesses, que se potencializaram com o uso da internet.

Isso significa que “caiu na rede é peixe”, ou seja, tudo o que cai na rede mundial de computadores, a saber, a internet, ganha proporções mundiais. E isso acontece na mesma medida com as organizações da sociedade civil. Como afirma Souza,

as redes sociais, o Twitter e todas as conexões virtuais e em rede colaboram significativamente para o processo de mobilização e articulação de ativistas, mas não substituíram, antes complemen-

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Movimento social
autônomo formado
por centenas de
trabalhadores rurais que
lutam pela terra, pela
Reforma Agrária e por
transformações sociais
necessárias para o Brasil.
Adaptado de: <http://www.mst.org.br/node/7702>

Resposta comentada

Antes da internet, os movimentos sociais já se organizavam em redes, isto é, já existia uma forma de articulação e organização em formato de rede, pois cada movimento consistia numa série de pessoas, com interesses compartilhados, que buscavam a realização de tais interesses. Tal organização ocorria de forma mais lenta, na medida em que dependia dos meios de comunicação e transportes existentes, a saber, telégrafos, cartas, telefones, aviões, entre outros. Portanto, é o advento das tecnologias da informação e da comunicação, precisamente da internet, e, com isso, da consolidação do ciberespaço, que permite aos movimentos sociais, em todas as partes do Brasil e do mundo, agir em busca dos seus interesses de maneira mais rápida, instantaneamente.

Tal ação social em rede passa a acontecer de forma multiescalar, já que não é mais preciso, em função da internet, limitar-se a hierarquizações preestabelecidas historicamente. Ao contrário, há uma maior horizontalização das ações dos movimentos sociais, que passam a reunir indivíduos presentes nas mais diversas partes de um país, incluindo até mesmo aqueles situados em outros países. Dessa maneira, é de suma importância para os movimentos sociais articularem-se através da internet, buscando, assim, maior potencialidade de ação.

Por exemplo, a Avaaz, ao organizar abaixo-assinados pela internet, consegue ampliar seu poder de alcance popular, reunindo assinaturas vindas de lugares diversos, cuja participação física atrasaria o processo. O transporte de tais assinaturas demoraria, enquanto pela internet tudo ocorre de forma mais rápida, inclusive um abaixo-assinado. De igual modo, inúmeras campanhas do Greenpeace ganham repercussão mais ampla, em decorrência de estar sendo utilizada a rede de internet.

Primavera Árabe e as redes

Antes de mais nada, vamos ao exame de algumas imagens que ilustram certas questões sobre a Primavera Árabe:



Figura 13.3: Protestos na Síria.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/piaser/5706602950/sizes/m/in/photostream/>

De forma muito genérica, as imagens desta seção indicam uma série de protestos em busca de interesses compartilhados. Isso significa dizer que um conjunto de pessoas se reuniu para lutar por aquilo que desejava – no caso em questão, por mais democracia, melhores condições de saúde, educação, entre outras reivindicações. O que vai distinguir esses protestos dos demais é o uso da internet para a articulação e organização da sociedade. Diferentemente de outras mobilizações populares, ocorridas em épocas pretéritas, o que acontece em 2011 no mundo árabe revela que a insatisfação quanto aos governos ganha dimensões globais, quando disseminada na internet.

A internet foi uma das chaves do sucesso dos protestos, o acesso às tecnologias com alcances globais proporcionou que a população egípcia se levantasse contra o seu governante. Uma página na rede social conhecida como Facebook foi criada com o nome “dia de fúria”, mostrando a importância da rede nos protestos. (BIJOS; SILVA, 2013, p. 65).

Nesse sentido, Ramos, ao fazer uma análise sobre a Primavera Árabe no Egito e na Síria, atentando para as repercussões de tais protestos no conflito entre Israel e Palestina, revela o importante papel da internet. De acordo com a autora,

a utilização da internet, em concreto, das redes sociais como o Facebook foram instrumentos que desempenharam [sic] especial importância no atual ciclo revolucionário. Através da internet foi possível denunciar a repressão; pôr em contacto realidades semelhantes; publicitar as suas dificuldades; marcar hora e data para os protestos; promover foros de discussão. Os bloqueios de internet por muitos dos regimes não foram suficientes para travar as revoltas. (2013, p. 34).

Nesse contexto, quando pensamos a questão da internet e sua influência sobre algumas revoluções da mesma época, como as dos países ao norte da África, o Relatório da CEEA aponta que

Ao mesmo tempo que os súbitos acontecimentos da Primavera Árabe representam um detonador ou catalisador dos anseios de reformas políticas na África, outras mudanças fundamentais ocorridas na última década vieram reforçar as perspectivas democráticas do continente, a principal das quais foi a considerável evolução dos sistemas de informação na África. Dezenas de milhões de africanos estão hoje ligados numa rede global e recebem informações através de meios que não existiam há meia dúzia de anos. Este instrumento de peso e o seu rápido desenvolvimento por todo o continente acarreta profundas mudanças sociais, económicas e políticas. Os africanos dispõem agora de mais fontes de informação independentes, novas formas de partilhá-las, maior conhecimento sobre os seus dirigentes e governos e mais oportunidades de manifestar as suas opiniões e apoiar os reformadores. (2011, p. 10).

No entanto, a mesma internet que serviu de impulso para informar ao mundo o que estava acontecendo nos países árabes, para além das lentes das grandes empresas midiáticas, foi vista como um problema por ditadores, como **Muamar Kadafi**. Isso fez com que o governante ordenasse o corte da internet para diversas cidades do país, impossibilitando um acompanhamento das reais condições locais durante os protestos.

Muamar Kadafi (1942-2011)

Coronel responsável pela deposição da monarquia e implantação de uma ditadura militar na Líbia, em 1969. “Kadafi nacionalizou boa parte das atividades económicas do país, entre elas a extração de petróleo. Após anos de repressões e relações internacionais tensas, têm início manifestações contrárias ao regime militar”.
Fonte: <http://topicos.estadao.com.br/kadafi>

É importante considerar, ainda, que a disseminação de informações sobre o que se passava em cada um dos países onde estavam acontecendo protestos ajudou a angariar apoiadores aos movimentos em curso. Ou seja, a população com acesso à internet, ao divulgar informações na rede, o que deixou de ser privilégio apenas das grandes empresas midiáticas, possibilitou que inúmeras pessoas no mundo todo passassem a defender a revolução árabe. Isso pode ser lido não só por meio do apoio expresso por sírios, egípcios, líbios e outros nativos que habitavam fora do Oriente Médio, como também pela declaração favorável de diversas organizações sociais aos protestos no mundo árabe.



Deunvistazo

Figura 13.4: Manifestação em Madri, em apoio aos protestos na Síria.
<https://www.flickr.com/photos/angulaberria/9759131871>



Sobre a Primavera Árabe, há alguns documentários no Youtube, como o que você pode encontrar no *link* a seguir: https://www.youtube.com/watch?v=dV9x_0eBuVg.

de fato, dependiam de cartas, telefonemas etc., hoje, acontecem de forma instantânea com o uso da internet. Isso faz com que alguns movimentos sociais tomem proporções para além da escala local, passando a ser percebidos por indivíduos e organizações que estão em outras áreas do estado, país, continente. Tal projeção pode ou não atrair adeptos à causa, mas implicam, ou, até aqui, têm implicado em transformações, já que ampliam a pressão em torno dos governantes para modificar suas ações. Por outro lado, a própria revolução árabe tem indicado que, se os movimentos sociais utilizam as redes de informação e comunicação, os governantes também o fazem, no intuito de restabelecer o poder historicamente centralizado.

Conclusão

No caso específico dos países árabes, percebemos que a internet foi importante para a articulação e a organização dos movimentos sociais que buscavam melhores condições de vida para a população. O que começou num país se espalhou para diversos outros, onde os regimes ditatoriais impunham obrigações e, mesmo, restrições à sociedade. Tais processos conduziram a uma insatisfação generalizada, expressa através de protestos, como aqueles ocorridos na Praça Tahrir, no Cairo, tão bem noticiados.

Mais que isso, o uso da internet para organizar manifestações em praças públicas revela que não basta apenas se expressar pela/na rede. Ele aponta para a necessidade de encontros presenciais e, então, de protestos em espaços públicos, reiterando o papel determinante destes. Isso ajuda a superar a ideia de que a internet tudo resolve e confirma nossa posição, desde o início, claramente definida, de que ela potencializa, mas não determina as ações dos movimentos sociais.

Atividade final

Pesquise como se deu a articulação em rede dos movimentos sociais durante a Primavera Árabe. Para isso, você deve buscar informações sobre quais redes sociais digitais foram mais utilizadas e de que forma os habitantes das principais regiões envolvidas se comunicavam.

Resumo

Nesta aula, refletimos sobre os movimentos sociais articulados em rede, precisamente, sobre a forma como eles conseguiram potencializar a sua ação por meio da rede mundial de computadores, sendo tal fenômeno mais forte a partir da década de 1990, quando ocorre o *boom* da internet no Brasil e no mundo. Ainda, a partir de fatos empíricos, como a queda de regimes ditatoriais no mundo árabe, em 2011, refletimos sobre como é possível uma ação política socialmente articulada por meio da internet.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, focaremos no caso brasileiro. Especificamente, falaremos acerca dos levantes sociais de meados de 2013, ocorridos em diversas cidades do país. Dando sequência à ideia de que “caiu na rede é peixe”, analisaremos mais profundamente de que maneira, no Brasil, a internet foi tão importante quanto no mundo árabe, no que diz respeito à busca de transformações exigidas pela sociedade civil através dos movimentos sociais.

Aula 14

“Caiu na rede é peixe”: ciberespaço
e os levantes populares em
junho de 2013 no Brasil

Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Meta

Analisar os protestos ocorridos em junho de 2013 no Brasil e de que maneira a articulação por meio das redes sociais digitais possibilitaram maior ação da sociedade em busca de múltiplos interesses.

Objetivos

Ao final desta aula, esperamos que você seja capaz de:

1. analisar de que maneira a organização dos protestos de junho de 2013 foi potencializada por meio das redes sociais digitais;
2. avaliar as formas com que os protestos foram divulgados pelas redes sociais digitais e pelas mídias tradicionais.

Introdução

Esta aula completa e, ao mesmo tempo, encerra o nosso raciocínio sobre as redes e sua potencialidade para os movimentos sociais na atualidade. A ideia levada a cabo até aqui de que “caiu na rede é peixe” indica que consideramos que na rede tudo tem validade a depender dos atores e interesses envolvidos. Ora, a história de uma família qualquer pode não suscitar interesse senão àqueles que fazem parte da parentela. Contudo, se pensarmos em algo relacionado à Família Real da Inglaterra, qualquer informação teria um valor altíssimo.



Figura 14.1: A história de uma família comum pode não ser interessante, porém, qualquer informação relacionada à Família Real da Inglaterra tem um valor altíssimo.

Fonte: <http://goo.gl/KxCU3j>

Pensando dessa forma, podemos transferir o raciocínio para analisarmos os movimentos sociais. Ou seja, estamos querendo dizer que as informações circuladas na rede mundial de computadores sobre um movimento ‘X’ pode ter mais, ou menos, importância e repercussão a depender do que esse tal movimento defende. Isso também está associado ao interesse da população em geral em torno da causa defendida por meio do movimento ‘X’. Sem embargo, uma das estratégias de muitos movimentos sociais é, justamente, ao difundir suas ideias e mensagens, sensibilizar a população a lutar pela causa em questão. É o que vemos quando falamos de Greenpeace, Fórum de Reforma Urbana, entre outros, em que se busca envolver a população a partir de elementos da vida cotidiana.

São situações simples, como consumo de água em excesso, proteção de uma dada área natural ou mesmo a revolta de algumas parcelas da população que não têm casa onde morar, que podem sensibilizar os cidadãos.



No *link* a seguir, você encontrará um pequeno trecho de um documentário que mostra como o Movimento de Reforma Urbana atua: <https://www.youtube.com/watch?v=3veVdJAmb3Y>.



Greenpeace no Facebook

Exemplo de postagem do Greenpeace no Facebook:

Energia descentralizada e sustentável. Vilarejo de Dharnai, na Índia, declara sua independência do escuro com sistema de microgeração de energia solar que atende mais de 400 famílias locais. Saiba mais: <http://bit.ly/1rkD6Tw>.

Fonte: <https://www.facebook.com/GreenpeaceBrasil/photos/a.174182977542.122535.159103797542/10152233218372543/?type=1&theater>

Por seu turno, quando pensamos nos levantes ocorridos no Brasil, no ano de 2013, que sacudiram o país de norte a sul, de leste a oeste, podemos perceber o importante papel que a internet teve para que as revoltas de junho ganhassem tal dimensão. Os protestos tomaram conta da cena urbana do nosso país, desde as cidades pequenas do interior dos estados até as cidades médias e, principalmente, as metrópoles.

Semelhantemente ao caso árabe, a internet tem um papel central nesse contexto, pois por meio dela organizaram-se protestos, reuniões, entre outras articulações. Também por meio da internet foram criticados

aqueles que estavam nas passeatas apenas com o interesse em criar rupturas nos objetivos dos movimentos. Dentre as críticas, podemos observar inúmeras que apontaram a “baderna” feita por alguns indivíduos durante as reivindicações. Tal apontamento tinha sentido negativo para revelar que o real propósito das manifestações era a defesa de interesses coletivos em busca de melhores condições de existência.

Em outras palavras, os protestos de meados de 2013 possibilitaram a compreensão de que a rede de computadores serve muitas vezes como difusor de informação, mas foi no papel de bomba propulsora para a realização de fatos concretos que a internet mais se destacou. Isso não significa que antes os movimentos sociais não tivessem tamanha forma, mas estamos falando de articulações entre movimentos sociais localizados em diferentes partes do território nacional. Tais articulações ocorreram em decorrência de interesses de ação compartilhados (EGLER, 2013) que uniram movimentos diferentemente especializados.

Pensando os movimentos sociais em rede no Brasil

Para Vieira (2012, p. 189), em conjunto com o debate sobre a globalização, é frequente encontrarmos discussões sobre a globalização “desde baixo” – que considera os sujeitos sociais, as pessoas, o cotidiano, e não apenas os atores hegemônicos –, dado que as organizações sociais, para além do Estado e do Capital, também assumem papéis diferenciados em virtude da globalização.

Ora, se a globalização implicou, historicamente, em transformações no campo econômico, trabalhista, das relações sociais, implicou também nas relações políticas. E não estamos falando de uma política que acontece nos grandes palácios, congressos, mas sim das políticas “de baixo”, isto é, que ocorrem nos bairros, nas cidades, em defesa de interesses de grupos que não são atendidos, sequer vistos pelo Estado. Isso pode ser observado na falta de infraestrutura básica de diversos bairros ao longo das cidades e, também, na má qualidade da educação para uma parcela significativa da população, sem escolas bem equipadas, sem material didático, entre outros problemas.

É justamente pela falta de ação do Estado que surgem insatisfações populares, já que o Estado, na maior parte dos casos, não defende os interesses da população, mas sim interesses de classes. O Estado atende, muitas vezes, os interesses de industriais, comerciantes, grandes produtores rurais, mas não as necessidades das classes populares, deixando-as à mercê da própria

sorte. Nesse sentido, não há uma defesa equânime em relação aos interesses da sociedade em geral, mas sim de interesses particulares. Esse foi, entre outras questões, o fundamento das insurgências populares ocorridas nos últimos anos, seja no Brasil ou no exterior. E não só nos últimos anos, mas em toda a história da humanidade. Segundo Secco,

As Jornadas de Junho de 2013 pareciam um enigma. Nem a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas. Ao contrário, a perplexidade adveio da manifestação puramente política, ainda que detonada pelos aumentos de tarifas de transporte público. Elas baixaram em mais de cem cidades e, ainda assim, as manifestações prosseguiram. (2013, p. 71).

Assim, o que começou com questões de transporte público se ampliou, agregando outras demandas da sociedade, gerando uma onda avassaladora de protestos em diferentes lugares do país. Porém, cabe considerar aqui que, para além dessas ações, já existem movimentos sociais que se organizam em rede, utilizando a internet, em diversos lugares do Brasil. Isso pode ser observado na imagem a seguir, em que aparece um recurso tecnológico moderno na reunião do movimento social, o que ajuda a dinamizar a ação e a organização do movimento.



Fora do Eixo

Figura 14.2: Encontro/Seminário de Mobilização e Articulação das Organizações e Movimentos Sociais Brasileiros em torno do Processo do Fórum Social Mundial, no Sindicato dos Engenheiros de São Paulo/SP.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/foradoeixo/13750815653/sizes/o/in/photostream/>



Overmundo

Figura 14.3: Encontro dos Movimentos Sociais em Belo Horizonte para discutir a conjuntura política de 2013 e agenda de lutas.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fotosovermundo/8426263806>

Protestos de junho de 2013 e as redes comunicacionais

Os protestos de junho de 2013 certamente ficarão marcados na história do Brasil. Isso porque, desde os movimentos e protestos ocorridos durante as décadas de 1970 e 1980, não tínhamos vivenciado processo com tal magnitude. Podemos afirmar até aqui que os protestos de 2013 consolidaram a grande revolução ocorrida nas primeiras décadas do século XXI. Estamos falando de uma grande revolução social, tal qual as que tivemos em outros períodos, como as Diretas Já, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Caras Pintadas.

Além disso, é interessante notar a maneira como os protestos foram organizados e noticiados. Organizados através da internet e tendo como estopim a luta pela redução do valor da passagem do transporte público em algumas metrópoles brasileiras (principalmente nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro), os protestos passaram a incluir diversas temáticas.

O **Movimento Passe Livre (MPL)**, que buscava alcançar não apenas um valor justo de passagem como também serviço de qualidade para os transportes públicos utilizados diariamente por milhões de brasileiros, aguçou uma série de outros movimentos, em que os cidadãos se mobilizaram na busca de seus direitos (MAMANI; FREIRE, 2013). Tais mo-

O Movimento Passe Livre (MPL)

“é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”.

Disponível em: <http://tarifazero.org/mpl/>. O MPL agrega pessoas há quase uma década para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Tal movimento foi um marco para que os cidadãos, durante meados de 2013, lutassem pela defesa dos seus interesses por meio de outros movimentos.

vimentos não estavam tão visíveis ao poder do Estado e revelaram que a sociedade vive em uma organização para além do domínio do visível, e aqui considere-se o que é visível aos olhos do Estado. Trata-se, portanto, do que Marcelo Lopes de Souza (2013) chama, seguindo Zibechi (1997), de “redes ocultas ou submersas”, que, de acordo com o autor,

[...] não apenas não são diretamente visíveis – como o é uma rede ou ferrovias –, mas, diferentemente de redes que gozam de ampla visibilidade ou mesmo de reconhecimento oficial (a exemplo das redes formalizadas as mais diversas, como as redes de ONGs), elas nem sequer são, em geral, percebidas pelo “grande público” ou pela mídia (SOUZA, 2013, p. 169).

Souza, ao debater o conceito de *redes*, na direção aqui tomada, aponta que as redes ocultas ou submersas permanecem ocultas “até o momento de eclodir um protesto, uma revolta ou um movimento que tem, na base, em parte, justamente a fermentação sociopolítica estruturada por meio de tais redes” (SOUZA, 2013, p. 169-170). No Brasil, pudemos observar tal dinâmica, em que as redes submersas ou ocultas não só se mostraram para o Estado e a sociedade em geral, como revelaram seu poder de organização e seu potencial de impacto. Além disso, estamos falando de redes que se organizam, articulam e comunicam através da rede mundial de computadores, e não mais a partir do que Lima (2013) chama de “velhas mídias” (televisão, rádio, jornais e revistas).

Assim, passemos à análise e reflexão acerca de como ocorreram esses movimentos e de que maneira a internet foi importante nesse momento da história do país.

A mídia e os movimentos de junho

Passado esse momento mais teórico e geral da aula, vamos à análise dos fatos, por meio de reportagens e fotografias que ajudarão no nosso caminho analítico. É importante considerarmos como os protestos foram noticiados pelo que chamamos anteriormente de “velhas mídias” para, então, observarmos o que foi informado acerca das redes sociais digitais e sua influência na organização da sociedade civil nesse momento da história. Esse posicionamento metodológico ajuda na reflexão, mediada por referenciais de autores da área sobre a questão.

Vejamos como os protestos foram noticiados:

Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos.

Nascapitais, minoriasenfrentaramapóliciaeoutrosmanifestantes. Em Ribeirão Preto (SP), um jovem morreu atropelado durante o protesto.

Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>

Veículos como El País e New York Times destacaram as causas dos protestos e apontaram, quase sempre, a insatisfação com problemas sociais.

Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-18/imprensa-internacional-destaca-protestos-no-brasil.html>

Imprensa internacional repercute protestos ao redor do Brasil

Jornais têm dado destaque às manifestações dos últimos dias. Morte de homem e reunião convocada por Dilma foram mencionados.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/imprensa-internacional-repercute-protestos-ao-redor-do-brasil.html>

Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas

Reivindicações vão de preço do transporte público a custos da Copa. Poucas cidades registraram confrontos com a polícia e vandalismo.

Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>

Só que até aqui não observamos, ou ainda não era salutar ou tão visível, o uso das redes sociais digitais para organização de ações coletivas. Mas pouco a pouco, dada a magnitude que os protestos alcançaram, tornou-se importante compreender como eles foram organizados e de que maneira tal organização alcançou parcela significativa das cidades.

Isso aponta também para o fato de que “a invenção de tecnologias digitais promove profundas mutações na comunicação social, colocando como desafio investigar a maneira pela qual a tecnologia transforma a política e produz transformações sobre o território” (EGLER, 2013, p. 197). Ainda nesse caminho, podemos considerar o que Sakamoto aponta acerca da relação entre as tecnologias de comunicação e as implicações desta sobre a realidade. Segundo a autora,

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política. (2013, p. 95).

Por seu turno, no *site* de notícias BBC, encontramos referência às redes sociais digitais e sua relação direta com os protestos. Na reportagem do jornal, é declarado que

Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos

Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc.shtml

Em outros veículos de comunicação, encontramos as seguintes notícias:

Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil

Fonte: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/2013/06/redes-sociais-difundem-e-dividem-protestos-no-brasil.shtml>

Protestos inundam redes sociais e formam um mosaico de idealismo

Diferentes grupos fazem o seu juízo das manifestações, entram em divergências, mas não deixam de expressar as suas convicções para o futuro do país

Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/06/protestos-inundam-redes-sociais-e-formam-um-mosaico-de-idealismo-4174181.html>

Carlos Rollsing, em reportagem do dia 18 de junho de 2013, afirma que

Um levantamento da empresa Tribatics mostrou uma detalhada apuração sobre as publicações no Twitter relacionadas às passeatas entre o início da tarde de segunda-feira e a manhã desta terça-feira. Foram mais de 604 mil tweets, disparados por 270 mil usuários.

As expressões mais utilizadas foram “Brasil”, “rua” e “a maior”. Isso sem contar as manifestações no Facebook e YouTube, que elevaram aos milhões as manifestações sobre os atos. As causas que motivaram as pessoas se multiplicaram. A tarifa de ônibus foi o gancho inicial, os gastos excessivos com a Copa foram um combustível extra, mas as redes sociais gritavam para denunciar corrupção, carências em saúde, educação e segurança e a manutenção do *status quo*.

Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/06/protestos-inundam-redes-sociais-e-formam-um-mosaico-de-idealismo-4174181.html>.

Não obstante, cumpre considerar que não estamos falando de movimentos recentes. Por exemplo, o Movimento Passe Livre – MPL – está associado à Revolta do Buzu, ocorrida em 2003, na cidade de Salvador. E inúmeros movimentos que se associaram ao MPL em junho de 2013, tomando as ruas das principais cidades brasileiras, têm histórico muito mais amplo. Em outras palavras, não se trata apenas de novos movimentos sociais, mas também de movimentos antigos, como podemos observar nos exemplos mencionados a seguir.



Revolta do Buzu

Em agosto de 2003, o aumento abusivo no preço da passagem do transporte público na capital baiana desencadeou manifestações em que se pedia o passe livre estudantil. Estudantes, organizados por grêmios e entidades representativas nas universidades, paralisaram, quase diariamente, de agosto a setembro, as principais vias de Salvador para reivindicar a redução da tarifa, de R\$ 1,50 para R\$ 1,30, a meia-passagem aos finais de semana e a criação do Conselho de Transporte na cidade.

Fonte: <http://memorialatina.net/2013/08/13/a-revolta-do-buzu-salvador-10-anos-de-luta-pelo-passe-livre/>



midianinja

Figura 14.4: Manifestação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST).

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/midianinja/9044433828/sizes/o/in/photostream/>

Conforme Peruzzo,

Para compreender essas manifestações políticas, há necessidade de flexibilização e revisão de categorias já consolidadas, no entanto, sem destruí-las, pois, por um lado, os novos movimentos expressam, entre outras, também lutas antigas dos movimentos sociais populares e, por outro, não anulam os demais, como os movimentos comunitários, os de mulheres, o Movimento de Luta por Moradia, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e assim por diante. (2013, p. 78).

Mas o fato é que aquilo que começou pela aspiração de melhorias no transporte público ganhou adesão de outros movimentos, conforme podemos observar nas imagens a seguir:



Isaac Ribeiro

Figura 14.5: Passeatas de junho de 2013 em Natal – RN.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/isaacribeiro/9390368148/sizes/o/in/photostream/>

Mudança de foco da mídia tradicional



Essa agregação de outras temáticas inspirou até mesmo músicas, como a de Seu Jorge:

Chega de impunidade
Chega de desigualdade
Chega
Todo mundo está enxergando
Não é pelos vinte centavos que estamos lutando
Chega de não ter casa pra morar
Chega de não ter grana pra pagar
Chega
O povo não está brincando
Não é pelos vinte centavos que estamos lutando
Chega
Todo mundo vai pra rua
Chega
[...]

Fonte: <http://musica.com.br/artistas/seu-jorge/m/cheга-nao-e-pelos-vinte-centavos/letra.html>

Outro fato interessante durante esses protestos foi a forma com que as mídias tradicionais os noticiavam. Se, nos primeiros dias, as mídias criminalizavam os protestos, logo depois, passaram a apoiá-los, mesmo levando em conta que nem todos os participantes tinham uma causa a defender e, por isso, acabavam fazendo baderna. Se, num primeiro momento, todos eram vistos como baderneiros, *a posteriori*, em decorrência do que estava sendo veiculado nas redes sociais digitais (Facebook, Twitter), ficou evidente que não poderiam ocorrer generalizações.

Os meios de comunicação tiveram um papel decisivo nos protestos. Enquanto as emissoras comerciais buscaram, no início, estigmatizar e criminalizar os manifestantes como “vândalos”, foram pressionadas a mudar, ainda que parcialmente, sua rota editorial com os excessos da violência policial. A imprensa alternativa acompanhou os acontecimentos nas ruas ao vivo nas redes sociais, assegurando uma diversificação de informação e de interpretações alternativas. Contribuiu, assim, para que a discussão sobre a democratização da comunicação ganhasse espaço na agenda pública (FONSÊCA, 2013, p. 1).

Por exemplo, as mídias tradicionais (rádio, TV) apresentaram notícias como esta:

Arnaldo Jabor: “Nunca vi o Brasil tão esculhambado como hoje. Perdoem a palavra grosseira, mas não há outra para nos descrever. Já vi muito caos no país, desde o suicídio de Getúlio até o porre do Jânio Quadros largando o poder, vi a morte de Tancredo na hora de tomar posse, vi o país entregue ao Sarney, amante dos militares”.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/cultura/a-incompetencia-12117530#ixzz3A79rZ1eU>.

Sem embargo, concomitante a essa tensão entre mídias tradicionais e mídias alternativas (Twitter, Facebook), inúmeras críticas foram tecidas às primeiras, na medida em que não noticiavam integralmente o que de fato estava acontecendo.

A distância entre o que acontecia nas ruas e o que era apresentado diariamente nas emissoras de televisão aumentou o repertório de críticas que já eram dirigidas à situação de concentração dos meios de comunicação no país. Os manifestantes, estigmatizados e criminalizados sob as adjetivações de “vândalos”, “baderneiros” e “arruaceiros”, viram-se mobilizados a dar respostas e reagir no enfrentamento do problema central que causa essa espiral do silêncio: a falta de diversidade na comunicação brasileira (FONSÊCA, 2013, p. 16).



Vinicius Serafim

Figura 14.5: Movimento vem para a rua.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/viniserafim/9119585047>



Bruno Coutinho

Figura 14.6: Jovens nos protestos de junho de 2013.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/coutinhobr/9102001627>



Editorial J

Figura 14.7: Protestos em junho de 2013 em Porto Alegre – RS.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/editorialj/9077853845>



Recentemente, foi lançado um documentário nos cinemas brasileiros sobre os protestos de junho de 2013, denominado *Junho*, dirigido por João Wainer. O trailer do documentário pode ser acessado no YouTube pelo *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=GQVpspSRhes>.

Além disso, outro documentário, disponível integralmente no Youtube, denominado *A partir de agora – as jornadas de junho no Brasil*, pode ser acessado no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=3dlPZ3rarO0>.

Outros tantos documentários podem ser acessados no YouTube, bem como uma série de vídeos realizados por pessoas que estavam participando das manifestações em diversas cidades brasileiras como Salvador, Recife e outras.

Resposta comentada

Se pensarmos nas redes sociais digitais apenas como formas de comunicação, pouco aproveitaremos o seu potencial. A história recente tem mostrado que, mais do que novos meios de comunicação, as redes sociais podem ser canais para promover manifestações, ou incitá-las, em toda parte, no país e no mundo. Através das redes comunicacionais, é possível haver transformações, a exemplo da maneira com que foram noticiados os protestos ao longo de 2013. Além disso, com as redes digitais, a forma de convocar a população para realização de protestos modificou-se, o que não significa uma extinção do espaço público material. O que ocorre é uma multiescalaridade, que possibilita a expansão da ação social para além da esfera local, tendo não só repercussão como também influência em outras realidades.

Conclusão

Os movimentos sociais na atualidade vivem um momento de redefinição das suas formas de ação. Isso porque, em decorrência da potencialidade desenvolvida pelas tecnologias de informação e comunicação, as formas de ação social também foram potencializadas. Isso exige um novo olhar sobre os movimentos sociais e mesmo sobre a escala de ação destes. Nesse ponto, é interessante ressaltar o papel da escala, ou mesmo o problema da escala, tal como apontam Souza (2013) e Castro (1995), pois, em função do avanço tecnológico, é válido suscitarmos o debate sobre a questão.

No Brasil, a forma com que ocorrem os movimentos sociais revela a necessidade de novas reflexões acerca da sua organização e ação. Os estudos da Sociologia já têm abarcado reflexões desse tipo, mas que ainda não estão tão bem desenvolvidas em outros campos disciplinares.

Os protestos ocorridos no Brasil, no ano de 2013, apontam para o fato de que, se o Capital e as ações do Estado se reestruturaram por con-

ta das tecnologias da informação e da comunicação, o mesmo caminho vem sendo trilhado pela sociedade civil organizada. Pode-se dizer que os movimentos sociais estão utilizando as mesmas ferramentas do Estado, embora estejam longe de se igualar na busca dos mesmos interesses; ao contrário, apresentam objetivos próprios e, em geral, diferentes daqueles expressos pelo Estado. As ferramentas mencionadas são as redes sociais digitais, portais como YouTube, *blogs*, entre outros, para a difusão de ideias, de modo a buscar a transformação da realidade local.

Não se trata apenas de utilizar as redes sociais digitais para a difusão de ideias, notícias, entre outros, mas, sim, de promover influência sobre a população de diversos lugares. Tal influência não deve ser lida de modo pejorativo, mas como elemento instigador de indignações, o que leva à busca por mudanças.

Concluimos com uma citação de Egler:

A ação coletiva possibilita a emergência de um espaço de comunicação virtual de *todos para todos*, em comunicação contínua. São redes sociotécnicas que possibilitam a associação de sujeitos coletivos que se auto-organizam em torno de objetivos compartilhados de ação, definindo novas articulações entre diferentes atores [...]. (2013, p. 200).

Nesse contexto, como já foi dito anteriormente, vale a analogia: “caiu na rede é peixe”. Qualquer ideia, por mais banal e ingênua que pareça ser, pode ser a pólvora necessária para a explosão de protestos em busca de atenção a interesses coletivos.

==== **Atividade final** ====

Tendo em mente o que trabalhamos com relação à utilização das mídias digitais para articulação de movimentos sociais, com o conceito de “caiu na rede é peixe”, imagine que você está articulando movimentos sociais para os protestos de junho de 2013. Sua função é mobilizar as pessoas deixando claro o tema de seu protesto, seus objetivos e como pretende protestar. Após definir o escopo do seu protesto, defina quais redes sociais digitais utilizará para mobilizar as pessoas, como se dará a comunicação dos objetivos, estratégias e demais assuntos e como as pessoas poderão participar das definições de sua mobilização social.

Aula 15

Ciberespaço, cotidiano e espaço público: temas para debates

Aldenilson dos Santos Vitorino Costa

Meta

Identificar as transformações ocorridas na vida cotidiana e no espaço público, oriundas da emergência das tecnologias de informação e comunicação, realizando uma síntese do que até aqui foi discutido.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a potencialidade das tecnologias no espaço público;
2. compreender o que muda na vida cotidiana com a tecnologia;
3. analisar as transformações do espaço público na era das redes.

O espaço on-line, full time

O que muda na vida cotidiana e na relação da sociedade com o espaço público quando a estes se juntam as tecnologias de informação e comunicação? Essa é a pergunta inicial que norteia esta aula.

Considerando o que vimos nas aulas anteriores, percebemos que, hoje, a tecnologia faz parte de todos os domínios da sociedade. Seja na economia, nos relacionamentos, na comunicação, entre outros, ela está cada vez mais presente em nosso meio. Diante disso, cumpre refletir sobre as tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana.

Para onde foi o futuro? A frase é título de um livro de Marc Augé (2012), em que o autor, ao desenvolver temas que envolvem fatos da atualidade, aponta algumas necessidades nevrálgicas para a compreensão desse “futuro”. A atualidade, entendida por ele como um misto de tecnologia, globalização e transformação da vida cotidiana, revela-se também como um momento em que a preocupação com o futuro torna-se importante. É interessante notar como o tema acerca da vida cotidiana é muitas vezes deixado de lado, quando tocamos no assunto tecnologia. Estamos falando do cotidiano sob uma perspectiva geográfica, em que, de um lado, há aqueles que trabalham com a tecnologia em escala mais ampla, a saber, as empresas especializadas (PIRES, 2007), os Estados Nacionais (SPÓSITO, 2008) e, no *lato sensu*, a Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999). Além dessa visão, há também o enfoque econômico e político, seguindo uma análise bastante marxista, tal como pode ser observado na obra de autores como Ana Fani, Odette Seabra e outros.

Longe de apontarmos quem está certo ou errado, é nosso interesse mostrar como o vínculo entre tecnologia de informação e comunicação e vida cotidiana, no campo da Geografia, ainda está aquém do que deveria. Isso porque, sendo a Geografia uma ciência, cujo objeto é o espaço geográfico, e sendo o espaço, como afirma Santos (2008a), um sistema de objetos (tecnologias, formas, matérias) e de ações (a sociedade, que dá sentido aos objetos), é mais que necessário considerarmos a relação entre tecnologia e sociedade para além da dimensão macro. Em outras palavras, é preciso haver análises que incluam tais tecnologias na esfera cotidiana.



Leituras recomendadas

Sobre a necessidade de se considerar o uso cotidiano das tecnologias, é interessante observar as pesquisas vinculadas aos campos da Psicologia, tais como as de Nicolaci-da-Costa (2006), Gonçalves (2006), Leitão (2006); da Sociologia, como as de Benakouche (2005), Gohn (2013); e da Antropologia, tendo como exemplo Pereira (2008). Há, ainda, algumas poucas pesquisas no campo do Planejamento Urbano e Regional (COSTA, 2012; LAPA, 1999) e no campo da Geografia, que focam, muitas vezes, o âmbito das infraestruturas (GOMES, 2001), da economia e mesmo da rede urbana (DIAS, 1995).

Diante dessa realidade, vamos apresentar, aqui, temas que suscitem pesquisas observando não só a tecnologia num sentido mais amplo, mas, também, dentro do universo cotidiano, ou seja, aquele das práticas diárias, que não necessariamente são repetitivas (MARTINS, 2008), mas só têm fundamento quando partilhamos dos mesmos signos e significados: costumes, sentidos de ação, que não podem ser compreendidos apenas na dimensão individual, mas sim, num universo coletivo, dentro de uma comunidade de atores. Trata-se, portanto, do universo do dia a dia, daquele que só tem sentido quando entendemos o tecido social na sua totalidade.

Geografia, tecnologia e cotidiano: um desafio

A Geografia, pode-se dizer, muito avançou quanto a considerar a tecnologia no processo de produção do espaço. Nesse sentido, cumpre destacar a contribuição nodal de Milton Santos, ao forjar o conceito de *meio técnico-científico-informacional* (2008a). O espaço, que é, ao mesmo tempo, produto e condição da realidade social (GOMES, 1996; LEFEV-

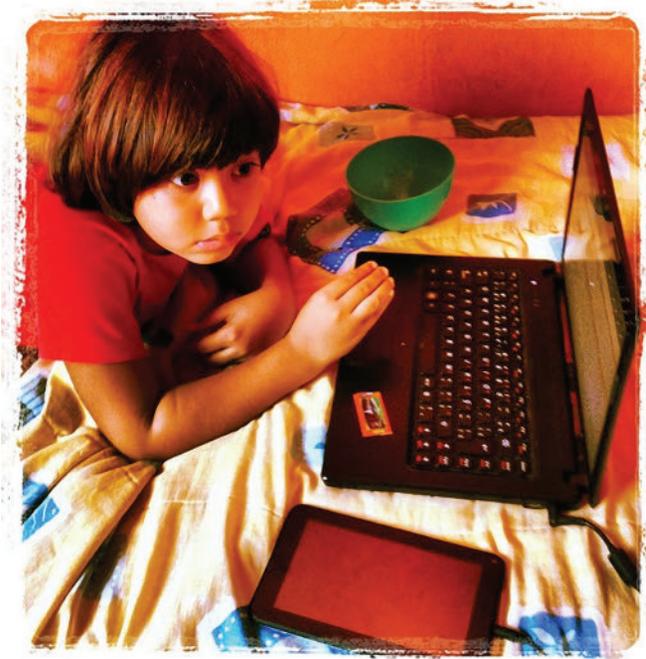
BRE, 2006), tem uma dinâmica muito associada aos processos evolutivos que incluem uma dimensão técnica. Já no fim de sua trajetória, Milton Santos o considerou, quando tratou do espaço banal (SANTOS, 2008b). É importante, mais uma vez, levarmos em conta essa temática, para que possamos compreender também as novas dinâmicas expressas no espaço público.

Ao longo das aulas, foi possível observar que a técnica é um elemento inerente ao homem, logo, à sociedade. Portanto, estamos falando de uma sociedade que desenvolve as técnicas mais diversas, no intuito de adaptar o meio às suas necessidades. Isso pode ser observado em trabalhos que fundaram o campo da Geografia, tais como os estudos da escola francesa. Ao considerar a adaptação do homem ao meio, Paul Vidal de La Blache não só consolidou o que depois veio a ser chamado de *possibilismo geográfico*, como também permitiu um novo olhar sobre as ações humanas. Trazendo isso para a história da sociedade, observamos que a evolução dos sistemas técnicos, que se transformaram em tecnologia, permitiu que hoje tivéssemos toda essa gama de recursos ao nosso dispor. Ao mesmo tempo, a informação passou a ser elemento estruturador não só da sociedade, como das evoluções tecnológicas.

Estamos falando de um meio que, outrora, era apenas técnico e que passa a ser científico, sobretudo a partir dos séculos XVII e XVIII. Depois, torna-se, também, informacional, a partir da segunda metade do século XX. Esses três momentos, ao se sobreporem, formam uma simbiose, que passa a ser lida numa totalidade chamada *meio técnico-científico-informacional*.

É nesse momento que a informação recebe papel estruturador num território marcado pela presença da globalização em todos os domínios sociais e locais (evidentemente, guardadas as devidas proporções). No entanto, há uma transformação que começa sobretudo no campo da economia, mas penetra no tecido social paulatinamente, fortalecendo-se a partir da década de 1990 e consolidando-se, de fato, nos anos 2000.

A imagem a seguir ilustra bem o quanto essa penetração na esfera social, para além da dimensão econômica, transformou o modo como vivemos não só individualmente, mas em comunidade.



Ricardo Luiz

Figura 15.1: Criança com vários aparatos tecnológicos.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/ricaldre/12135756256>

Não obstante, essa forte e crescente presença da tecnologia em nossas vidas, muitas vezes lida como um processo compulsivo, acompanha outros avanços, dos quais, de fato, nos tornamos dependentes. Pensemos juntos: alguém imagina uma sociedade sem energia elétrica? Ou um país sem recursos energéticos suficientes que possibilitem um pleno desenvolvimento? Certamente não. Podemos ir mais longe: você imagina uma sociedade sem água? Claro que não! No entanto, deve estar pensando que não há como viver sem água, já que nosso organismo depende desse recurso, o que tornaria a analogia sem sentido. Contudo, insistimos nessa ideia, justamente para demonstrar que o mesmo acontece com outros recursos.

O fato é que, quando falamos de informação e, mais ainda, das tecnologias de informação e comunicação, estamos falando de elementos que hoje são essenciais à sociedade, ou seja, que se tornaram estruturadores da realidade atual em todos os níveis: econômico, político, social, e mesmo no que diz respeito às relações interpessoais.

No entanto, quando olhamos para a Geografia, reconhecemos que tal impacto é lido, muitas vezes, de forma negativa, ao se considerarem aspectos sociais. Sobre essa questão, é interessante a crítica de Ana Fani (2007) aos computadores, segundo a qual eles estão impedindo uma sociabilidade presencial, transformando as relações sociais em apresenciais. Por outro lado, quando consideramos a infraestrutura, notamos que os avanços tecnológicos e esse papel, hoje, fundamental da informação no território não são acompanhados de um avanço no campo da vida cotidiana.

Ao mesmo tempo, há uma dificuldade em considerar as tecnologias de informação e comunicação no plano do cotidiano, o que revela certa deficiência em termos de metodologia de investigação das implicações desse plano no tecido social. Como devemos considerar o dia a dia, os processos repetitivos, aquilo que só tem sentido quando observado de acordo com as práticas diárias? Eis aí o grande desafio em se considerar e analisar a vida cotidiana. Quanto à Geografia, podemos dizer que não existe uma metodologia própria consolidada que contemple essa esfera aliada às tecnologias.

Claval (2010), quando toma para discussão a Geografia diante da era digital, no afã de entender a sociedade lida a partir desse campo de estudo, e reconhecendo os limites deste quanto às transformações advindas das tecnologias de informação e comunicação, afirma que

As mutações dos últimos quarenta anos dão à Geografia uma dimensão crítica que ela, até então, tinha em larga escala ignorado. Ela integra a dimensão subjetiva da experiência dos lugares que o positivismo tinha levado a ser negligenciada [...] (2010, p. 128).



Positivismo

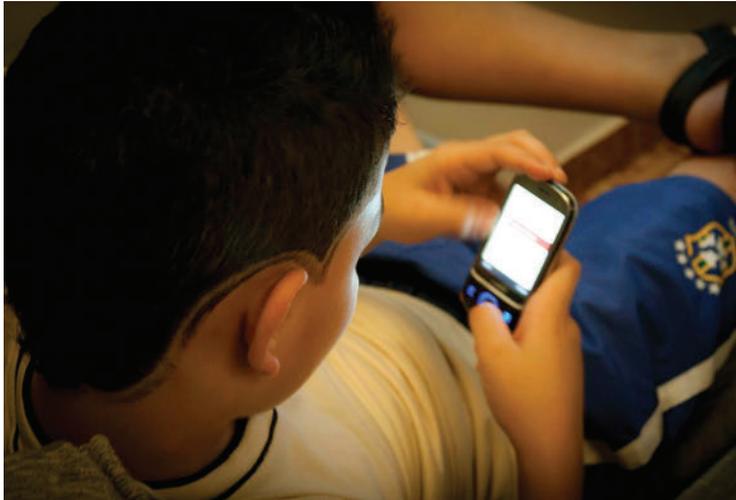


Auguste Comte.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_Comte

O positivismo é uma corrente científica surgida na França do século XIX, cujo principal nome foi Auguste Comte. O método clássico de análise a partir dessa perspectiva considerava a observação dos fenômenos para, então, promover a construção de leis (teorias) gerais que fossem passíveis de reprodução em qualquer realidade. Trata-se de uma corrente que desconsiderava elementos subjetivos, para pautar-se numa objetividade dada apenas pela ciência, tomando esta como a única via pela qual se poderia chegar a um conhecimento verdadeiro dos fatos. Ao mesmo tempo, essa corrente superestimava o papel da ciência na produção do que fosse verdadeiro e, assim, digno de ser considerado pela sociedade.

Fato é que as tecnologias de informação e comunicação não promoveram o fim dos encontros presenciais. Seria até um erro afirmarmos isso, embora algumas pessoas justifiquem sua ausência em reuniões entre amigos, familiares etc. por conta da tecnologia. Você mesmo deve conhecer alguém que está “viciado” em internet, contudo, isso não determina a extinção dos encontros pessoais.



Bruno Fontes

Figura 15.2: Desde crianças, somos expostos às tecnologias.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/brunofontes/5098469788>

Dessa maneira, dando continuidade ao que temos trabalhado ao longo das aulas, é preciso pensar a tecnologia no sentido relacional, ou seja, examinando as implicações desta na sociedade, o que inclui a vida cotidiana.

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

O debate em torno das tecnologias na Geografia ainda foca bastante em aspectos infraestruturais. Quais as principais dificuldades dessa área de estudo em observar outros aspectos vinculados a esse tema?

Resposta comentada

A principal dificuldade está na ausência de uma metodologia clara a partir da qual se possa ler, desde uma perspectiva geográfica, o que acontece na vida cotidiana a partir da introdução da tecnologia. Isso significa que é preciso que a Geografia converse mais com outras ciências, como a Sociologia e a Psicologia, de modo a consolidar uma metodologia geográfica para tais análises. Outra dificuldade é que, historicamente, a Geografia sempre buscou analisar processos que aconteciam em escalas maiores (nacional, regional), sendo recentes análises com foco local, que, mesmo assim, ainda não dão conta de compreender a vida cotidiana.

Vida cotidiana e tecnologia

Iniciaremos esta seção com algumas imagens para suscitar nosso debate.



Cloned Milkmen

Figura 15.3: Aparelhos eletrônicos da atualidade.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/clonedmilkmen/5111779335>



Massimo Regonati

Figura 15.4: Tecnologia moderna.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mastrobiggo/2448959338>

A partir de tais figuras, perguntamos:

- O que essas imagens lhe possibilitam pensar?
- Qual o seu olhar sobre a realidade repleta de recursos tecnológicos?
- Como é a sua vida a partir das tecnologias de informação e comunicação?



“Imaginação geográfica”

É importante considerar, como aponta Massey (2009), o poder da imaginação geográfica. Esta é essencial não só para a formação de um profissional da Geografia, como para a própria formação pessoal. Todos temos uma memória, que condensa imagens, fatos, momentos que marcaram nossas vidas e, a partir disso, surgem as imaginações. Daí a importância das imagens: elas servem para que você construa uma imaginação geográfica sobre a Geografia do Ciberespaço.

Talvez você continue pensando que as tecnologias não influenciam em nada na sua vida. Haverá, ainda, quem diga que não se imagina sem elas. Muito bem, tanto uma visão quanto a outra estão certas e erradas. Difícil? Vamos tentar melhorar.

Quem não se vê sem tecnologias está certo, pois estas criaram uma dependência tal como a de água e energia elétrica em nossas vidas; está, ao mesmo tempo, errado, pois em diversos momentos ao longo do dia, não estamos ligados diretamente aos recursos tecnológicos. Já quem pensa que estes em nada influenciam sua vida está certo, pois essa percepção é individual; e mesmo errado, pois tanto o uso de uma conta no banco e de cartões de crédito ou débito, quanto o ato de falar ao telefone – coisas bem simples – implicam na utilização de tecnologias informacionais.

Mas o que temos que observar é em que medida essas tecnologias informacionais criam novos padrões societários, ou seja, novas formas de ser, pensar e agir, um novo *habitus*, como afirma Bourdieu (1989), uma nova forma de socializar, de constituir relações sociais, tanto próximas quanto distantes. É preciso olhar para a vida cotidiana para que seja possível compreender o que de fato muda a partir das tecnologias informacionais.

Estamos falando, portanto, de práticas que passam a ser mediadas por tecnologias. Por exemplo, quantas vezes você, para marcar um encontro com alguém, vai até a casa dessa pessoa? Você deve estar rindo e pensando que há muitos anos não faz isso. Ou seja, hoje, você se utiliza de Whatsapp, Facebook e outros aplicativos para marcar encontros. E note que, mesmo quando o telefone já era bastante acessível, ainda era comum ir até a casa das pessoas para combinar de sair à noite, ir à praia etc.

Podemos citar outro caso: quantas pessoas ainda vão ao caixa pessoal de um banco para pagar contas? A resposta é: inúmeras. Contudo, na mesma proporção, existem muitas pessoas utilizando o *internet banking*, sistema bancário que pode ser acessado em casa para pagar contas, movimentar recursos, entre outras ações.

Diante disso, é notório que as tecnologias fazem parte das nossas vidas, para inúmeros fins. E, entre eles, consideramos também fins amorosos, como revela Gonçalves (2006) em sua pesquisa sobre relacionamentos que têm como princípio a internet. Porém, precisamos ter em mente que nada disso é determinante do fim de encontros presenciais, tratando-se apenas de uma nova dinâmica da sociedade mediada por tecnologias digitais.



As pesquisas realizadas por Gonçalves (2006), Pereira (2008) e Costa (2012) revelam que os relacionamentos na atualidade estão ganhando nova dimensão. Isso se dá porque a internet tem passado a mediar as interações sociais. Por exemplo, Costa (2012) atesta, em sua dissertação de mestrado, que as *lan houses* nas periferias das cidades são mais do que simples pontos de acesso à internet: representam, também, espaços de encontro para jovens, majoritariamente do sexo masculino, que vão ali para jogar e, através da rede, socializar com amigos, “azarar”, jogar conversa fora. Pereira (2008) mostra essa mesma dinâmica para esse tipo de estabelecimento comercial nas cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Quais elementos podem ser considerados para observarmos a influência das tecnologias na vida cotidiana? Cite exemplos de como essa influência ocorre em sua própria vida, avaliando seu impacto.

Resposta comentada

Desde os jogos *on-line* até as relações pessoais, percebemos de que maneira a tecnologia se faz presente no tecido social. As pessoas hoje passam horas jogando e mesmo conversando através da internet. As atividades em casa e no trabalho passam a ser mediadas por tecnologias digitais. Contudo, nada disso anula os encontros presenciais; ao contrário, potencializa-os. A tecnologia potencializa a forma como experimentamos o cotidiano das nossas vidas.

Tecnologia, vida cotidiana e espaço público

Quanto aos espaços públicos, hoje, como podemos analisá-los à luz das tecnologias digitais? O que mudou? O que não mudou? Eis aí outro desafio, pois esses espaços, na atualidade, ganham nova dimensão, sendo transformados e (re)significados em decorrência de tais recursos. Isso reitera a tese, por nós defendida, de que a tecnologia não determina, mas dá novos contornos às práticas sociais. Se o cotidiano é importante para compreendermos a influência das tecnologias em nossas vidas, de igual maneira podemos compreendê-lo quando olhamos para os espaços públicos mediados por elas.

Na era das redes, o espaço público ganha nova dimensão, ou, na melhor das hipóteses, novos conteúdos são atribuídos a ele. Mas isso não acontece de forma rápida: estamos dizendo que essa era segue, de certo modo, o curso da história, sendo os ambientes públicos utilizados pela população para a defesa de interesses, o estabelecimento de relações sociais, entre outras práticas. Portanto, não se trata de pensar esse espaço, atualmente, como se estivesse totalmente virtualizado, mas, sim, preche de ferramentas digitais que lhe dão novo sentido, (re)significando-o.

Nessa direção, vale a pena considerar a análise de Souza sobre as redes sociais digitais e os espaços públicos, combinação que acaba por influenciar a ação da sociedade. Para o autor:

[...] as redes sociais, o Twitter e todas as conexões virtuais e em rede colaboram significativamente para o processo de mobilização e articulação de ativistas, mas não substituíram, antes complementam a interação presencial em espaços públicos – maximamente simbolizados pela praça Tahrir, no Cairo –, a qual continua a ser importante política e sociopoliticamente (pressão, propaganda, estímulo recíproco entre ativistas). (2013, p. 178).

São considerados espaços públicos locais como praças, ruas e ambientes cujo acesso seja livre (como *shoppings*), que dão novo contorno à dinâmica social. Contudo, diante do atual processo de globalização, é importante analisarmos em que medida esses espaços são transformados, adaptados. Isso significa avaliarmos o papel das redes de informa-

ção e comunicação na (re)significação deles. Ora, se nas cidades colonial e imperial, e mesmo na república, os espaços públicos eram, antes, escassos, tendo sido, posteriormente, abertos à burguesia, até popularizarem-se, hoje, temos locais onde as tecnologias promovem um novo sentido de espaço público.



Figura 15.5: Rede *wi-fi* livre em *shopping* da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Fonte: Trabalho de campo realizado em 08 de agosto de 2014.

Um exemplo a ser dado sobre essa nova dinâmica é a prática cada vez mais comum de distribuição gratuita de sinal de internet em praças públicas de cidades, tanto no Brasil como no exterior. Isso pode ser observado na cidade de Pirai, onde há um amplo programa de digitalização, sendo que é na praça pública que mais se observa sua potencialidade. A principal praça de Pirai é apontada por Deffonteines (1944) como ponto nevrálgico para a ocupação e a dinâmica da cidade. O autor mostra a maneira como o local foi importante para a consolidação de um tecido social e político no município. Hoje, essa mesma praça tem novo significado, associado não só às práticas de conversar, encontrar amigos etc., como também ao uso da internet.



Aldenilson Costa

Figura 15.6: Rede *wi-fi* gratuita em praça pública na cidade de Pirai. Fonte: Trabalho de campo realizado em 27 de setembro de 2014.



Aldenilson Costa

Figura 15.7: Pessoas utilizando internet na praça pública em Pirai. Fonte: Trabalho de campo realizado em 27 de setembro de 2014.

No entanto, independentemente da existência de programas de ampla digitalização nas cidades, fato é que os espaços públicos já são frequentados com o uso de tecnologias, ou seja, inúmeras pessoas vão a praças, *shoppings* e outros locais portando celulares, *smartphones*, *tablets*. Por exemplo, o simples fato de ir à praia num dia de sol não significa que você deixará de levar consigo seus aparelhos tecnológicos. Um caso bem interessante é o Aterro do Flamengo, onde as pessoas ficam embaixo de árvores ou em bancos de concreto, utilizando celulares.

No mesmo ambiente, crianças brincam com *tablets*, o que não significa que não estejam interagindo pessoalmente.

As tecnologias também podem facilitar encontros. Por exemplo, amigos que combinam de ir à praia podem se comunicar para saber onde cada um está. Além disso, devemos considerar as fotos, que são tiradas em qualquer espaço público e postadas na mesma hora na internet, em redes sociais digitais. O que antes parecia o futuro visto apenas nas telas de cinema, hoje é realidade. E os espaços públicos são reconfigurados, de modo a atender essa nova dimensão da sociedade mediada por tecnologias de informação e comunicação.

Estar num local público não é mais sinônimo de estar desconectado, mas, sim, de manter-se *on-line full time*, ou seja, o tempo todo. É no âmbito público que, a qualquer momento, algo novo pode acontecer e cair na rede de internet numa fração de segundo.

==== **Atividade 3** ====

Atende ao objetivo 3

Qual a influência da tecnologia sobre a forma com que nos apropriamos dos espaços públicos?

Resposta comentada

Não importam as circunstâncias, hoje os espaços públicos são utilizados juntamente com tecnologias digitais. A simples ida a uma praça, por exemplo, implica levar celular, *smartphone*, *tablet*, quando não o próprio computador. Independentemente de haver internet *wi-fi* gratuita nos espaços públicos, o uso de tecnologias nesses lugares é cada vez mais comum. Estamos falando de locais que, tradicionalmente, servem como

pontos de encontro, tendo ganhado nova dimensão quando utilizados com tais recursos. Para alguns, esse uso pode significar ausência de interação, mas, para outros, estar num espaço público com tecnologias pode potencializar os encontros e as ações da sociedade. Assim, mais do que olhar o que mudou, é importante considerar de que maneira o espaço público está sendo (re)significado com as tecnologias de informação e comunicação.

Conclusão

A vida cotidiana passa hoje pelo crivo das tecnologias. Pensar qualquer indivíduo sem um mínimo de contato com elas é quase inviável, o que não significa que todos estejam no mesmo patamar em seu uso. Ainda assim, desde as funções mais primárias até as mais complexas, hoje somos envolvidos por recursos tecnológicos.

Dessa maneira, é imprescindível que, no trato da sociedade contemporânea, consideremos as influências das tecnologias sobre esse cotidiano, seja no simples uso do celular ou na prática de levar *tablets* e computadores para todos os lugares.

É uma realidade o fato de as tecnologias de informação e comunicação estarem remodelando os espaços concretamente e, assim, o território. De norte a sul, é possível verificar isso, sobretudo quando observamos cidades que estão cada vez mais aparelhadas tecnologicamente. Mais do que isso, esses recursos implicam também a reestruturação ou (re)significação do que se entende como espaço público.

Se, por um lado, o espaço público consiste no espaço da ação política, tal como acontecia na pólis grega, hoje ele continua a ter essa dimensão, embora algumas práticas tenham mudado. O estopim para a ação política pode ter outra configuração, ocorrendo no espaço virtual, produto de relações que acontecem no espaço real. Isso quer dizer que o que cai na rede mundial de computadores é fruto de problemas e angústias do mundo real, do cotidiano. Da mesma forma, o que explode na rede ganha projeção no espaço concreto.

Assim, é nosso desafio pensar, na atualidade, o papel das tecnologias na reestruturação do espaço público e, conseqüentemente, na prática política. Devemos ter em mente que nosso estudo não se limita ao saber geográfico, exigindo perpassar por múltiplas disciplinas.

Atividade final

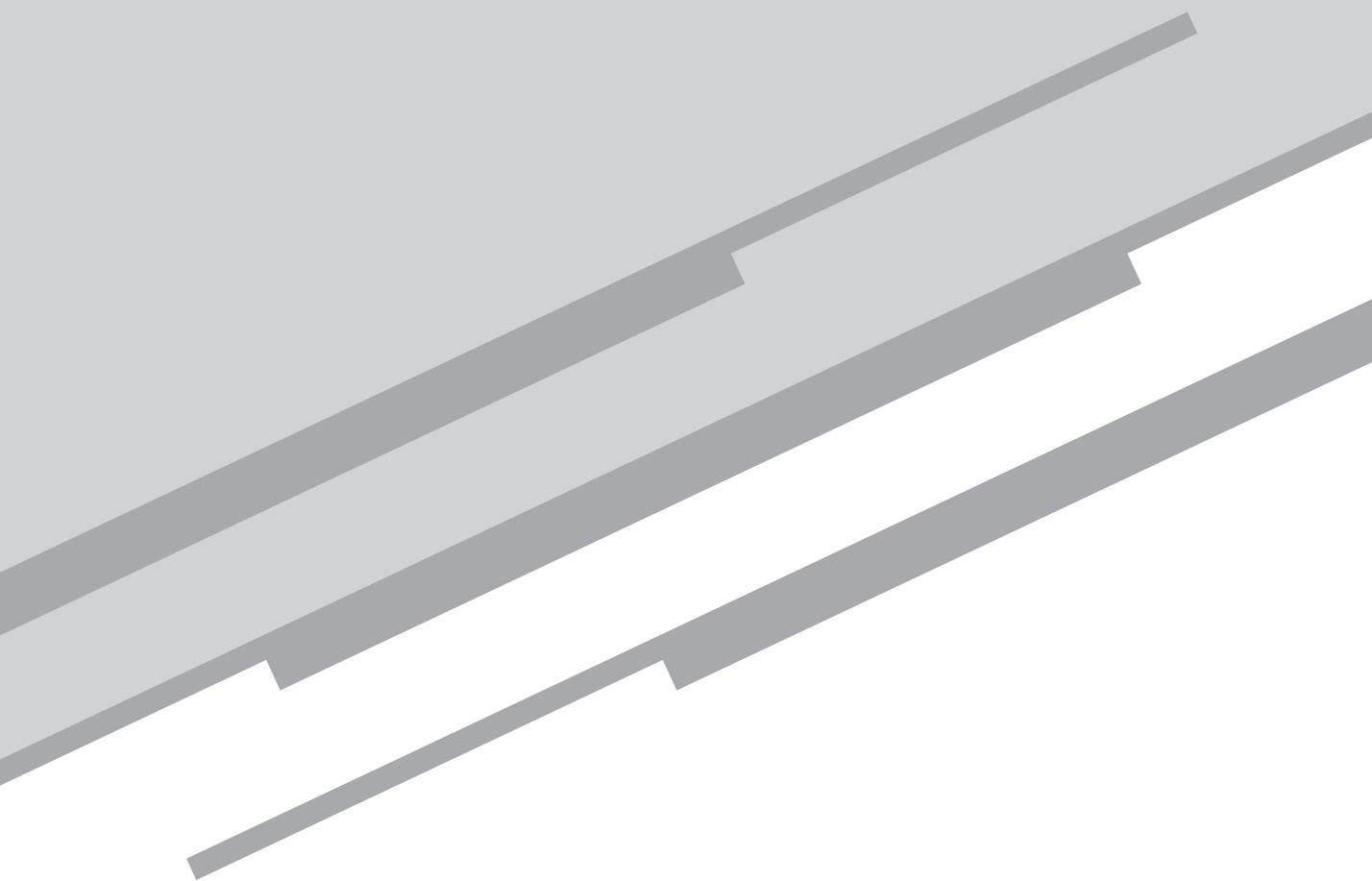
Atende ao objetivo 2

Busque, em sua cidade, exemplos concretos de como a tecnologia tem modificado a forma como nos apropriamos do espaço público. Pense, ainda, como ela pode ser utilizada para potencializar a sociabilidade da comunidade e/ou a ação social local. Para tanto, você deve fazer um levantamento quantitativo de três elementos: telecentros, *lan houses* e espaços com *wi-fi* gratuito, considerando seu bairro, ou mesmo sua cidade. Os dados devem ser apresentados por meio de gráficos e tabelas, que devem ser entregues em formato digital para o *e-mail* do tutor *on-line*.

Resumo

Nesta aula, estudamos as relações entre vida cotidiana, tecnologia e espaço público, buscando analisar em que medida as tecnologias transformam a nossa maneira de vivenciar o cotidiano e de experienciar esses espaços. O conceito de cotidiano, lido como as práticas diárias que não necessariamente são repetitivas, passa, atualmente, a ter que considerar as tecnologias digitais. Ao mesmo tempo, o espaço público, na atualidade, exige a compreensão de suas relações com tais tecnologias, suscitando uma análise de como elas influenciam na apropriação deles pela população.

Referências



Aula 8

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Organizado por Tadao Takahashi. Brasília, DF, 2000.

CARVALHO, Olívia Bandeira de Melo. “Jogar, encontrar amigos ou espalhar o currículo por aí”: uma etnografia na *lan house* e no telecentro. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

COSTA, Aldenilson dos Santos Vitorino. *Sociabilidade na era das redes em Palmas*. 2012. 154 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Refletindo a transição da sociedade industrial para a sociedade da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). *El rostro urbano de América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

FINQUELIEVICH, Susana; PRINCE, Alejandro. *El (involuntário) rol social de los cibercafés*. Buenos Aires: Dunken, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LEMOS, André; REGITANO, Eugênia; COSTA, Leonardo. Incluindo o Brasil na era digital. In: LEMOS, André (Org.). *Cidade digital: portais, inclusão e redes no Brasil*. Salvador: Edufba, 2007.

MATEUS, Carlos. *Lan house e cibercafé*. *Verbo jurídico*, set. 2006. Disponível em: <http://www.verbojuridico.com/doutrina/tecnologia/lanhouse_cibercafe.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2014.

MORAES, Fernando Dreissig de. *A “cidade digital” de Porto Alegre (RS): um estudo sobre espaço urbano e tecnologias de informação e comunicação a partir da apropriação do estado e de grupos (ciber)ativistas*. 2012. 206 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

NAZARIO, Helga; BOHADANA, Estrella. Lan house e telecentro: inclusão digital de jovens de baixa renda? *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, p. 110-143, 2012.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, Vanessa Andrade. Na lan house, “porque jogar sozinho não tem graça”: estudo das redes sociais juvenis on e offline. 2008. 362 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PRESSE, France. China aumenta restrições para o uso de lan houses. *R7*, 7 abr. 2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/china-aumenta-restricoes-para-o-uso-de-lan-houses-20100407.html>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2008b.

_____. *Técnica, tempo e espaço*. São Paulo: Edusp, 2008c.

SILVINO, Alexandre Magno Dias; ABRAHÃO, Júlia Issy. Navegabilidade e inclusão digital: usabilidade e competência. *RAE electron*, São Paulo, v. 2, n. 2, jul./dez. 2003.

Aula 9

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Olívia Bandeira de Melo. “Jogar, encontrar amigos ou espalhar o currículo por aí”: uma etnografia na lan house e no telecentro. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

COSTA, Sergio. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 121-134, 1997.

COSTA, Aldenilson dos Santos Vitorino Costa. *Sociabilidade na era das redes em Palmas - TO*. 2012. 154 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, Leila Christina. Redes: uma emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: Conceitos e temas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FINQUELIEVICH, Susana; PRINCE, Alejandro. *El (involuntário) rol social de los cibercafés*. Buenos Aires: Dunken, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Das redes informais às redes-deliberativas: mídia, públicos reflexivos e cidadania. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p. 1-18, jan./jun. 2006.

NAZARIO, Helga; BOHADANA, Estrella. Lan house e telecentro: inclusão digital de jovens de baixa renda? *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, p. 110-143, 2012.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, Vanessa Andrade. *Na lan house, “porque jogar sozinho não tem graça”*: estudo das redes sociais juvenis *on e offline*. 2008. 362 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

REBS, Rebeca Recuero. A vida cotidiana como acontecimento: a perspectiva da compreensão do acontecimento em *sites* de redes sociais. *Cambiassu: revista científica do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão*, São Luís, ano 19, v. 2, n. 5, jan./dez. 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A atualização técnica do urbano. *Revista Cidades*, Presidente Prudente, v. 5, n. 8, 2008.

SANTOS, Milton. *Técnica, tempo e espaço*. São Paulo: Edusp, 2008d.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Aula 10

ALONSO, Katia Morosov. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 747-768, out. 2008. Edição especial.

ALVES, Walter. Com as novas tecnologias, quem é o aprendiz: professor ou aluno? *Gazeta do Povo*, 2 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/com-as-novas-tecnologias-quem-e-o-aprendiz-professor-ou-aluno/>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). *Vivências com aprendizagem na internet*. Maceió: Edufal, 2005.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ENS, Romilda Teodora. Relação professor, aluno, tecnologia: um espaço para o saber, o saber fazer, o saber conviver e o saber ser. *Revista Colabora*, Curitiba, v. 1, n. 1. p. 37-44, fev. 2002.

FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONNE, Délcia (Org.). *Ser professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 57-72.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 13. ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante. *Formação de professores e novas tecnologias: possibilidades e desafios da utilização de webquest e webfólio na formação continuada*. Disponível em: <<http://www.ensino.eb.br/portaledu/conteudo/artigo7780.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A atualização técnica do urbano. *Revista Cidades*, Presidente Prudente, v. 5, n. 8, 2008.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org.). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

Aula 11

ALVES, Glória da Anunciação. TV e vídeo: uma possibilidade de discussão de região. *Boletim Paulistano de Geografia*, São Paulo, n. 79, p. 49-62, jul. 2003.

BARROS, Gílian Cristina. *Webquest: metodologia que ultrapassa o ciberespaço*. Paraná: MEC, 2005. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012622.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

CALADO, Flaviana Moreira. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 12-20, jan./ jun. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/159/pdf501>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4. ed. Porto Alegre: EDUFRRGS, 2003.

DODGE, Bernie. *Webquest: uma técnica para aprendizagem na rede internet*. Traduzido por Jarbas Novelino Barato. Disponível em: <http://www.dm.ufscar.br/~jpiton/downloads/artigo_webquest_original_1996_ptbr.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2014.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Refletindo a transição da sociedade industrial para a sociedade da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). *El rostro urbano de América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

GUIMARÃES, Iara. Ensino de geografia, mídia e produção de sentidos. *Terra Livre*, Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 27-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.agb.org.br/files/TL_N28.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2015.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 13. ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

NUNES, Camila Xavier; RIVAS, Carmen Lúcia F. R. Novas linguagens e práticas interativas no ensino da Geografia. In: *ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA CAMINANDO EN UNA AMÉRICA LATINA EN TRANSFORMACIÓN*, 22., 2009, Montevideo. *Anais...* Montevideo, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area03/3107_Figueroa_Razoni_Rivas_Carmen_Lucia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2014.

RICARTE, Daniel de Brito; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de Geografia. In: SOUZA, Robson Pequeno; MOITA, Filomena M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Org.). *Tecnologias digitais na educação*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola: como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

Aula 12

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIAS, Leila Christina. Redes: uma emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: _____; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

- EGLER, Tamara Tania Cohen. Refletindo a transição da sociedade industrial para a sociedade da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). *El rostro urbano de América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2004.
- _____. Diversidade metodológica para a pesquisa de redes sociotécnicas. In: _____. (Org.). *Ciberpólis: redes no governo da cidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- FERNANDES, António Teixeira. Conflitualidade e movimentos sociais. *Análise Social*, Lisboa, v. 28, n. 123-124, p. 787-828, 1993.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOSS, Karine Pereira; PRUDÊNCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. *Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 1 (2), p. 75-91, jan./jul. 2004. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/em-tese/article/view/13624/12489> >. Acesso em: 27 abr. 2015.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.
- _____. Redes e configurações de comunicação e informação: construindo um modelo interpretativo de análise para o estudo da questão do conhecimento na sociedade. *Investigacion Bibliotecológica*, Cidade do México, v. 14, n. 29, p. 69-94, 2000.
- _____. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- RODRIGUES, Cibele M^a Lima. Movimentos sociais (no Brasil): conceitos e práticas. *Sinais*, Vitória, v. 1, n. 9, p. 144-166, jun. 2011.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.
- _____. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008b.
- _____. *Técnica, tempo e espaço*. São Paulo: Edusp, 2008c.

_____. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

TEIXEIRA, Viviani Correa. A contribuição da internet para os movimentos sociais e redes de movimentos sociais e o caso do Movimento Internacional Pela Adoção ao Software Livre. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007.

BANDEIRA, Manuel et alii. *Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 185-187.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Aula 13

BIJOS, Leila; SILVA, Patrícia Almeida da. Análise da Primavera Árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. *Revista CEJ*, Brasília, ano 17, n. 59, p. 58-71, jan./abr. 2013.

CEEA. África e a Primavera Árabe: uma nova era de expectativas democráticas. *Relatório Especial do CEEA*, Washington, n. 1, nov. 2011.

GRIGOLI, Juliana de Jesus. Gestão de redes de movimentos sociais: um breve estudo sobre a Rede Agroecológica Ecovida. *Em Tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Florianópolis. v. 9, n. 2, p. 47-61, jun./dez. 2012.

LOPES, Dawisson Elvécio Belém; OLIVEIRA, João Paulo Ferraz. O mundo árabe pós-2010: entre a primavera e o inverno. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 64-75, abr. 2013.

RAMOS, Cátia Filipa de Oliveira. *A Primavera Árabe no Egito e na Síria: repercussões no conflito israelo-palestiniano*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)–Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Aula 14

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Da rede para a rua: tecnologia e reinvenção da democracia. In: _____ (Org.). *Reinvenção da democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

FONSÊCA, Daniel. *Não dá para não ver: as mídias nas manifestações de junho 2013*. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

LIMA, Venício. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

MAMANI, Hernán Armando; FRIERE, Jussara. Cartografia do “Movimento Passe Livre” na imprensa do estado do Rio de Janeiro. In: EGLER, Tamara Tania Cohen (Org.). *Reinvenção da democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

PERUZZO, Cicilia. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). *Matrizes*, São Paulo, ano 7, n. 2, p. 73-93, jul./dez. 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, Ermínia. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

Aula 15

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso em: 12. mar. 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, Paul. *Terra dos homens: a geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Leila Christina. *Reseaux d'information et reseau urbain au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 1995.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Redes sociotécnicas, políticas públicas e gestão democrática da cidade. In: _____ (Org.). *Ciberpólis: redes no governo da cidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GOMES, Cilene. Telecomunicações, informática e informação e a remodelação do território brasileiro. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Cilene. informação, comunicação e a remodelação do território brasileiro. *Revista Geográfica Venezolana*, Venezuela, v. 43, n. 2, p. 265-287, 2003.

GONÇALVES, Maria Souza. Ciberespaço, ciberamantes, ciberamigos. In: ROCHA, Everardo [et al.] (Org.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

LEITÃO, Carla Faria. Inventando novas vidas em novas realidades. In: ROCHA, Everardo [et al.] (Org.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: ROCHA, Everardo [et al.] (Org.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

PEREIRA, Vanessa Andrade. Entre games e folgações: apontamentos de uma antropóloga na lan house. *Revista Etnográfica*, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 327-352, nov. 2007.

_____. *Na lan house, "porque jogar sozinho não tem graça": estudo das redes sociais juvenis on e off-line*. 2008. 362 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PIRES, Elson. As lógicas territoriais do desenvolvimento: diversidades e regulação. *Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, cidade* v. 8, n. 2, p. 155-163, set. 2007.

RANDOLPH, Rainer. Tecnologia de informação e comunicação, redes de computadores e transformações socioespaciais contemporâneas. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. *A natureza do espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

_____. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008c.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPÓSITO, Eliseu Savério. *Redes e cidades*. São Paulo: Unesp, 2008.